

BOLETIM *de* ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS, ARTES, SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

RIO DE JANEIRO, MARÇO DE 1938

ANNO VII

N.º 6

ESCREVEM NESTE NUMERO:

ADEMAR VIDAL — AURELIO GOMES DE OLIVEIRA
CORREIA DE SÁ — DANILO BASTOS — DIAS DA COSTA
EDGARD CAVALHEIRO — GASTÃO CRULS
GERARDO MELLO MOURÃO — HAMILTON NOGUEIRA
JOÃO DE BARROS — LUIZ GURGEL DO AMARAL
MARIO BORGES DA FONSECA — MARQUES REBELLO
MOISÉS GYKOVATE — NEWTON SAMPAIO — OSORIO DUTRA
PEREGRINO JUNIOR — RAYMUNDO MORAES
SERGIO SOARES — VIRIATO CORREIA

NESTE NUMERO

Secções de:

CINEMA,
MUSICA
e DISCOS

Correspondencia de
LISBOA

NESTE NUMERO:

"UM INGRATO"

Conto de
ARTHUR AZEVEDO

"AMOR"

Conto inédito de
OMER MONT'ALEGRE



PAULO WERNECK

PREÇO PARA TODO O BRASIL: 2\$000



5.^a EDIÇÃO (12.000 exemplares)
DE UM PRODIGIOSO RO-
MANCE DE AMOR E CIUME
QUE SE TORNOU O MAIOR
SUCESSO DE LIVRARIA
DOS ULTIMOS TEMPOS.



SEQUANA**O MELHOR LIVRO
FRANCEZ DO MEZ**

Temos o prazer de anunciar aos nossos leitores que a ARIEL EDITORA LTDA. se tornou representante exclusiva, para todo o Brasil, dessa importante sociedade francesa de edições, de renome universal, SEQUANA.

COMITE' SEQUANA

O Comité Sequana de Paris está constituído por Henry Bordeaux, Joseph Bédier, Paul Valéry, André Champeix, Pierre Benoit, François Mauriac, Abel Bonnard, Léon Berard, Edmond Jaloux, Pol Neveux, Fortunat Strowsky, Tristan Derème, Pierre Lyautey, Henri Massis, André Maurois, Jean-Louis Vaudoyer e Georges Duhamel.

No Brasil o Comité de Honra de Sequana conta com a presidencia de Sua Excellencia o Senhor Marques Lefèvre d'Ormesson, Embaixador de França no Brasil.

E os membros desse Comité são: Annibal Falcão, redactor-chefe d'*O Economista*, director da *Revue Française du Bresil*; Elmano Cardim, Director do *Jornal do Commercio*; Herbert Moses, Presidente da Associação Brasileira de Imprensa; Miguel Osorio de Almeida, da Academia Brasileira de Letras, ex-reitor da Universidade do Distrito Federal; Raul David de Sanson, medico; Rodrigo Octavio Filho, homem de letras, advogado; Senhoras Anna Amelia Carneiro de Mendonça, poetiza, directora da Casa do Estudante do Brasil; Branca Fialho, escriptora; Lucia Miguel Pereira; Lucia Magalhães, inspectora do ensino secundario; Maria Eugenia Celso, poetiza e escriptora; Maria Velloso, escriptora, professora de francez por concurso no Instituto de Educação; Rachel Boher, directora da Bibliotheca Circulante do Rio de Janeiro.

**CONDIÇÕES GERAES DE
ASSIGNATURAS**

As assignaturas são pagas no acto da subscrição

Só são validas as assignaturas INTEIRAMENTE PAGAS:

a) directamente na Sede da Sociedade: Rua Sete de Setembro n.º 162-1.º and., — Rio de Janeiro. b) por cheques, ordens de pagamento, vales postaes, etc., endereçados a ARIEL, EDITORA LTDA. c) CONTRA NOSSOS RECIBOS, em mãos de nossos cobradores, agentes ou correspondentes, devidamente autorizados por escripto por nós.

A assignatura dá direito a receber UM LIVRO POR MEZ, durante 12 mezes seguidos, a partir do mez seguinte ao da assignatura, e nas condições indicadas para cada caso: A, B, C, ou D.

As assignaturas cujos pagamentos forem feitos antes do dia 20 de cada mez, começarão no mez immediato.

Os livros são enviados pelo correio, cuidadosamente acondicionados, ou re-

mettidos, aos endereços indicados pelos assignantes nos seus coupons de assignatura.

Nossos assignantes poderão fazer enviar seus livros ao nosso escriptorio, onde nós os conservaremos á sua disposição.

Em caso de mudança de endereço, avisar POR CARTA REGISTRADA, antes do dia 20 do mez anterior á mudança.

ABONNEMENT A

Tarif N.º 1

Collection des AMIS DE SEQUANA

IMPRIME' sur beau et fort vélin blanc de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression soignée. — Tirage spécial.

BROCHE', sous couverture papier Japon deux couleurs.

Rs. 160\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

ABONNEMENT B**Collection des AMIS DE SEQUANA**

IMPRIME' sur beau et fort vélin blanc de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression soignée — Tirage spécial.

RELIE' plein cuir, véritable basane fine rouge, tête et tranches jaspées, titre et fers spéciaux à l'or, tranche-fil et signet soie.

Rs. 300\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

Tarif N.º 1

ABONNEMENT C**Collection de BIBLIOPHILE**

IMPRIME' sur le véritable papier de chiffon de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression DE LUXE. Tirage spécial.

RELIE' CUIR LUXE, larges plats. X— Entièrement fait à la main. — Tête et fers spéciaux à l'or. — Couleur: fauve, bleu ou rouge (au choix).

Rs. 380\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

ABONNEMENT D**Collection de BIBLIOPHILE**

IMPRIME' sur le véritable papier de chiffon de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression DE LUXE. Tirage spécial.

RELIE' GRAND LUXE, chagrin fin poli, avec bande, plats toile fine; tête, titre et fers spécial à l'or. Couleur: fauve, bleu, rouge, vert ou gris (au choix).

Rs. 500\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

BULLETIN D'ABONNEMENT

A remplir avec soin et à envoyer par la poste à:

ARIEL, EDITORA LTDA. — Rua 7 de Setembro, 162-1.º and. — RIO DE JANEIRO

Je soussigné (NOM)

ADRESSE

VILLE ETAT

declare souscrire à abonnement **SEQUANA**

(Barrer les indications inutiles)

A à 160\$000 broché C à 380\$000 relié cuir luxe fauve, bleu rouge

B à 300\$000 relié plein cuir D à 500\$000 relié grand luxe fauve, bleu, rouge, vert, gris.

aux conditions du tarif SEQUANA N. 1 ci-joint.

Adresse pour l'envoi des livres

Je vous envoie ci-joint par chèque, par mandat postal, par lettre chargée,

p. porteur, la somme de \$ montant de abonnement

Signature

EDIÇÕES "ARIEL"

IMPORTANTE: Os assignantes do BOLETIM DE ARIEL, gosarão de um desconto de 20 % sobre o preço destes livros quando os mesmos forem adquiridos directamente no nosso escriptorio, e de 10 % quando, attendendo a pedidos do interior, os tivermos de remetter pelo correio, correndo então por nossa conta as despesas de porte.

ENSAIOS

A. da Silva Mello — Problemas do Ensino Medico e de Educação	10\$000
Edson Lins — Historia e Critica da Poesia Brasileira ..	10\$000
José Simplicio — Retrato Popular de um homem .. .	5\$000
Stendhal — Do Amor (Trad. de Marques Rebello e Corrêa de Sá)	15\$000
Estudos Afro-Brasileiros	12\$000
Auguste de Saint-Hilaire — Viagem ao Rio Grande do Sul	15\$000
F. Contreiras Rodrigues — Traços da Economia Social e Politica do Brasil Colonial	12\$000
Paulo Prado — Paulistica — Historia de São Paulo 2. ^a edição augmentada	6\$000
Agrippino Grieco — Estrangeiros	8\$000
" " — S. Francisco de Assis e a Poesia Christã	8\$000
" " — Evolução da Prosa Brasileira....	10\$000
Gilberto Amado — Espirito do nosso Tempo — 2. ^a ed.	5\$000
" " — Dias e horas de vibração.....	5\$000
" " — A Dansa Sobre o Abysmo	7\$000
Miguel Ozorio de Almeida — A Vulgarização do Saber	7\$000
V. de Miranda Reis — Ensaio de Synthese Sociologica — 2. ^a edição augmentada	8\$000
Renato Kehl — Como Escolher um bom Marido — 2. ^a edição	4\$000
Octavio de Faria — Destino do Socialismo	10\$000
Luc Durtain — Imagens do Brasil e do Pampa — (Trad. de Ronald de Carvalho) 2. ^a edição	6\$000

ROMANCES E NOVELLAS

Gastão Cruls — Vertigem — 2. ^a edição	6\$000
Iago Joé — Bagunça	6\$000
Cornelio Penna — Fronteira	6\$000
Gastão Cruls — A Amazonia Mysteriosa — 4. ^a edição	6\$000
Graciliano Ramos — S. Bernardo	6\$000
Lucia Miguel Pereira — Em Surdina	7\$000
Miguel Ozorio de Almeida — Almas Sem Abrigo ..	7\$000
Flavio de Carvalho — Os Ossos do Mundo	7\$000
Victor Axel — Germana	5\$000

ROMANCES DE AVENTURA

Georges Simenon — O mysterio de um morto	5\$000
" " — O cão amarello	5\$000
" " — Um crime na Hollanda	5\$000

CONTOS

Rodrigo M. F. de Andrade — Velorios	6\$000
Roquette Pinto — Samambaia	6\$000
Marques Rebello — Tres Caminhos	5\$000
Gastão Cruls — Coivara	7\$000

TRADUÇÕES DE GASTÃO CRULS

René-Albert Guzman — Ciume — 5. ^a edição	6\$000
Kesse — Luxuria — 4. ^o Milheiro	6\$000
T. S. Matthews — A Caminho da Forca	6\$000

POESIA

D. Milano — Antologia de Poetas Modernos	6\$000
Maria Eugenia Celso — Fantasias e Matutadas	6\$000
Murilo Mendes — Historia do Brasil — Philosophia humoristica	5\$000

COLLECÇÃO "CRIMES CELEBRES"

Evaristo de Moraes — O Caso Pontes Visgueiro	6\$000
Vida e Morte de Maria Lafarge, a envenenadora	5\$000

JURISPRUDENCIA

José Julio Soares — Sociedades Cooperativas — 4. ^a edição — br.	15\$000
Trajan de Miranda Valverde — A fallencia no direito brasileiro — 1. ^a Parte, Vol. I — br.	30\$000
Trajan de Miranda Valverde — A fallencia no direito brasileiro — 1. ^a Parte, Vol. II — br.	25\$000
Trajan de Miranda Valverde — A fallencia no direito brasileiro — 2. ^a , 3. ^a e 4. ^a Parte, Vol. III br.	30\$000

PEDAGOGIA

Baptista de Castro — Vocabulario Tupy-Guarany	7\$000
Celsina de Faria Rocha e Bueno de Andrade — Tests	10\$000

LITTERATURA INFANTIL

Paulo Guanabara — A Origem do Mundo — (1. ^o vol. da collecção: "Historias do Tio João")	8\$000
--	--------

PEDIATRIA

Dr. Suikire Carneiro — Roteiro das Mães (Alimentação da Creança) — 1. ^o vol.	6\$000
--	--------

CHIROMANCIA

Arhus Sab. — A mão e Seus Segredos — 3. ^a edição augmentada	10\$000
---	---------

NARRAÇÕES

Ranulpho Prata — Lampeão	6\$000
--------------------------------	--------

HISTORIA

General Tasso Fragoso — Historia da Guerra entre a Triplice Alliança e o Paraguay — 5 vol.	50\$000
---	---------

ECONOMIA E FINANÇAS

Kurt V. Eichborn — Ouro ou Dinheiro? e O Enigma do Dinheiro	3\$000
Alfredo Manes — Observações Economicas e Juridicas Sobre o Seguro	10\$000

COLLECTANEA

Boletim de Ariel — Anno I — Out. 1931-Set. 1932 — 1 vol., encad.	40\$000
Boletim de Ariel — Anno II — Out. 1932-Set. 1933 1 vol., encad.	40\$000
Boletim de Ariel — Anno III Out. 1933 — Set. 1934 1 vol., encad.	40\$000
Boletim de Ariel — Anno IV — Out. 1934-Set. 1935 1 vol., encad.	40\$000
Boletim de Ariel — Anno V Out. 1935-Set. 1936 — 1 vol., encad.	40\$000

BOLETIM DE ARIEL

EXPEDIENTE

DIRECTOR:

Gastão Cruls

REDACTOR-CHEFE:

Agrippino Grieco

GERENTE:

João Teixeira Soares Neto

SECRETARIO

Donatello Grieco

ASSIGNATURAS

Preços para todo o Brasil e paizes da Convenção Postal Pan Americana:

Simples	18\$000
Registrada	24\$000

EXTERIOR

Simples	22\$000
Registrada	28\$000

Numero avulso	2\$000
Numero atrasado	3\$000

As assignaturas são sempre annuaes e começam a partir de qualquer mez.

Os pedidos de assignatura deverão vir acompanhados do seu respectivo valor.

O BOLETIM DE ARIEL, em sua parte editorial só publica trabalhos ineditos, sendo assegurada a seus collaboradores plena liberdade de pensamento.

Quem quer que transcreva trabalhos apparecidos em suas paginas, na integra ou em excerpitos, fará a gentileza de mencionar a procedencia.

Em relação aos livros nacionaes, o BOLETIM DE ARIEL só se occupará dos apparecidos no ultimo trimestre, e, em relação aos estrangeiros, dos publicados nos ultimos 12 mezes.

O BOLETIM DE ARIEL não se occupará duas vezes do mesmo livro, a não ser que se trate de obra de subido valor.

NÃO HA RESTITUIÇÃO DE ORIGINAES

SÃO CORRESPONDENTES DESTA REVISTA

Na França — Sra. Picard-Loewy — Paris
Em Portugal — Sr. Osorio de Oliveira — Lisboa
No Rio Grande do Sul — Sr. Paulo Arinos — P. Alegre
Em S. Paulo — Dr. Wladimir Malheiros — S. Paulo
Em Minas Geraes — Dr. Guilhermino Cesar — Bello Horizonte

Em Pernambuco — Dr. Aderbal Jurema — Recife
Na Bahia — Dr. Aydano Couto Ferraz — Bahia
Em Alagoas — Dr. Raul Lima — Maceió
Na Parahyba do Norte — Dr. Adhemar Vidal — João Pessoa

No Ceará — Sr. Affonso Banhos — Fortaleza
No Pará — Dr. Gastão Vieira — Belém
No Amazonas — Dr. Araujo Lima — Manáos.

DIRECÇÃO REDACÇÃO, PUBLICIDADE :

ARIEL, EDITORA LIMITADA

Rua 7 de Setembro 162-1º.

Tel. 22-1406 — End. Tel. "Ariel"

RIO DE JANEIRO — BRASIL

VANTAGENS

CONCEDIDAS AOS ASSIGNANTES DO

" BOLETIM DE ARIEL "

CONSULTAS:

O BOLETIM DE ARIEL, attende a qualquer consulta de seus leitores que se prenda ás lettras, artes e sciencias. Prestará todas as informações que lhe forem solicitadas sobre a existencia e preço, no mercado do Rio de Janeiro, de livros communs, raros, nacionaes ou estrangeiros.

DESCONTOS:

Os assignantes desta revista gosam de um desconto de 20 % sobre os preços dos livros editados por « Ariel, Editora Ltda. », quando os mesmos forem adquiridos directamente na nossa séde, e de 10 % quando, attendendo a pedidos do interior, os tivermos de remetter pelo Correio, correndo então por nossa conta as despesas de porte. Sob o titulo « EDIÇÕES ARIEL », na nossa secção de annuncios, ha uma lista completa das obras que podem ser offerecidas com aquelles descontos.

ENCOMMENDAS DE LIVROS

Encarregamo-nos da compra de qualquer outro livro que não conste das nossas listas. Essas encomendas de livros alheios não gosarão de desconto, sendo executadas ao preço de venda do mercado. As despesas do porte correm por conta do freguez.

« BOLETIM DE ARIEL » ENCADERNADO

Tanto na nossa redacção como nas principaes livrarias desta cidade se encontram volumes bellamente encadernados, reunindo as collecções do primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto annos do BOLETIM DE ARIEL, á venda pelo preço de Rs. 40\$000 cada volume. As encomendas do interior serão attendidas sem augmento de porte.

COUPON DE ASSIGNATURA

Junto envio a quantia de Rs.
para que seja remettida uma assignatura annual do Boletim de Ariel, ao seguinte endereço e a partir do mez de.

NOME

RUA

CIDADE

ESTADO

Córt e envie este coupon a ARIEL, EDITORA LTDA. — Rua 7 de Setembro 162 — 1º. — Rio de Janeiro.

N. B. -- A importancia deve ser remettida em carta com valor declarado, vale postal ou cheque bancario.

SERVIÇO DE REEMBOLSO

NO INTUITO DE BEM SERVIR AOS SEUS LEITORES, *BOLETIM DE ARIEL* TEM ORGANIZADO UM INTERESSANTE SERVIÇO DE FORNECIMENTO DE LIVROS PELO SYSTEMA DE ENTREGA DA ENCOMMENDA CONTRA REEMBOLSO.

DAMOS A SEGUIR AOS NOSSOS LEITORES OS ESCLARECIMENTOS NECESSARIOS PARA QUE POSSAM SE UTILIZAR DESSE VANTAJOSO E PRATICO SYSTEMA.

- A — O fornecimento de livros será feito para qualquer localidade do Paiz *desde que esta possua* o serviço de «*vales postaes*» em sua Agencia do Correio.
- B — Os livros serão remettidos em qualquer quantidade.
- C — As encommendas poderão ser feitas pelos meios usuaes: carta, telegramma ou por um simples cartão postal, sendo indispensavel apenas que tanto o titulo das obras como o nome e endereço do destinatario sejam escriptos com a maxima clareza.
- D — No acto da encommenda V. S. não precisará remetter-nos importancia alguma. Feita por nós a remessa de sua encommenda, V. S. receberá da Agencia do Correio de sua localidade o aviso da chegada, bastando então que compareça á mesma onde receberá os livros mediante o pagamento da respectiva importancia.
- E — Os livros serão fornecidos pelos preços de capa, sem augmento de especie alguma.
- F — Todas as despesas de embalagem, porte e registro correrão por nossa conta, ficando apenas a cargo do destinatario despesas referentes ao «Serviço de Reembolso» que são mininas. Nas encommendas, entretanto, superiores a Rs. 30\$000, até mesmo estas ultimas despesas correrão por nossa conta.
- G — Afim de que V. S. possa conferir a exactidão da importancia a ser paga ao Correio, seguirá sempre com a encommenda uma factura detalhada onde serão especificados os titulos e preços de cada obra.
- H — Dado o enorme vulto de encommendas que recebemos constantemente de nossos leitores e assignantes, é indispensavel, para o bom andamento de nosso serviço, que V. S. indique em seu pedido que a remessa deverá ser feita pelo «Serviço de Reembolso». Para maior facilidade, damos abaixo um coupon que poderá ser utilizado em taes casos:

Á ARIEL EDITORA, LTDA.

R. 7 de Setembro, 162 - 1.º andar — RIO DE JANEIRO

Pelo SERVIÇO POSTAL DE REEMBOLSO queiram enviar-me os seguintes livros:

.....

.....

.....

.....

.....

(Nome e endereço completo, bem legíveis)

.....

.....

.....



BOLETIM_{de} ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS — ARTES — SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO:

Gilberto Amado — Lucia Miguel Perelra
Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria
V. de Miranda Reis

REDATOR-CHefe

Agrippino Grieco

Um trambolhão na escala hierarchica

Não ha ninguem que goste de ter seu nome trocado! Nem mesmo a patente, cargo ou profissão. Chamar um capitão de tenente ou um coronel de major, é indelicadeza ou distração imperdoavel. Basta attentar-se para as caras dos que soffrem tal desprazer! No minimo, ligeira descoloração das faces, quando não polido ou aspero pedido de correção immediato. Se é um medico que tomamos por advogado, engenheiro civil por geographo ou architecto, dentista por pharmaceutico, ha sempre um pequeno protesto, seguido de rapida rectificação. Diga-se lá a um monsenhor que elle é conego e, suavemente receberemos logo a corrigenda! Só os que não passaram por Escolas Superiores são os que acceitam, com agrado e sem sombra de discussão, titulo generico de Dr., Coronel ou outro qualquer...

Nós, funcçionarios publicos, tout court, zelamos, igualmente, as categorias. Uma diminuição de cargo tambem nos bole nas fibras sensiveis! Quando esse descenso é pouco, de um escalão apenas, ainda deixamos passar o erro... Ha individuos, porem, que nos jogam, ás vezes, já de degraus superiores — conquistados penosamente — ao primeiro da escala burocratica. Isso molesta... Nas carreiras onde ha quadros, augmentar a patente é, pois, preferivel e aconselhavel.

Ora, um dia, em Roma sendo eu velho conselheiro de embaixada, quasi em vespuras de promoção a Ministro, levei um daquelles trambolhões dos mais violentos, conquanto sem malicia, pela ingenua simplicidade, bonhomia e nenhuma intenção do seu causador. Gravei-o na mente e gravei-o agora no papel.

Amigos dilectos visitam a Cidade Eterna. Andamos juntos dias inteiros. Uma tarde desciamos do Pincio, caminho da Trinità dei Monti. Queriamos mostrar-lhes a celebrada fonte, em frente á Villa Médicis, debaixo de copadas arvores, sussurrante sempre, o jacto central dagua caíndo em vastissima pia de velha e limosa pedra, e donde se descortina, como dentro de formosa moldura, um quadro romano de inegualavel belleza. No primeiro plano o casario pro-

ximo, varandas e terraços floridos. A seguir, telhados negrajantes; não muito distante a cupula de S. Carlos al Corso; depois, zimbórios de outras igrejas, os verdes do Janiculo para a direita, enfim, a majestade dos altos de S. Pedro, a genial concepção de Miguel Angelo, erecta, imponente, eternamente formosa. Atraz da vastidão daquella abobada sem par, os crepusculos são sempre de magia. Colorações de oiro nas nuvens estriadas, palor de agonias violaceas em mistura com roseos tão vividos que a gente fica em dúvida se elles são o annuncio da noite breve ou o do nascer de um novo dia!...

A hora era ainda de muito sol. Um céu lavado e claro, de azul diaphano, leitoso como «gli occhi bianchi» de Lucrecia Borgia, no dizer de Niccolo Cagnolo! Porisso, os amigos se contentaram com os meus enthusiasmos descriptivos, verdadeiros em todo o caso. E como eu soubesse que na Villa Médicis estavam expostos os trabalhos annuaes dos «Prix de Rome», para ella nos dirigimos em visita.

A exposição daquelle anno valia pouco. Apenas uma tēla que muito nos impressionou. Um nú de mulher, soberbo — «savoureux» — reclinado em gram-mado tapizado de flores, attitude sonhadora. Alguns accessorios bem estudados. Um moderno encantador, executado por mão de mestre. O resto era de qualidade inferior.

Descemos para os jardins. Eu obrigado a dar constantes informações para satisfazer o fuzilar de perguntas. Só Deus sabe quanto é difficil acompanhar amigos intelligentes em Roma, ser guia-amador honesto. A curiosidade dos viajantes é inexgottavel, mesmo quando elles estão armados de Baedekers ou Guides-Bleus! Em taes occasiões, ao falar, caso curioso, minha voz tinha entonações das dos guias profissionais:

«Villa Médicis, palacio da renascença construido em meados do século XVI, comprado, muitos annos depois, pelo Cardeal Alexandre-Octavio de Médicis, que, em 1605, foi Papa apenas por 27 dias, morto por tremendo e impiedoso resfriado, con-

trahido no proprio dia da eleição. No alvorecer do século passado, Napoleão adquiriu-o dos Grão-Duques da Toscana, transferindo para os seus muros a Academia de França, criação de Luis XIV»...

Ufa!... Como erudição barata, bastava! Satisfação dos amigos. Prudentemente, mudei o rumo da conversa, chamando a atenção delles para aspectos mais concretos e visíveis:

«Como são puras e graciosas essas linhas do portico, hein! Aliás o conjuncto todo da fachada. Sabia-se viver antigamente... Vejam Vs. quanta harmonia! Reparem no esplendor desses jardins — imensos, se contarmos com o bosque ao lado, Sombrio, evocativo, aléias peçadas ainda dos olhares dos grandes artistas que viveram, em doce contemplação, sob suas arvores. Que pléiade de nomes illustres!... Admirem aquelles pinheiros, os pinheiros desta Roma divina, ornamentaes, serenos e pensativos, já transformados em sonoridades graves e arrebatadoras pelo genio de Ottorino Respighi»...

Para que fui falar no tal bosque?!... Logo um novo desejo dos que pilotava! — Vamos vê-lo!... Fiquei temeroso. Por ali tambem havia historia. Sentia-me exaurido:

— Meninos, não sei se elles estão sempre franqueados ao publico. A entrada é pela frente, tentemos em todo o caso... Ainda uma informação precisa a juntar-se ás anteriores.

Ao dirigir-me ao porteiro da Villa, velho francez rosado, atarracado, de bigodes alvos como flocos de algodão, elle me foi logo dizendo, com aquelle modo rude, tão peculiar ao geral dos seus compatriotas:

— Mas o Snr. deve saber bem que não!... Sómente aos domingos. Atirou as mãos para o ar em gesto significativo de quem dá a entender a perda de uma causa.

Conheço os francezes! Gente que se rende facilmente com uma palavra amavel:

— Grande pena!... Estes amigos de passagem, partindo daqui a dois dias, privados de ver uma das bellezas de Roma!... Já batia nos amplos e curvados hombros do bom velho, cujos olhos começaram, de pronto, a banhar-se de uma luz humana. Continuei:

— Voyons!... Além disso é sempre triste para um diplomata, fazer figura feia diante de compatriotas!...

O bravo porteiro, ouvindo falar em diplomata, saltou do tamborete, readquirindo a bravura da palavra, comquanto de forma diversa:

Oh, para os senhores do Corpo diplomatico e differente... Naturalmente!... Um momento!... vou buscar as chaves do portão. E correu ao seu cubiculo.

Eu já tinha nas mãos a carteira de identidade, a minha «tessera» á vista. Elle fez um gesto largo de recusa, como nem querendo ver o documento. Foi, então, incisivo:

— Pas besoin, Mr. l'Ambassadeur!... Suivez-moi, Excellence...

Comei-lhe o passo, agradecido, mas sinceramente exacto:

— Hélas!... pas encore, mon vieux, pas encore!... Un simple...

O velhinho sorriu com superioridade. Deu-me uma palmada nas costas e disse, indicando o caminho a todos:

— Pas d'importance!... Passez dames et messieurs!... Passez, quand même, Mr....l'Attaché...

LUIZ GURGEL DO AMARAL

(Do livro a aparecer, «Traços a Carvão».)

Bueno de Azevedo Filho — *Addendo a Silva Leme* — S. Paulo.

O sr. Bueno de Azevedo Filho é um genealogista. Mas, sendo ainda bastante moço, nada possui daquelles linhagistas tabaquentos, ruminadores de papeis velhos, que tanto excitaram a malicia corrosiva de Camillo Castello Branco. E', sim, um historiador que se está preparando para obras de maior corporatura, nas quaes provavelmente continuará as investigações de nobiliarchia paulistana em que foram mestres Pedro Taques e frei Gaspar da Madre de Deus. Este seu folheto de agora, firmado em documentos que inspiram confiança, é uma prova de que ao sr. Bueno de Azevedo Filho não faltam os dons necessarios á ardua tarefa que o vae conduzindo através de archivos e cartorios da Paulicéa, com uma atenção de quem comprehende tão bem as vozes dos mortos quanto as vozes dos vivos.

Pedro Leandro Ipuche — *Tierra celeste* — Sociedad Amigos del Libro Rioplatense — Montevideo.

Eis ahi a bella e nobre poesia de um amigo dos rios, da noite, dos paizes encantados da memoria. Cantem outros, á maneira de Verhaeren, as luzes tonteantes, o fluxo e refluxo de homens das cidades tentaculares. Elle prefere seguir o exemplo de Proust e vae, em seus versos, deliciado nisso de reconstituir os dias perdidos da infancia e da adolescencia. E afim de melhor reencontrar o passado, consulta as aguas, as estrellas, as lendas que já o inebriavam no tempo em que tudo é maravilha para os olhos e as almas novas. Admiravel, entre outras, a formosa pagina lyrica que Pedro Leandro Ipuche consagra a Carlos Reyles, «romancista madrugador da America».

Thomaz Antonio Gonzaga — *Marilia de Dirceu e mais poesias* — Livraria Sá da Costa Editora — Lisboa.

Excellent edição, com prefacio e notas do professor M. Rodrigues Lapa. Estimavel ponto de partida para uma apresentação «absolutamente ordenada e rigorosa das lyras de Gonzaga». O prefaciador e annotador do volume é uma das mais vivas personalidades do humanismo portuguez de agora. Jornalista faiscante, dos que melhor se destacaram nas columnas do *Diabo*, o sr. M. Rodrigues Lapa sempre se tem mostrado intimo conhecedor de toda a litteratura do seu paiz, da de todos os paizes cultos. Sá de Miranda deve-lhe uma brilhante reentrada no interesse de muitos leitores que, pela escassez de textos informativos, não podiam compôr um juizo exato sobre o grande quinhentista. E no momento é o nosso Gonzaga que nos resurge em bella vestimenta critica e historica, elucidado nos minimos pormenores do seu lyrismo, o mais inspirado sem duvida que já floriu em terras brasileiras.

Em edição ARIEL:

PAULO GUANABARA

A ORIGEM DO MUNDO

Um livro que põe a historia e a vida do mundo ao alcance da creança

COBRA NORATO

Por iniciativa de Luiz Vergara, Queiroz Lima, Annibal Machado e Carlos Echenique, a *Cobra Norato* de Raul Bopp acaba de ser reeditada, numa grande edição de luxo — tiragem limitada — com ilustrações em madeira de Oswaldo Goeldi.

E Oswaldo Goeldi deu-nos, com essa edição admirável de Raul Bopp, o livro mais bonito do Brasil.

Mas não é só pela maravilhosa apresentação material que vale esse poema de Raul Bopp: elle vale por si mesmo, pela sua estranha e envolvente riqueza lyrica. Relendo-o agora, mergulhando mais uma vez profundamente na substancia misteriosa e grave da poesia amazonica, eu pensei no mytho da Cobra Norato, que é o motivo central do poema. Muita gente tem estranhado o titulo do livro de Raul Bopp — e o poeta nunca se lembrou de explicá-lo. Entretanto, não deixa de ser interessante a explicação para os que não têm maior intimidade com o folk-lore da Amazonia. O mytho amazonico da Cobra Norato é realmente singular e seductor. E creio mesmo que do fabulario regional da Amazonia, a lenda da Cobra Grande é a mais conhecida, a mais espalhada e a mais proteiforme.

São numerosas as versões desta lenda amazonica. Talvez seja licito dizer, sem exaggero, que cada região tem a sua variante peculiar desta historia.

As matas verdes e os imensos rios do extremo-norte são todos povoados de bôtos, yaras e boiunas. Dir-se-á que taes mythos lembram, de certo modo, os golphinhos, as sereias e os dragões da mythologia européa.

Mau grado tal parentesco, não resta duvida que existem, na Amazonia, algumas historias de cobras-grandes que são extremamente originaes e typicas. Creio mesmo que o mytho amazonico que nos dá uma impressão mais nitida e profunda do mysterio, da grandeza e do terror daquellas regiões, é esse da Cobra Grande.

Quanto á grande copia e variedade de suas versões, basta dizer que eu conheço, pelo menos, meia

duzia de lendas differentes da Cobra Grande: a do Rio Acará, a do Rio Guará, a da Bahia de Guajará, a do Maguary-Assú, a do Tocantins, a do Xingú, a do Furo de Breves. Na versao dos moradores do Rio Acará, uma das regiões mais ricas em lendas e casos mysteriosos do Pará — o bicho fabuloso e terrivel chama-se mesmo Cobra Grande, e devora canoas e canoeiros, espalhando espantos e assombrações pelas redondezas. Os habitantes do Guará acreditam que as aguas do rio estão sempre revoltas e agitadas, porque no fundo mora uma Cobra Grande da grossura de um batelão e cujo comprimento ninguém ainda conseguiu medir ou avaliar. Segundo a boa gente que mora no bairro velho de Belem — nas visinhanças illustres da Sé é do Castello — existe na bahia de Guajará tambem uma Cobra Grande: «a moradora do Castello» — que ha muitos annos penetrou no cano subterraneo que liga a Cathedral ao velho forte colonial, tendo crescido a tal ponto, que hoje tem a cabeça em baixo do altar de N. S. de Belem e a cauda no tijuco do rio. E' ella que faz chover todas as vezes que ha procissão de N. S. de Belem.

Entre os bacaerys, indios que habitam as cabeceiras do Xingú, é crença, segundo J. Coutinho de Oliveira, que é uma sucury (Cobra Grande) que faz chover naquella região (coincidencia curiosa: é a Cobra Grande que faz chover em Belem e no Xingú).

Os caboclos do estreito de Breves têm tambem sua variante: a da Boiuna, de olhos de fogo, que parece um navio de pharões accesos (vide «Historias da Amazonia»).

Outra lenda da Cobra Grande: a do Maguary-Assú. Apparece á meia-noite e devora e devora os pescadores e canoeiros affeitos, ao que conta Coutinho de Oliveira, cuja familia tem um sitio para as bandas da Cachoeira do Maguary-Assú. Esta lenda, de resto, já serviu de thema para um conto meu — «O sobejo da Cobra Grande».

A historia da Cobra Norato pertence á mesma cathegoria: é tam-

bem uma variante — do mytho da Cobra Grande.

Segundo J. Hessianah de Oliveira existe no Tocantins, perto da Mocajuba, uma versão da lenda da Sucury que explica o mytho da Cobra Norato. E' o «causo» do Honorato. Era um bello rapaz da região que se encantou em Cobra Grande e mora no fundo do Rio. Aportara em Belem, nos tempos coloniaes, um portuguez riquissimo, que fundou em Mocajuba uma Fazenda de Cacau.

Trouxe o abastado lusitano, alem de muitos escravos, um filho de nome Honorato, moço de seus quinze ou vinte annos, bem apessoado e doido por mulheres. Um bello dia, o rapaz desapareceu como por encanto e nunca mais ninguém teve noticias delle. Os caboclos da região attribuiram sua fuga á Yara. O rapaz se enamorara della, e tentara seduzil-a. Dahi a Yara o ter levado para o fundo do Tocantins, transformando-o numa sucury. Desde então, toda vez que ha bailes nas ribeiras do Tocantins, surge de repente nas festas o rapaz encantado, que dança e namora, para desaparecer em seguida, subita e mysteriosamente como chegou.

E, tendo o dom da ubiquidade, Honorato é visto ás vezes na mesma noite em duas e tres festas differentes — em logares distantes uns dos outros: ás vezes está ás 11 horas em Abaeté e á meia-noite é visto em Baião. Honorato se encantou em Cobra Grande, na Cobra Honorato, que, por lei do menor esforço, o povo transformou na corruptela que o poema de Raul Bopp celebrou: Cobra Norato.

Eis ahi, em poucas palavras, uma explicação para o mysterio do titulo do poema de Bopp e do mytho amazonico da Cobra Norato. Em summa, Cobra Grande, Sucury, Boiuna, Moradora do Castello, Cobra Norato não são mais que versões differentes de uma mesma lenda mais espalhada e mais curiosa do fabulario caboclo da Amazonia.

PEREGRINO JUNIOR.

ALGUNS ROMANCES

O anno passado não foi muito fértil em romances brasileiros. Ainda assim a chronica registrou um grande numero delles. E' verdade que nem todos merecem maior consideração, isto porque se afastam da realidade, desenvolvendo-se em torno de theses philosophicas, as mais das vezes esfadonhas e sem outro fim que não o de mostrar originalidade. Nada mais.

Outros que não afinam por tal sentido logo agradaram e obtiveram os melhores applausos. Sem duvida que este criterio não parece dos mais acertados. Muito romance de costume e de pura these philosophica nem sempre desperta apenas bocejos fatigantes. Tudo depende do escriptor, da sua «maneira», da sua organização espiritual e mesmo da sua vivacidade, que se revela «tudo» na forma de escrever.

Conhecemos certos romances que injustamente passaram despercebidos da critica e que bem mereciam propaganda para necessaria divulgação.

Não se pode negar que existe uma vanguarda alerta e que preenche as exigencias de uma época. O phenomeno não se verifica somente na França ou na America, nota-se muito significativo tambem no Brasil. Nessa frente brasileira formam os melhores espiritos, entre os quaes, pela mocidade, é forçoso mencionar alguns. Compõem a nossa linha de «forward».

Depois de muito esperado, Amando Fontes publicou, afinal, o seu romance *Rua do Siriry*. Não se pode negar que esse livro tem grandes qualidades sobretudo de observação. Os quadros de miséria e dôr são pintados com raro colorido. Mas um colorido sem affectação, muito natural e que, por este motivo, dá uma harmonia ás paginas de historia em que apparecem mulheres bellas e sadias, mulheres de carnes rigidas e que depois se tornaram doentes e molles.

A gente sente e vê mesmo o ambiente no qual se desenrola as scenas mais crueis de infelicidade e rigor com que a vida parece castigar aquelles que commetem faltas.

Rua do Siriry é todo um livro de angustias e de um profundo sentimento de humanidade; escrito por um romancista que não se perde na revelação dos detalhes e que, no ponto de vista social, não pode esconder a mais commovida e humana solidariedade.

Já escrevemos sobre *Pureza*. Neste artigo, porém, elle não pode deixar de ser relacionado, pois que encheu e tomou grande parte da atenção nacional no que diz respeito aos intellectuaes. A performance de José Lins do Rego continua intacta como força vital de um espirito que «de nada e de tudo faz romance». Quem vive aqui no Nordeste e anda na linha da «Great Western» conhece a estaçõesinha de Pureza com um chalet ao lado, tudo perdido num meio da mais intensa melancolia, quietude e egualdade de panorama só quebrada com a passagem diaria dos trens de ferro carregados de lenha, ou com os passageiros olhando pelas portinholas um tanto enfatiados de poeira e mormaço.

Desse nada tirou José Lins do Rego um romance emocionante no qual duas mulheres lindas de corpo e desejo sensual se movimentam com uma graça perturbadora. A historia é real e até Chico Bembem nós o conhecemos das feiras discretas da aldeia de São Miguel do Taípu.

Tambem escrevemos sobre *Barragem* de Inez Mariz. Diga-se de passagem que se trata de um romance de costumes com signaes admiraveis de, segurança psychologica e elegancia de linguagem. O drama se desenrola no sertão parahybano hoje tão incrivelmente civilizado pela agua e pela mechanica. Nota-se muitissimo nesse livro de Inez Mariz é a ausencia absoluta de paysagem num mundo que muda tanto no inverno como na secca.

Parece que a escritora fez tudo de proposito para chocar na sua technica de «lançamento», não se esquecendo, entretanto, de ressaltar o sentimento de honra da sertaneja, tornando Remedio um anjo de candura que não se prostituiu entre elementos perigosos que entraram na construção da barragem de São Gonçalo.

Nelio Reis publicou uma historia viva e que bem mostra o quanto se pode esperar do seu esforço. *Suburbio* é romance de intimidades sociaes com as suas intrigas e injustiças previstas. Gosta-se de lêr as suas paginas de uma vivacidade quente e que demónstram directos conhecimentos das coisas deste velho mundo. Dentro de uma trama complicada se destaca a figura de um capitão que afinal de contas conseguiu ficar paralytico. As filhas ganham a rua com os namorados e não perdem vaza na distração e na distancia de um ambiente familiar intoleravel, até que acham coragem num caixeiro viajante, certamente fálante e pernóstico, damnando-se de illusão a caminho do sul.

O romance tem seu palco em Belém do Pará.

O *amanuense Belmiro* tem qualidades inconfundiveis. O seu autor, Ciro dos Anjos, fez um romance muito interessante, focalizando um individuo mediocre e egoista, cujo egoismo a gente finda gostando por causa do lyrismo que elle distilla. Quasi tudo é introspecção. Belmiro reduz-se a uma rodinha de amigos e ainda assim vive mais para si. Em politica não se definiu porque entre a direita e a esquerda não chegou a preferir nem o centro. Ha sabedoria nessa attitude. Por certo que concluirá a desnecessidade em definir-se numa coisa em que a sua incapacidade de influir fosse concreta.

O mediocre é o diabo quando se dispõe a embaraçar o caminho.

Jorge Amado deu-nos um livro lindo. *Capitães da Areia* é todo dedicado ao movimento das creanças abandonadas nas ruas da Bahia de Todos os Santos. Ellas vivem organisadas sob a chefia do mais destemido. Obedecem com disciplina e solidariedade. A solidariedade então emociona o coração mais gelado e indifferente ao lado triste desta vida. Um lyrismo doce e discreto invade a gente em meio uma admiração e respeito ao amor que domina até mesmo nas classes mais infelizes.

ADEMAR VIDAL.

LINHA DE SOMBRA

Num dos seus contos descreve Maupassant as impressões de um homem de quarenta annos, ao contemplar-se, num espelho, no momento de despertar. São paginas tão vivas, tão reaes, que, passados agora varios annos da sua leitura, parece-nos estar ainda deante daquella creatura angustiada, olhando, perplexa, a sua imagem reflectida — tão differente daquella que desejára vêr, e despertando em nós profundas resonancias, fazendo-nos participar da nostalgia que lhe invadia a alma, ao aperceber-se da mascara que se superpunha a um outro ser que julgava existir ainda dentro de si mesma, e que, na sua mocidade, se lhe afigurava incorruptivel.

Muito mais intensa, no emtanto, é a nostalgia daquelles que se vêm ainda moços, mas sentem que já perderam a mocidade, sendo vãs todas as tentativas que procuram realizar para restabelecer o contacto com um mundo desaparecido.

Não ha mais possibilidade de volta, «todos os caminhos estão interrompidos, todos os navios, incendiados». Estamos em pleno dominio dessa tragedia do espirito, em que o homem, no dizer de Chestov, «não penetra voluntariamente», e vê-se acorrentado por novas e mysteriosas forças que jaziam occultas no fundo do seu coração. Nem mesmo as successivas evasões na esphera da intelligencia e dos sentimentos são capazes de reviver, em toda a plenitude, estados de alma que passaram. E as antenas subteis do

seu espirito, captam, apenas, desse passado ainda tão recente, impressões de um ser mais generoso, mais nobre, mais desinteressado, e que, comparado com a caricatura que contemplamos na realidade presente, faz descer sobre nós uma nuvem de melancholia.

E essa nuvem torna-se mais espessa, mais angustiante, quando o homem, num movimento instintivo, inconsciente, procura revêr os logares em que viveu, na esperança de sentir novamente as emoções de outros tempos. Uma illusão a mais vem exacerbar a sua nostalgia. E' como se estivesse passeando aavez de cidades mortas, cidades abandonadas. E' como se fosse a um cemiterio numa tarde cinzenta.

Ha, de facto, um sabor de cinza, nessa tentativa de reencontro com um mundo que permanece luminoso na nossa memoria, porque o nosso espirito era outro, outros os olhos que o contemplavam.

Os que habitam, agora, esse mundo que foi o nosso, apparecem-nos como sombras, vestigios de uma humanidade que se foi, corpos automatizados — varias daquellas almas radiosas que cercavam a nossa adolescencia. E não ha sentimento mais universalmente humano, mais fiel na traducção desse doloroso panorama subjectivo, do que aquelle «penetrante grito de melancholia» de Tonio Kröger, na sua volta á cidade natal.

E' uma crise commum a todos os homens, o que não quer dizer que todos a sintam da mesma maneira nem com a mesma intensidade.

Mais viva, mais angustiante nos seres que se analysam, ella póde ser o ponto de partida de itinerarios diversos, muitas vezes definitivos.

E o tragico desse instante está na volupia que o homem começa a sentir do desencanto que se apodera do seu espirito. Começa a amar esse soffrimento, e tal como o personagem da «Voz Subterranea», de Dostoiewski, por coisa alguma desse mundo trocaria essa vida miseravel de sepultado vivo. Ha uma transformação profunda da sua personalidade. Rompem-se pouco a pouco os laços affectivos que o ligam ás outras creaturas. A analyse o vae arrastando para o dominio do pensamento puro, cujo objecto se limita ao estudo exclusivo do proprio ser. Perde a espontaneidade do espirito. Faz-se prisioneiro de um feroz egoismo, que o torna indifferente aos problemas humanos. Os contactos com os outros seres são contactos epidermicos, superficiaes, analogos a esses encontros de bolas de bilhar — que transportam nas suas impulsões uma quantidade enorme de energia, mas communicam apenas, umas ás outras, uma parcella minima de movimento.

Ha uma extraordinaria semelhança entre essas creaturas e os personagens dos romances de Gogol. São «almas mortas», incapazes de se interpenetrarem e de se comprehenderem, almas que perderam esse desejo innato de plenitude, que sustenta e anima a sociabilidade dos seres humanos.

Conta Gogol, que, ao ouvir da sua bocca a leitura das «almas mortas», Pouchkine exclamou: «meu Deus, como é triste a nossa Russia»

O livro de franco successo

Acaba de sahir em 3.^a edição:

O MÉDICO

NAS GRANDEZAS E MISERIAS HUMANAS

de SEBASTIÃO M. BARROSO

Surprehendente ensaio psychológico da sociedade moderna.

Um livro que deixa transparecer a vida real nas suas mais vibrantes manifestações.

EM TODAS AS BOAS LIVRARIAS

Edição da

COMP. MELHORAMENTOS

(Weiszflog Irmãos, incorporada)

SÃO PAULO — RIO

Esse grito de Pouchkine pôde ser interpretado num sentido mais amplo, por isso que a profunda intuição psychologica de Gogol não apprehendeu apenas o panorama de um estado de espirito particular ao povo russo, mas attingiu qualquer cousa de universal e de eterno.

Aliás, elle proprio o confessa: «para determinar a natureza russa convem conhecer bem a natureza humana e a alma em geral... e assim, o homem e a sua alma tornaram-se mais do que nunca objecto das minhas observações. Deixando provisoriamente de lado tudo o que era contemporaneo, consagrei-me ao estudo das leis eternas que conduzem o mundo e a humanidade».

Atravéz de uma obra singular, tão comica na sua apparencia, e que se impõe á primeira vista pelo seu lado grotesco, o genio de Gogol faz-nos penetrar pouco a pouco na intimidade do coração humano, e põe-nos em contacto com a terrivel tragedia do isolamento das almas.

Universo dominado pelo tedio e onde os seres se movem como automatos, sem grandes alegrias, sem enthusiasmos e sem blasphemias, sem affirmações e sem negações, universo morno, indifferente, e cuja contemplação desperta em nossa alma uma extranha sensação de frio, assim se nos apresenta, em horizontes vastos e mysteriosos, a obra profundamente melancholica de Gogol.

Quando desfilam diante dos nossos olhos as suas creaturas bizarras, guardando cada uma dellas o segredo do seu destino, temos a impressão de uma humanidade inacabada ou abandonada pelo Creador ao dominio das forças demoniacas.

Gogol, aliás, durante toda a sua vida foi um obседado pela idéa do demonio.

«Elle acreditava — escreve Henry Mongault, na existencia physica do demonio, lutou muito tempo contra elle e acabou vencendo-o na hora suprema».

Ha qualquer coisa de verdadeiro nessa affirmação metaphorica de Chestov, quando diz que Gogol, tal como um Tolstoi, um Dostoiewski, um Nietzsche ou um Ibsen, «foi visitado pelo anjo da morte», e qual modificou a sua visão do mundo: «Que tedio é a vida, senhores!» Este grito de desanimo que Gogol deixa transcrever através da sua grande comedia humana não se relaciona com a vida russa. «Ha tedio na vida» — commenta Boris Schloezer, não porque haja muitos Tchitchikov, Nodrev, Sobakievitch. Para Gogol — Tchitchikov, Sobakievitch não eram «elles»... e sim «elle proprio».

Todos esses personagens são emanacões da vida espiritual de Gogol, são phantasmas nascidos da propria substancia do seu ser, phantasmas dominados pelo anjo da morte, desespiritualizados, jogados uns contra os outros na direcção de um sombrio destino.

«A arte prodigiosa de Gogol — escreve Boris Schloezer, num ensaio admiravel sobre o criador das «Almas Mortas» — consiste precisamente em fazer-nos acreditar que essas conchas vazias estão cheias de substancia, que esses automatos dispõem de si — mesmos, que esses infelizes minados por uma doença secreta não differem essencialmente das pessoas que nos rodeam, de nós mesmos. Na arte de enfeitar cadaveres Gogol é sem igual. Com uma habilidade

maravilhosa elle torna os seus «monstros» normaes, mantendo-os numa especie de equilibrio instavel entre a vida e o automatismo».

A esses personagens de Gogol se assemelha a alma de certas creaturas que não puderam vencer a nostalgia, o desencanto causado pela fuga da mocidade. Toda a sua vida será doravante marcada pelo signal do fracasso, com as suas inevitaveis tendencias para as evasões, o desespero ou o aniquilamento.

E' a essa crise da vida humana que Conrad dá o nome tão significativo de «linha de sombra». Linha difficil de transpor quando o homem não se sente ligado a valores eternos ou quando mesmo não anima qualquer ideal humano.

«Só os moços conhecem momentos semelhantes. Não quero dizer todos os moços. Não. Os mais jovens, propriamente fallando, não têm momentos. E' privilegio da adolescencia viver antecipadamente seus dias nessa magnifica e constante esperanza que ignora o fracasso e a reflexão.

«Fecha-se atrás de nós a pequena porta da infancia, — e penetramos num jardim encantado. As proprias sombras adquirem um brilho promettedor. Cada recanto da vereda tem a sua sedução. E não é o attractivo de um paiz desconhecido. Sabe-se bem que por lá passou a onda da humanidade inteira. E' o encanto de uma experiencia universal de que se espera uma sensação extranha e pessoalmente vivida — a revelação de um pouco de nós — mesmos.

«Cheios de ardor ou de alegria, caminhamos ao encontro dos traços dos nossos predecessores; acceitamos, como vêm, a boa e a má fortuna — as chagas e as bossas, como se diz... Caminhamos. E o tempo tambem caminha, — até o dia em que descobrimos, diante de nós, uma linha de sombra que nos adverte, por sua vez, ser preciso deixar atrás o paiz da mocidade».

«E' a epocha em que, de ordinario, sobrevêm esses momentos aos quaes eu fazia allusão. Que momentos? Ai de nós! esses momentos de tedio, de cansaço, de descontentamento, de irreflexão. Quero dizer: esses momentos em que, moços ainda, são os homens levados a commetter actos irreflectidos».

E ninguém, mais intensamente do que Conrad, sentiu a passagem da linha de sombra. E se é verdade que elle soube fugir á sua acção paralyzante sobre as energias do espirito, não é menos verdade que ella deixou uma marca indelevel em toda a sua obra.

Mesmo nas payzagens luminosas dos tropicos, que elle tão maravilhosamente soube pintar, mesmo nellas, percebemos sempre uma ligeira penumbra de melancholia...

«A mocidade e o mar!» Com que magua, com que saudade não repete Conrad, constantemente, essas duas palavras que lhe recordam os dias mais felizes da sua vida, dias que julgava interminaveis: «o sentimento de que podia durar eternamente, sobreviver ao mar, ao céu, a todos os homens: esse sentimento cuja attracção enganadora nos leva para as alegrias, para os perigos, para o amor, para o esforço illusorio — para a morte: convicção triumphante da nossa força, ardor de vida ardente num punhado de poeira, chamma do coração que cada anno se enfraquece, se resfria, decresce e se apaga,

— e se apaga muito cedo, demasiadamente cedo — antes da própria vida».

Não é exaggero dizer-se que a grande força poética de Conrad está contida nessa permanente evocação da sua mocidade. Observados através das suas recordações os acontecimentos mais insignificantes da sua vida se revestem de um singular encantamento, como o dessa admirável narrativa do seu primeiro commando a bordo da «Judéa»:

«Ella continuava a arrastar-se por esse tempo limpido. O céu era um milagre de pureza, um milagre de azur. O mar estava liso, azul, limpido, scintillante como uma pedra preciosa que se estendesse de todos os lados, em torno de nós, até o horizonte, — como se o globo inteiro não fosse senão uma joia, uma saphyra colossal, uma gemma unica amoldada em planeta. E sobre a extensão brunida dessa agua calma a «Judéa» deslisava imperceptivelmente...

«...E quanto a mim, havia além disso a minha mocidade para me tornar paciente. Eu tinha todo o Oriente deante de mim... A velha barca arrastava-se, arreada pela idade e pelo peso da sua carga, e eu vivia a vida da mocidade, na ignorancia e na esperança...

«...Oh, a mocidade! que força ella tem, que fé, que imaginação! Para mim, esse navio não era uma velha barça carregando para o mundo um amontoado de carvão, á guisa de frete, — era o esforço, o ensaio, a experiencia da vida...»

Do seu contacto com as mysteriosas terras do Oriente e da sua passagem através do Continente Negro enriqueceu-se a alma de Conrad de um mundo de imagens novas, de idéas, de sentimentos, que seriam mais tarde transfigurados pela sua imaginação creadora em novellas admiraveis, impregnadas de um sabor exotico, mysterioso, fazendo-nos participar da vida de creaturas distantes, isoladas da civilização, e que encontraram na sua grande alma de artista uma compreensão fraterna.

O Extremo Oriente e a Africa foram as duas fascinações da mocidade de Conrad. Crença ainda elle apontava no mappa as regiões inexploradas do centro africano, assignalando roteiros de futuras expedições, aliás mais tarde realizadas, e que forneceram a materia prima para a sua immortal novella — *O Coração das Trevas*.

Singapura, Saramang, Bangkok, eram nomes que lhe despertavam profundas resonancias, desejos de evasão para mundos desconhecidos. E com que nostalgia não se recordará mais tarde o velho marinheiro do seu primeiro contacto com o Extremo — Oriente:

«E é ainda assim que o Oriente me apparece. Conheci seus recantos secretos e penetrei até o fundo da sua alma: mas, agora, é de uma pequena embarcação que o vejo: alta linha de montanhas, azues e longinquas pela manhã; semelhantes a uma brum ligeira, ao meio dia; muralha de purpura denteada ao pôr do sol.

«Ainda tenho nas mãos a sensação do remo e nos olhos a visão de um mar de um azul scintillante. E vejo uma bahia, uma vasta bahia, lisa como o vidro, polida como um espelho, que reflecte na som-

bra. Um luar vermelho brilha ao longe no negrume da terra: a noite é molle e quente...

«...Conheci desde esse momento a seducção do Oriente: vi praias mysteriosas, a agua immovel, as terras das nações morenas, onde uma Nemesis furtiva espreita e persegue, surprehende tantos homens da raça conquistadora, orgulhosos da sua prudencia, do seu saber, da sua força. Mas, para mim, todo o Oriente está contido nessa visão da minha mocidade. Eu o abordei no sahir de um combate com o mar, — e era joven, e vi que me observava. E eis tudo o que resta! Nada senão um momento: um momento de força, de ventura, de esplendor, — de mocidade!...

«Youth! Youth» — E' o appello constante de Conrad, como se receiasse perder a visão luminosa dos tempos heroicos da sua juventude, vividos á procura de um ideal que conseguiu realizar, e que o auxiliou a vencer o provavel desencanto a que o conduziria a «linha de sombra».

«Oh! o esplendor da mocidade! Oh! o fogo que ella encerra, mais brilhante do que as chammass do navio incendiado, fogo que projecta sobre a terra immensa uma claridade magica, que se lança audaciosamente para o céu e que em breve deve apagar-se ao contacto do tempo, mais cruel, mais impiedoso, mais amargo do que o oceano, — fogo que será envolvido como as chammass do navio incendiado, por trevas impenetraveis...»

HAMILTON NOGUEIRA.

(Trecho de um ensaio inédito sobre Joseph Conrad.)

Alvarus de Oliveira — *Grito do sexo!* — Brasilia Editora — Rio.

E' o sr. Alvarus de Oliveira um joven jornalista que apresentou com muito brilho, em Nictheroy, a revista *Metropole*, onde collaboraram os melhores escriptores fluminenses. Tentando genero mais difficil, vemol-o agora estrear num romance, *Grito do sexo!* Livro ás vezes ingenuo, ás vezes realista. Passando do lyrismo platónico aos choques carnaes que não vão sem algum verbalismo declamatorio, o sr. Alvarus de Oliveira não deixa de mostrar, até mesmo nos seus ligeiros equivocos, expressivos attributos de ficcionista. Merecidos, de um modo geral, os louvores com que o saudaram á apparição daquelle volume.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

PAULO DE AZEVEDO & Cia.

(Livreiros Editores e Importadores)

RIO DE JANEIRO

166 — Rua do Ouvidor — 166

End. Teleg. ALVESIA — Caixa Postal n. 658

F I L I A E S:

Rua Libero Badaró n. 49
São Paulo

Rua da Bahia n. 1502
Bello Horizonte

O Portuguez do Brasil

O livro do professor Renato Mendonça, estudando as origens, a evolução, as tendencias em summa da lingua portugueza no Brasil, é um dos mais lucidos e bellos documentos na materia. O erudito publicista não deseja fazer um titulo, como seria esse de se chamar *Lingua Brasileira* á lingua trazida pelos nossos maiores da Península Iberica, não.

O que elle remarca e mostra, com rara claridade, é não se poder obstar as alterações que o idioma luso vem fazendo no Brasil. Certo concorre para isso o ambiente americano, a natureza, e, sobretudo as cousas originarias desta banda do Atlantico, que naturalmente não podem deixar de ser baptisadas, augmentando assim o vocabulario dos lusiadas. Adduza-se a isso a semantica, phenomeno linguistico que mesmo em Portugal altera o significado das palavras, no espaço e no tempo, e registaremos na terra do Cruzeiro um falar completamente novo, nos vocabulos, nas phrases e nas orações. Balanceie-se ainda certos archaismos, varridos hoje do falar lisboeta e conservados estacionariamente nos nossos sertões, e teremos o facto concreto em todos os seus aspectos.

Peço licença nesta altura para referir um caso de archaismo por mim observado a bordo, entre levas de nordestinos flagellados, ao rumo do Purús. Trata-se da palavra mystico, de vizinho. «Sou mystico de Fulano. Beltrana era mystica de Sicrana». Verifiquei depois que o vocabulo já fôra remotamente corrente em Portugal com essa definição até agora usada pelo sertanejo brasileiro. Patrulhe-se o nosso paiz dos mais austeros philologos, todos com a ferula vernacula na mão, e jámais se conseguiria impedir a tendencia da lingua para uma evolução separatista. E' natural que a linha mestra do idioma seja sempre inapagavel, e que se reconheça, de futuro, por um grande numero de expressões, que o linguajar brasileiro assenta no portuguez, mas que os dois idiomas vão cada vez mais se distanciando, um do outro, é um facto igual ao do tupi. A' proporção que as tribus sul-americanas se esfacelavam em fñalocas, em clans e mesmo em pe-

quenos grupos, criavam-se curiosas e pittorescas modalidades linguisticas, dialectos, modismos.

Apesar todavia dessa multidão de vozes, todas eram mais ou menos comprehendidas pelos que sabiam e sabem a lingua geral. Ha quem se mostre irritado com os phenomenos que registram o facto, apontando-os como inimigos de Portugal. A verdade porém é que o phenomeno avassalador não pôde ficar occulto, nem é obra deste ou daquelle. Veja-se sobre o assumpto o que diz, «verbi gratia», um especialista — Antenor Nascentes, no seu «Linguajar Carioca»:

«Conhecemos bem o nosso meio; não ignoramos os remos que nos hão de trazer os estudos de pathologia linguistica que empreendemos. Paciencia. Nosso trabalho não é para a geração actual; daqui a cem annos, os estudiosos encontrarão nelle uma photographia do estado da lingua e neste ponto serão mais felizes do que nós que nada encontramos do falar de 1822».

Não são menos impressionantes as palavras do sr. Mario Marroquim n'«A Lingua do Nordeste» nestes conceitos: «O portuguez do seculo XVI é o ponto de partida de uma evolução divergente. Enquanto em Portugal se modificava num sentido, no Brasil, envolvido por factos mesologicos, ethnicos e geographicos radicalmente diversos, orientou differentemente a sua evolução. E' o que Eduardo Carlos Pereira chama um amplo triangulo cujo apice é o seculo XVI e os lados o falar brasileiro e portuguez. Os lados partindo do apice, cada vez mais se afastarão».

E' de facto o que se vem verificando geralmente. As alterações idiomaticas no Brasil equivalem a forças vivas e cegas. O caso, aliás, é commum entre a Hespanha e as republicas americanas cujos povos se originaram em Castella. Entre a Inglaterra e os Estados Unidos dá-se o mesmo, tanto que no meio dos «yankees» o Dictionario não é da lingua ingleza, mas da Lingua Americana. Sahiriamos dos ligeiros moldes jornalisticos para uma gorda memoria se tivéssemos de apontar o que nos poderia vir á lembrança sobre este assumpto. O nosso objectivo, entretanto, é

apenas recommendar ao publico o grande livro do Sr. Renato Mendonça — «O Portuguez do Brasil», por todos os titulos uma obra de valor.

Dos nossos publicistas que já se occuparam do caso, nem mesmo o velho mestre de todos nós, João Ribeiro, na «Lingua Nacional», teria abordado a questão com a segurança e o luxo de pormenores do autor deste trabalho. Qualquer erudito, por mais versado nos modismos entre os dois povos isolados pelo mar, tem que aprender alguma cousa nesta rica monographia, tanto ella obriga os philologos a meditarem.

No entanto carecemos accentuar uma cousa: foi deste lado do Atlantico, em terras brasileiras, que surgiu o maior guardião do classismo portuguez — Ruy Barbosa. Abra-se-lhe a «Republica», obra de genio, feita em tres mezes, e veja-se que nenhum escriptor, dos maiores da Península, já conseguiu attingir á perfeição attingida pelo oraculo das «Cartas de Inglaterra». A riqueza do seu vocabulario, a construcção castiça das phrases, a plasticidade esthetica do periodo, a galhardia rythmica do verbo, sonoro e largo como a onda, dão-lhe tal belleza á fôrma difficil de conquistar por outro gladiador da penna.

Pois bem, este genio da lingua, philologo, grammatico, orador, seguro de todas as palavras, de todos os modismos, de todos os dialectos, de todas as regras, de todos os erros, não pôde deter, com o facho acceso de sua prosa, a separação do idioma, que se desliga na America da fonte materna com a força das nebulosas dos astros oriundas.

E' nesse documento chamado «Replica», padrão de sabedoria, orgulho dum povo, symbolo da arte de falar pura e elegantemente, que se lê isto na pagina 35: «Mas nas questões de linguagem tudo é o uso, e o uso se documenta com a escripta dos autores, que o estabeleceram ou registaram». Quer dizer, as formulas populares fazem a regra, criam a linguagem, estabelecem um portuguez no Brasil que fere o sentido do observador, obrigando-o como o faz o illustre prefcsso: Renato Mendonça, a registar o phenomeno.

RAYMUNDO MORAES.

DE LISBOA

CULTURA BRASILEIRA

Na ultima pagina do seu conhecido livro *America Latina*, o sr. André Siegfried, cuja autoridade ninguém contesta e cujo nome é respeitado e admirado em todo o Mundo, conclue esse captivante e elucidativo estudo dizendo-nos que o «problema fundamental» na vasta Sul-America é «a criação duma cultura autonoma». E acrescenta: «vêem-se bem os elementos que a formariam, mas estão dispersos».

Não se applica, ou, antes, já não se deve applicar ao Brasil tão restrictivo critério, pois ali se attingiu, de facto, a maturidade ou maioridade intellectual, fonte e causa de cultura propria, autonoma — originaria, como quer André Siegfried, do solo, do ambiente, da terra-mãe.

Não surgiu ella só, aliás, do instincto da grei, embora obscuramente esta a reclamasse, e tanto a desejasse que lhe deu logo o melhor, o mais decisivo e compensador acolhimento.

Foi obra entusiastica e voluntaria, obra de civismo meditado e pertinaz, que os seus escriptores e artistas, que os seus professores e scientistas, que os seus poetas e os seus sociologos quizeram realizar e realizaram, e que me parece de timbre e importancia unicos no vasto agglomerado de paizes sul-americanos.

Isto não significa de modo nenhum que eu ache legitimo apoucar o vulto, a estatura mental de individualidades notaveis das outras nações do mesmo continente. Nem legitimo, nem possivel.

Acontece, apenas, que no Brasil a analyse, apresentação e divulgação dos caracteres, tendencias, virtudes e defficiencias da psychologia collectiva, sem a noção das quaes nem aquelles actuam, nem estas se corrigem, tomaram, ha quasi meio seculo, incremento prodigioso, dotando assim o Brasil da consciencia plena do, seu destino, consciencia nitidamente manifestada na litteratura, no ensino, na critica, no lyrismo e na arte.

Não importa, para a completa affirmação dessa consciencia, que o Brasil atravesse ou não crises economicas ou politicas de maior ou menor gravidade. O que importa é a marcha victoriosa da sua auto-conquista, da conquista perfeita e total da sua alma, evidente a quem lê os autores brasileiros e verifica, surpreso e deslumbrado, que, de norte a sul do immenso imperio, uma laboriosa e refulgente colmeia de intelligencias avidas de interpretar o espirito e o coração da Patria vae pondo a nú os ricos materiaes da historia e da tradição, e, simultaneamente, vae desvendando, com singular competencia e agudeza, as aspirações em que se contém ou se adivinha o seu futuro.

Esforço magnifico, ainda por demais ignorado, esforço de hontem e de hoje, e que é o indice mais seguro e mais claro da grandeza do Brasil. Simplesmente, note-se, muito diverso — pelo seu impeto arrebatadamente constructivo e pelas suas consequencias triumphaes — de qualquer coisa semelhante que na Europa succedesse, em paizes resurgidos de calamidades ou desastres capazes de lhes terem diminuido a vitalidade, ou ameaçado e até destruido transitoriamente a independencia. E' que o Brasil surge, não ressurge. E surge liberto de todos os ressaibos de des-

crença em certos ideaes ou ideaes guiadores, que de quando em quando nos atrevemos a julgar vazios do seu conteudo emocional e intellectual.

Uma dessas idéas é, indubitavelmente, a idéa de progresso, tão desprezada agora em velhas sociedades europeas, e que no Brasil conserva a essencia intima e o sabor gostoso — que um dia voltará a possuir no Universo inteiro. Não a idéa philosophica de progresso, que talvez ali encontre tambem contradictores e oppositores declarados. Com ou sem oppositores, porém, facil é discernil-a, vibrante e irradiante, no amago, no cerne da indole brasilica, chamma ateada e estrella conductora do seu patriotismo sincero e nobre. Conceito não metaphysico, mas fortemente pragmatico. Alargar cada vez mais as fronteiras da actividade nacional, em todos os campos, em todos os ambitos, em todas as esferas da vida do Brasil — eis o que se ambicionou, se tentou e se alcançou. E o observador attento maravilha-se perante o dynamismo alegre desse povo jovem e operoso, para quem os sonhos de amanhã não transcendem, porque só continuam as certezas incitadoras do presente.

Os elementos da cultura brasileira não estão, não andam, pois, dispersos. Caldeou-os a fé no porvir, amalgamou-os, numa synthese de impressionante evidencia, o sentimento dum passado que não tem par na America do Sul e que legou lições inesqueciveis de unidade, de homogeneidade espiritual. Cultura espalhada, disseminada, assimilada pelo escol e pelas multidões brasileiras, que nos permite prophetizar ao Brasil, em tempo não remoto, hegemonia avassaladora no Atlantico Sul — mare nostrum — berço predestinado de nova e luminosa phase de civilização.

JOÃO DE BARROS.

Dr. Alvaro de Lemos Torres — *Curriculum vitae* — S. Paulo.

Trabalho apresentado á Comissão Julgadora para revalidação do titulo de livre docente de clinica medica da Faculdade de Medicina da Universidade de S. Paulo. O notavel jornalista Mario Guastini assignala com bastante precisão os meritos desse illustre cardiologista. Muitos são os titulos, as provas de efficiencia profissional que o collocam entre os mais altos nomes da sciencia da Paulicéa. Sua actividade didactica evidencia-se nos meritos de discipulos seus que tambem já se fizeram mestres. Serviu elle nos Estados Unidos, a convite da Instituição Rockefeller. Representou o Brasil em congressos europeus. E não falta nunca ao laboratorio, á cadeira de ensino, á casa rica ou pobre do enfermo que o chame. Alegra-nos ler o *Curriculum vitae* de um homem desses, dá-nos orgulho o saber que ainda existem brasileiros assim.

Novidade ARIEL

de R. A. GUZMAN

CIUME

5.^a edição — 12.000 exemplares

Traducção de GASTÃO CRULS

A PROPOSITO DO ROMANCE

O romance já foi retrato da vida e arma de combate. Hoje é as duas cousas, com muito symbolismo e eloquencia. Em qualquer lugar onde haja um povo que soffra e alguém que pensa e não pode usar sinceridade. Fala-se de litteratura moderna como de um phenomeno surgido abruptamente, sem correspondencia ou raizes no passado, uma floração inesperada num terreno arido. A cousa vem de longe. A paizagem actual é um pedaço do panorama já visitado pelo olhar de muita gente em horas anteriores. O seculo XIX ao morrer realizou o seu ultimo escandalo: esvaziou as consciencias. Não houve mais reflexão. A vida fez uma viagem de fóra para dentro, entregou-se a si mesma, e os homens não se quizeram ver mais, preferindo lêr em si proprios o drama estampado no rosto de todos. Zola disse isso melhor do que ninguém. Mas soffreu reacções e foi apostrophado, porque, e Nin Frias estava certo, todo o homem, desde Socrates e Jesus até o mais humilde contemporaneo, que se decide a dizer a *verdade*, é combatido e relegado, senão morto.

As consciencias desnorteadas situaram a força humana na impassibilidade. Só existia o universo da contemplação, temerario sem duvida. Propagou-se a certeza desillusoria que a humanidade, afastando-se de Deus pela razão, retornaria a Deus para a conservação de si mesma, desprestigiadas como estavam a razão e a intelligencia. Tal se deu em parte. O resto foi para as ruas escrever a litteratura, e olhar os vitraes, e ver estrellas onde só havia lama, e crear quando o trabalho era só descrever...

O tumulto vinha de longe. A poeira foi-se accumulando, e um dedo qualquer botou — «Não se mexe». Alguem mexeu, e a poeira ficou no ar. No ar. Só se viam as cousas através da poeira. Ella está se accumulando de novo. Symbolismo? Não, litteratura.

Clovis Ramallete chamou a attenção: «Escuta: ha um rumor que se levanta... E' o Brasil!» Realmente, ouvem-se passadas no caminho, alguém, alguém ronda, querem pular a pyramide do deserto.

POEMA DO ARCO IRIS

*Embora pareça incrível eu vos direi
Que vi; sim, eu vos direi: eu vi.
Durante quarenta dias e quarenta noites
Chuvvas enormes inundaram as terras,
O diluvio cobriu tudo, matou tudo:
Homens e bichos morreram debaixo das aguas.
Só na arca se ouviram os gritos das feras,
Só na arca se ouviu a fala dos homens.
Passados quarenta dias e quarenta noites
As chuvvas cessaram, mas as aguas cobriam tudo.
A vida desapareceu, e debaixo dos céos
Acima das aguas, só havia Noé com os bichos.
E os ventos os foram levando, levando ao acaso,
E muito tempo vagaram assim sem destino.
Depois aos poucos as aguas foram descendo
E no vigesimo setimo dia do setimo mez
Soltou Nôe um pombo que voltou logo após
Trazendo no bico, com o ramo de oliveira, noticia
Que de novo havia terras no mundo.
Então o patriarcha e sua familia,
Agradeceram ao Bom Deus noticia tão grata e feliz
E o bom Deus mandou como symbolo
De sua alliança com os homens justos,
O mais bello arco iris de que já houve memoria,
O mais bello arco iris que já vi com meus olhos,
Meus olhos de poeta antigo como o mundo.*

SERGIO SOARES.

Mas nada acontecerá. Nós queremos um bem enorme a esta terra. Por enquanto, façamos symbolo...

Litteratura moderna quer dizer tragedia e epopéa. Isso lá fora. Lá, onde Michael Gold disse, repetindo o Çaquia Muni, «ter a existencia, por consequencia inevitavel, a dôr». Aqui, a consequencia é essa mesma, mas é a dor de vêr os outros soffrer. Isto é muito complexo. O romance brasileiro é saudosista e allegorico, taes *Cacau*, *Angustia*, e todo Lins do Rego. Não porque se inaugurasse ao som das sirenes ou dos motores em rotação, mas porque escuta o tropel, que se accentua ali adeante. O Libertador, de Heine, não respiraria a nossa atmospheria. Não adeanta os romancistas prepararem o ambiente.

Aqui, diga-se a *verdade* sem lyrismos, o problema é moral, de base secular, de raizes que chegam até ao tempo dos portuguezes, e a necessidade é a libertação do homem da barbara dominação geographica, physica. Lá fora, é a inconsistencia dos regimens, fundados no esmagamento das liberdades e das suggestões humanas, a continuar o mal-estar terrivel, já tão

pronunciado na época em que Voltaire aretinizava os salões francezes, e nas ruas e nos ghettos o povo levantava os braços e olhava para o Alto...

E' evidente a precariedade das soluções estabelecidas. Moderno não quer dizer «novo». E' adaptação. Não adianta caminhar para frente, se a angustia augmenta e o rumor se vae levantando. Os ideaes de uma época serão sempre as realidades da época seguinte. A realidade de hoje reflete os ideaes que assignalaram a passagem do seculo XIX pela historia? Na latitude de todos os tempos assim se procedeu. E foram os seus primeiros realizadores aquelles mesmos que conheceram Jesus, e foram para o céu, passando pelos altares...

DANILO BASTOS.

— Ainda relativamente novo, Jean Pré vost apresenta-nos em *La chasse du matin* qualquer coisa de invulgar nas letras parisienses de hoje. Pré vost é do batalhão da *Nouvelle Revue Française* e beneficia naturalmente da profusa publicidade da casa. Mas é um finissimo ironista, dando alegria aos que o lêem, mesmo quando os arranhe um bocadinho...

AINDA FAWCETT

Embora já hoje em dia — e as ligações rápidas têm para isso muito concorrido — se fale menos mal e com melhor conhecimento de nós lá por fóra, são ainda precárias as fontes informativas do que nos diz respeito. Isso é tanto mais de se notar quando nem sempre se trata de reportagens apressadas ou notas de turista, mas de obras de muito maior vulto e cujas informações deviam ser fidedignas.

Tal é o caso do interessantíssimo livro de Charles E. Key, recentemente editado pela Casa Payot, na sua conhecida collecção científica, e que tem por título *Les explorations du XXe siècle*.

Abre justamente este livro um capítulo dedicado á bacia do Amazonas e no qual se consubstanciam as primeiras décadas deste século, tão rico de feitos congeneres e dos mais audazes por todo o mundo.

Assim, se o autor informa bem quanto ás viagens de Roosevelt e Rice, aquella na companhia de Rondon, para estudo do rio da Duvida, estas para levantamento da carta do Uapês e conhecimento de um dos principaes tributarias do Orenoco — o Inirida, já outro tanto não acontece quando elle inicia o seu trabalho falando no «mysterio do Coronel Fawcett». E' que para abordar este assumpto, sobre o qual já muito se escreveu mas quasi sempre erradamente, faltaram-lhe os esclarecimentos seguros bebidos no livro de Roosevelt e nas monographias de Rice. Não ha duvida que elle cita Dyott, mas este mesmo claudica em muitos pontos e, ao que me recordo, narra mais as pericias da viagem que emprenhou á procura de Fawcett do que se preocupa com as razões que levaram o mallogrado explorador inglez a se internar pelos sertões de Matto Grosso. Dahi, talvez, o erro em que incide desde logo Kay, dizendo que Fawcett, entre outras historias estranhas que lhe aguçaram a cubiça de descobrir, em trecho ainda impervio de nosso territorio, certo povo totalmente ignorado, mas de remota civilização e muitas riquezas, — soubera que «o coronel Rondon tinha descoberto pedras magnificamente esculptura-

das e rãs de jade polido onde se sabia não existir jade...»

E ahi começa a confusão. Essas rãs de jade polido» não são nada mais nada menos do que os nossos famosos muyrakitãs, já conhecidos de Humboldt e La Condamine, e cuja mysteriosa proveniencia na realidade até hoje se discute. Mas fazer de Rondon o seu descobridor... Ao nosso General cabem outras glorias bem maiores, para que possa prescindir dessa de haver achado os primeiros amuletos de pedra verde.

Fawcett, que a despeito do seu valor, tinha uma imaginação inflamada e phantasiada, deixou-se levar por muitos embustes e, entre estes, não foi dos menores, certo talismã de pedra (schisto?), em baixo relevo, e com inscrições cryptographicas, que lhe dera um indio, quando elle, durante uma commissão de limites entre o Brasil e a Bolivia, estivera a serviço deste ultimo paiz. Era com essa «chave», (especie de «abre-te, Sesamo!»), que elle esperava ganhar a sympathia das tribus que cercavam e defendiam a tal cidadella encantada, onde não desanimava de poder penetrar. Tenho ou tive em mãos uma rara photographia daquelle idolo, que me foi dada pelo meu amigo A. Childe, do Museu, pessoa que teve trato frequente e affavel com Fawcett, durante as suas passagens pelo Rio.

Julgo não haver mais duvidas quanto á morte de Fawcett, decorridos treze annos, após o seu desaparecimento nos sertões de Matto Grosso, embora ainda haja quem o queira vêr prisioneiro ou hospede feliz de qualquer tribu longinqua, talvez mesmo do tal alcaçar dos seus sonhos.

Do muito que se disse e conjecturou sobre o seu paradeiro, o que me parece mais certo foi o que ouvi do General Rondon, segundo informações colhidas aqui e ali, pelo pessoal das Linhas Telegraphicas, nas cercanias da região em que o explorador inglez se internou para nunca mais voltar. Fawcett e seus dois companheiros, um filho e um amigo, teriam sido mortos pelos indios Anauacá, quando,

já em situação difficil, abandonados pelos tropeiros e á mingua de recursos, buscando passar do rio Culuene para o rio das Mortes, se apropriaram indebitamente de duas ou tres canoas encontradas vacias, mas pertencentes áquelles indios. E se não foram os Anauacá que os trucidaram, teriam sido, então, os Suriá ou Cayapó, outros selvagens ferozes que por ali vivem.

Mas voltemos ao livro de Charles Key e ao seu capítulo sobre a Amazonia. Ha omissões indesculpaveis. Assim, nem uma palavra sobre o infortunado Koch Grunberg, que tambem pagou com a vida — mas este victima do impaludismo — o seu grande interesse pelos nossos indigenas. E mesmo a respeito de Rondon, se ha referencia especial aos seus arrojados feitos durante os trabalhos da Comissão de Linhas Telegraphicas, passa-se em silencio o muito que lhe deve a recente Inspeção de Fronteiras com o alcance de determinadas regiões que, só dahi por deante, deixaram de ser manchas brancas nas nossas cartas geographicas. E a visita de Roquette aos Nambikuara?

Tirante isso, o livro de Key é excellente e merece ser lido, como o venho fazendo, atravez de capitulos, cada qual mais interessante, e onde se succedem as marchas penosissimas pelos desertos do Tibet e da Asia, a conquista do Polo Norte, as aventuras entre os cannibae da Nova Guiné, e outros feitos em que o homem do século XX se revela um heroe em nada inferior aos seus irmãos de outras éras.

GASTÃO CRULS.

CIGARROS

ELMO

TYPO AMERICANO

MAÇO 800 reis

CIA. SOUZA CRUZ

Litteratura Portuguesa Contemporanea

(ALGUNS ASPECTOS E NOMES)

Eu falo de Portugal, onde vivi muitos annos absolutamente em familia, com o unico amôr que me parece verdadeiro: aquelle em que tão admissivel é o beijo como a pancada...

Ahi está a explicação da falta de *cortezia*, da *familiaridade*, com que possivelmente me sahirá esta desordenada conversa-chronica sobre o estado actual da litteratura portugueza.

Não pretendo fazer uma exposição completa e critica de todo o movimento litterario do Portugal contemporaneo; movimento de renovação ainda muito jovem, é demasiado vasto para ser contido em pagina de revista, e muito pouco fixo ainda para já ser explicado e analysado sem perigo de errar.

O mais que farei é descrever a traços largos alguns aspectos do panorama geral da moderna litteratura portugueza, e salientar o papel preponderante que nella desempenha a geração dos novos. Porque o melhor de tudo o que se pensa e escreve hoje em Portugal, é propriedade quasi exclusiva da sua juventude. Os veteranos, os consagrados, representam — que me desculpem — o fim duma curva de declinio; os jovens ainda quasi desconhecidos são o inicio duma reascensão brilhante da mentalidade portugueza.

E' muito vulgar dizer-se, tanto dentro como fóra de Portugal, que a litteratura portugueza está, nem mais nem menos, em irremediavel phase de agonia. E ha raivosos tradicionalistas que accusam os seus actuaes escriptores de nem sequer respeitarem os ultimos momentos da grande moribunda: de lhe estarem apressando a morte assassina, a golpes de impiedosa mediocridade.

A verdade é que os jovens escriptores de Portugal (os authenticos) têm contra si dois inimigos terriveis: os muitos «consagrados», e a enorme fauna dos sem-talento anonymos que vão espalhando em sua volta grandes nodoas de sombra. A «consagração» é a peor doença da litteratura portugueza: com rarisimas excepções, os autores cujo nome anda na bocca de todo o publico e os jornaes imprimem com o qualificativo *eminente*, são em regra os que menos o merecem.

A enorme fauna dos sem-talento é principalmente, e desgraçadamente, da classe poetica. Numa terra em que, desde os primeiros tempos da sua nacionalidade, o lyrismo é característica nacional, todos querem e acham facil ser poeta, e poeta senhor dalgum complicadissimo e profundissimo problema poetico! Dahi se organizarem nas vitrines das livrarias formidaveis feiras de monstros, ou monstinhos, desses que valem uma entrada de 1\$000 em barraquinhas de lona, e que nem ao menos fazem pena. Os monstros, é claro, são imaginarias desditas, inquietações, destinos subterraneos, forjados por rapazes simplicissimos que se de alguma coisa soffrem, é do vicio de confundir poesia com qualquer escabrosa psycho-pathologia, e que se sentem felizes nesse engano (de resto, não é esse um universal mal do seculo?). No romance, o genero predilecto depois da poesia, aquelles sem-ta-

lento limitam-se a misturar laboriosamente Proust com Dostoievsky, e os mais nacionalistas, Eça com Fialho.

Ora são esses dois inimigos que levam os desprevenidos e os precipitados a pensar que a litteratura portugueza agoniza e já não vale nada. E ainda isso é em Portugal. Porque cá fóra, essa impressão derrotista amplia-se na convicção de que a pobre litteratura já morreu e foi a enterrar nos mesmos enterros do Eça, do Antero, do Guerra Junqueiro, etc... E afinal, como ella está viva e bem viva, a esplendida litteratura portugueza!

Postos de lado os consagrados e a tal fauna sem nome, limpo o horizonte, apparece-nos a maravilhosa pleiade de jovens escriptores, quasi desconhecidos do publico, mas que, cheios de talento e coragem, desinteressados de glorias vãs de banquetes e fardas, heroicamente defendem em Portugal uma mentalidade authentica e uma litteratura magnifica. Ainda é cedo para que no Brasil se conheçam todos esses moços poetas e prosadores da nova geração. E' cedo, porque difficuldades inexplicaveis que não resolvem os tantos intercambios culturaes luso-brasileiros, fazem o tempo longo e tornam a viagem dum livro portuguez (ou brasileiro) através do Atlantico tão lenta e incerta como as viagens da época aventureira das caravellas.

A litteratura portugueza d'agora, já cançada de se plagiar a si mesma, tem no proprio meio em que se desenvolve um dos mais duros obstaculos; anciosa de novidade, tem que procurar fontes e seivas novas em terrenos já velhos e exhaustos. E' essa a sua grande virtude, e o seu heroismo.

A humanidade moderna, apesar da «historia repete-se» e outras phrases, é a mais rica em interesse, emoções e possibilidades humanas que pisou a terra desde que a terra existe. E é para esses planos amplos em que nasce um novo homem universal que se voltam os modernos escriptores portuguezes, na sua angustiosa avidez de renovação e regeneração. Fazemos o mesmo no Brasil; mas com a vantagem de, sabendo e querendo procurar, termos ao pé de nós, fresco, palpitante de mocidade, tudo o que os irmãos portuguezes hão de buscar longe de si.

Actualmente teria um grande interesse para os curiosos de influencias litterarias, comparar as litteraturas portugueza e brasileira. Os tempos mudaram um pouco, e o Brasil já se emancipou de certos contagios (aliás muito saudaveis) que lhe vieram de Portugal; e em alguns (poucos) sentidos, creio que o contagio tomou rota contraria... Talvez no romance. Culpa de Jorge Amado, que tem com que contagiar o mundo inteiro.

Em Portugal a poesia é hoje o meio de expressão mais usado por todos os que têm alguma mensagem a transmittir. Citar um homem de letras portuguez do momento presente é, quasi sempre, citar um poeta. Mesmo aquelles que se dedicam a outros generos litterarios — romance, critica, ensaio... — são, por sua preferencia e por maior vocação, mais do que qualquer outra coisa, poetas. Assim, um dos mais vivos espiritos portuguezes de hoje, Adolfo Casaes Mon-

teiro, além de um dos mais completos criticos da nova geração — isto é, do Portugal contemporaneo — é também um dos seus mais originaes e authenticos poetas. Porem, é difficil dizer qual é o melhor Casaes Monteiro, se o autor de *Confusão*, *Poemas Do Tempo Incerto* e *Sempre E Sem Fim*, ou se o dos ensaios-criticos *Considerações Pessoaes*, *A Poesia de Jules Supervielle*, *A Poesia de Ribeiro Couto* e tantos outros ainda não publicados em volume. Ha dias em que se prefere o Casaes Monteiro poeta, e outros o critico. Talvez porque não se possa distinguir bem se elle deixa de ser critico para ser poeta. A poesia portugueza contemporanea é differente da nossa em ser mais cerebral, mais pensada, mais intelligente. A nossa tem muito mais o sabor do fruto meio verde, acabado de colher e não escolhido. A portugueza — com poucas excepções, por exemplo a do lyrismo e da simplicidade deliciosa de Alberto de Serpa — é toda introspecção e exploração profunda e *consciente*. E A. Casaes Monteiro é com certeza o poeta portuguez mais consciente e lucido; porisso o mais aspero e menos lyrico (no sentido vulgar).

Alberto de Serpa — leia-se sobretudo *Descrição e 20 Poemas da noite* — é o que mais se aproxima dos brasileiros; ora de Ribeiro Couto, ora de Manuel Bandeira, ora de Jorge de Lima... Casaes Monteiro lê-se pensando; A. de Serpa sentindo. E' elle o poeta portuguez de hoje que mais simplesmente (melhor) ouve e ama a natureza; nesse lyrismo é elle o primeiro representante da nova geração.

Mas acima de todos, a maior gloria do genio poetico portuguez nos nossos dias, está José Regio. *Biographia*, *Poemas de Deus e do Diabo* e *Encruzilhadas de Deus*, são a mensagem de uma das mais bellas almas da poesia portugueza, a mais bella, mais profunda e mais séria, depois de Antero de Quental. José Regio (que uma vez Agostinho de Campos, o critico severo, impiedoso — o Agrippino Grieco de Portugal... citou ao lado de Camões!) é o maior poeta portuguez da actualidade. E é o que basta dizer delle.

E ainda Miguel Torga, muito differente de Regio, mas da sua familia poetica, a quem bastaria *O Outro Livro De Job* para se alçar á primeira fila da moderna poesia portugueza. Carlos Queiroz, que eu saiba, ainda autor de um unico livro, *o Desapparecido*, e que os leitores do *Boletim* já conhecem. Afonso Duarte, João Falco (uma senhora), e tantos outros. O grande Teixeira de Pascoaes que, se não fosse a popularidade volumosa de Correia de Oliveira... seria, dos de hoje, talvez o poeta mais popular de Portugal, fica, apesar de ter sido quasi sempre modernista, um pouco deslocado na geração *nova*; apenas porisso o não citei antes.

E propositadamente deixei para o fim os dois já mortos Mario de Sá Carneiro e Fernando Pessoa, que foram os dois grandes iniciadores da poesia modernista em Portugal. De ambos se prepara a edição da obra completa, que será a melhor homenagem que se lhes pode prestar.

E ahi está como, querendo dizer alguns nomes da litteratura portugueza contemporanea, só disse nomes da litteratura portugueza contemporanea, só disse

nomes de poetas. Agora já é tarde para voltar atraz; e afinal, os melhores prosadores são ainda Casaes Monteiro (critico), Miguel Torga e José Regio (romancistas), e alguns outros que, se agora os chamasse, viriam um pouco atrasados e sem geito a isto que pretendeu ser chronica geral e sahiu elogio da poesia.

Deus deu a Portugal o destino de ser contado e historiado em verso.

MARIO BORGES DA FONSECA.

Gastão Pereira da Silva — *Prudente de Moraes* — Editor Zelio Valverde — Rio.

Muito justo o cognome de «Pacificador», com que o sr. Gastão Pereira da Silva reverencia a memoria de Prudente de Moraes. O grande paulista foi, sem duvida nenhuma, um dos benemeritos da nossa politica administrativa. Sinceramente republicano, bateu-se até á velhice pelos principios liberaes que lhe haviam empolgado a juventude. Nenhum sentimento subalterno lhe perturbou o nobre desenvolvimento de uma vida toda ella consagrada á ordem publica, á felicidade commum. Bem inspirado se mostrou o sr. Gastão Pereira da Silva ao recordar um tal varão, dos que mais têm dignificado o Brasil moral.

Vinicio da Veiga — *O Presidente* — Rio.

Trata-se de um romance do qual se extrahiu uma fita de cinema, entusiasticamente acolhida pelo publico de diversos paizes. A narração foi primitivamente redigida em inglez e o proprio autor se encarregou de transportal-a ao nosso idioma. Mais do que um estylista, preocupado com os effeitos de phrase, o sr. Vinicio da Veiga parece-nos um amigo dos golpes sensacionais de theatro. A urdidura do seu livro é das mais impressionantes, multiplicando-se em lances imprevistos, em situações que põem á prova os nervos do leitor. Assignale-se, ao concluir, que os volumes do nosso patricio têm sido traduzidos para varias linguas e louvados por criticos idoneos da Europa e da America do Norte.

O mais moderno Livro de Cozinha

MARIA DE LOURDES

ARTE DE COZINHAR

(Petiscos e Petisqueiras)

1350 Receitas Diversas

A' venda em todas as livrarias do Brasil

Volume Cartonado: 14\$000

PEDIDOS A

Civilização Brasileira S/A.

Rua 7 de Setembro, 162

RIO DE JANEIRO

PINHEIRO VIEGAS

Não sei se ainda é costume, confessar-se de publico o que se deve a alguém, principalmente quando o bemfeitor está morto e já não se tem possibilidades de merecer delle novos favores.

Pinheiro Viegas, que, ha pouco, morreu isolado e esquecido, em um suburbio pobre da Bahia foi um homem que exerceu, durante algum tempo, uma grande influencia em minha vida. Na minha e na de muitas outras pessoas.

Conheci-o por acaso numa tarde de 1929, em um bar da Rua da Assembléa, na Bahia. E nunca mais pude esquecer a sua figura estranha, e de certo modo anachronica, de bohemio, de pamphletario, de sarcasta e de poeta. Sentado na mesa não muito limpa daquelle café de terceira ordem, frequentado por syrios aventureiros e prostitutas anonimas, Viegas, impeccavelmente vestido de preto, fascinava meia duzia de rapazes cheios de curiosidade, com os seus paradoxos, a sua verve, a sua ironia, com a scintillação de sua palestra misturada de ouro e de vitriolo.

Achando que o intellectualismo puro era o caminho exclusivo do homem de talento, pregava a doutrina da arte pela arte, affirmando que nenhuma victoria material na vida era digna do artista. Como era natural, essa attitude, mantida sem nenhuma concessão, difficultou-lhe a existencia, trazendo-lhe grandes dissabores.

Viegas lutava contra elles tomando uma attitude aberta de combate, apurando o mais possivel a sua arte de desagradar, ferindo a tudo e a todos (principalmente a todos que venciam sem merito) com o florete da sua ironia impiedosa, com o caustico dos seus epigrammas corrosivos, com as vergastadas da sua maledicencia contundente e ferina.

O numero dos seus inimigos cresceu em torno delle. Os mediocres temiam-no e os medrosos evitavam-no. Ficou apenas ao seu redor, naquellas palestras quotidianas, no café de terceira ordem, a meia duzia de rapazes cheios de curiosidade. Por elles fui me inteirando do passado de Viegas.

Soube de sua mocidade accidentada, da sua vida bohemia aqui

pelo Rio, da sua frequencia nas rodas litterarias da metropole, durante uma época que se caracterizou por figuras como: Emilio de Menezes, Paula Ney, José do Patrocinio, Luiz Murat, e tantos outros, que elle recordava com saudades. Isso porém não impedia que Viégas, irrequieto e insatisfeito, estivesse sempre se locomovendo entre o Rio e a Bahia, sem se fixar definitivamente em nenhum dos dois logares.

Essa irrequietude e o desdem que mantinha por qualquer consagração impediram-no de realizar a obra que seria capaz de construir.

Preferia dizer pelas esquinas, pelos cafés, pelas redacções, as suas phrases cheias de vinagre e sempre vestidas de uma fórma das mais fascinantes.

Apenas no ultimo quartel da sua vida, já meio tropego, quasi cego, mas com o espirito ainda moço e o cerebro illuminado pelos clarões que nunca desertaram, foi obrigado a se fixar definitivamente da Bahia, cercado apenas por uns poucos amigos que nunca o temeram.

O supplicio que era para aquelle nomade uma obrigação de immobildade, a condemnação á permanencia em horizontes fixos, foi aggravado, ainda, por torturas phisicas das mais crueis.

A treva invadiu-lhe definitivamente os olhos cansados e uma perna foi-lhe amputada, para salvar-lhe a vida prestes a se extinguir.

O isolamento se fez maior em torno delle. Sem olhos para vêr, sem pernas que o transportassem, teve que vegetar na sua immobildade de invalido, acompanhado apenas pelas sombras preferidas do seu Voltaire, do seu Rimbaud, o seu Rivarol, do seu Wilde, do seu Pöe, de todos os poetas exóticos, de todos os pamphletarios de vanguarda, de todos os esthetas incompreendidos, guias permanentes de sua vida, modelos preferidos de sua arte, e companheiros fieis da sua morte. Porque foi exclusivamente nessa companhia que morreu Pinheiro Viégas, em um dos ultimos dias de Novembro do anno que findou, exilado em um suburbio humilde da Bahia.

Morreu sem um protesto, elle que levava toda a vida protestando contra as injustiças humanas. E' esse protesto orgulhoso que está espalhado em toda sua obra esparsa, incompleta amostra de um talento que fez questão de se esbanjar, pelo desprezo que lhe mereciam todos os que não estavam á altura de comprehendel-o, e que na sua opinião, eram a maioria.

Pinheiro Viegas morreu desconhecido e isso não é coisa de causar espanto. O que é raro é que tenha morrido como viveu. Estoico, consciente de sua força, foi coerente com os seus principios e nunca trahiou as suas convicções.

Numa época como esta que estamos vivendo, este é, sem nenhuma duvida, o seu maior elogio.

DIAS DA COSTA.

Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz — *Viagem ao Brasil* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.

Em traducção do sr. Edgar Sussekind de Mendonça, vae ter agora a divulgação que merecia entre nós o excellente livro do casal Agassiz. Trata-se de obra difficil de encontrar em qualquer outro idioma e era realmente deploravel que as gerações mais novas não conhecessem o que do Brasil disse um admiravel scientista estrangeiro, acompanhado de uma mulher de fino espirito que nada possuia de irritante ou precioso.

A. C. Tavares Bastos — *O valle do Amazonas* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.

Nome que avulta cada vez mais entre os authenticos precusores da nossa melhor sociologia é o de A. C. Tavares Bastos. Nada do que ia pelos domínios da historia e da philosophia politica foi estranho a esse alagoano que se finou tão cedo. Suas palavras sobre o Amazonas afiguram-se-nos simplesmente propheticas. Tudo o que elle escreveu sobre região de tamanha complexidade é como se acabasse de sahir da penna de um contemporaneo.

CIGARROS

ELMO

TYPO AMERICANO

MAÇO 800 reis

CIA. SOUZA CRUZ

O ABC DE JOÃO E MARIA

As idéas modernas sobre educação já datam de alguns annos, de mais de 10 pelo menos.

O methodo Decroly, por exemplo, começou a ser posto em pratica em 1920.

Entre nós, entretanto, essas coisas só appareceram outro dia.

Até hontem o ensino ainda seguia a orientação mais obsoleta, mais rotineira do mundo.

Eu ainda alcancei o maldito ensino da leitura pela solettração. Primeiro aprendiam-se as lettras; depois formavam-se as syllabas, com estas formavam-se as palavras. Não se admittia a *leitura corrida*. O modelo de cartilha adoptado era a *Cartilha Nacional* ou a de Thomaz Galhardo.

Havia um divorcio absoluto entre a escola e a vida.

Na escola o alumno só tinha um pensamento: fugir para a vida, para o mundo.

A grande, a extraordinaria conquista da pedagogia moderna foi a reintegração da escola na vida.

A criança, o ser humano no começo de sua existência é a preocupação principal dessa nova pedagogia.

Uma vida educacional mal iniciada terá no futuro do ser as mais damnosas consequencias. A criança ha de receber a experiencia ha de ser seleccionada, isenta dos erros, das vacillações, das incertezas que ellas atravessaram. Deverá trilhar um caminho semelhante, porém, muito mais ameno, muito mais suave.

Não é tudo o que se deve transmitir á criança. Só se lhe deverá ensinar o que ella puder aprender. A criança só poderá aprender o que despertar o seu interesse.

Esse interesse não é uniforme para todas as idades. Importa determinar os centros de interesse tendo em consideração esse factor.

Fazer girar o ensino em torno desses centros de interesse é o meio mais efficaz de satisfazer aquelle impulso primitivo, aquella «fome interior» de que nos fala a Dra. Montessori.

Na confecção do seu notavel trabalho, Marques Rebello e Santa Rosa mostraram ter assimilado bem este espirito renovador da escola.

Dois Poemas de Osorio Dutra

INFINITO

Horizontes que se afastam,
Paisagens que se desdobram,
Panoramas que se alongam.

Mares que vão se alargando,
Terras que vão se estendendo,
Caminhos que vão se abrindo.

Curvas que nunca se encontram,
Rectas que nunca terminam,
Linhas que nunca têm fim!...

Os rios sempre correndo,
Os homens sempre brigando
E os céos subindo, subindo!

Procuraram chamar a atenção para um objecto, uma scena familiar, uma face do mundo ainda limitado da criança. Para um *centro de interesse*, digamos. E sabedores com Herbart de que tudo o que é isolado não tem valor, porque na vida as coisas se apresentam sempre ligadas, sempre conjugadas a outras e os acontecimentos sempre se entrelaçam com outros acontecimentos, procuraram juntar em cada pagina idéas associadas, coisas homogeneas ou pelo menos um thema esplendido para uma explanação do professor, que desenvolverá muito naturalmente tudo o que puder gravitar um torno da idéa principal, expondo — sem a preocupação artificial das materias — o que estiver ao alcance da intelligencia infantil.

O trabalho de illustração é excellente.

Já podemos dizer, de bocca cheia, que ha entre nós, na pessoa de Santa Rosa, um magnifico illustrador de livros para crianças.

Aquillo que parecia um privilegio dos inglezes, já está ao alcance de todas as mãos brasileiras. Pela alegria enorme, integral, que as figuras despertaram na minha filhinha, eu posso avaliar que admiravel presente os autores fizeram a todas as crianças do Brasil.

O *A B C de João e Maria*, que é distribuido pela Nestlé, faz a arte penetrar, como em tantas outras partes do mundo, victoriosamente na escola.

Como enthusiasmam, como ani-

MUNDO

Homens de todos os credos!
Homens de todas as côres!
Porque razão vos odiaes?

Homens de todos os cabos!
Homens de todas as ilhas!
Porque razão vos armaes?

Homens de todas as raças!
Homens de todos os climas!
Porque razão vos bateis?

Homens de todos os mares!
Homens de todas as terras!
Porque razão vos mataes?

mam imagens como: «Viva ao Ar Livre», «O Sol dá Vida».

São boas que nem *La Vie est Belle* de Mlle. Rochette.

AURELIO GOMES DE OLIVEIRA

Acaba de apparecer um
grande livro

“Um estadista do Imperio
--- Nabuco de Araujo”

sua vida, suas opiniões, sua época

Por seu filho

JOAQUIM NABUCO

Nova edição completa em
dois tomos e accrescida de
um indice alphabetico
por 50\$000

Em todas as Livrarias e na

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Pedidos á

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

Rua 7 de Setembro, 162 — Rio de Janeiro

NAVIOS ILLUMINADOS

A bagagem litteraria do Snr. Ranulpho Prata não é pequena. Nada menos de quatro volumes publicados, entre contos e romances, além de um ensaio em torno do «phenomeno» Lampeão. Desses livros, conhecia sómente este ultimo que, aliás, pouco dizia do valor do ficcionista, uma vez que elle preferiu fazer reportagem, em lugar de um possivel romanceamento da vida e façanhas do bandoleiro.

Confesso não ter lido os livros anteriores de Ranulpho Prata, e o faço penalizado, certo de ter perdido algumas horas do mais intenso prazer intellectual, pois a leitura do seu mais recente romance, *Navios Illuminados*, foi uma revelação, uma esplendida revelação. De nada adiantou a corrida pelas livrarias e «sebos», atraz d'*O Lyrio na Corrente*, d'*A longa Estrada*, etc. Todos exgottadissimos.

O unico remedio foi contentar-me com a dupla leitura de *Navios Illuminados*. Essa affirmativa já é um grande elogio, uma vez que o accumulo de tantos livros a serem lidos não permite dessas extravagancias. Mas aqui estamos, na verdade, em presença de um romancista em toda a sua força, um romancista que tem algo a contar, e o que é melhor, que sabe contar. Um creador de typos destinados a perdurar em nossa pobre memoria, a fazer parte das pessoas de nossas relações.

A historia de *Navios Illuminados* não traz em si grandes novidades. Aliás, isso de enredo, pouco ou muito pouco importa. O interesse não está, propriamente, no desencadear das scenas, no imprevisto do que irá surgir, mas sim na maneira como o «caso» é contado, como o drama é «vivido». A historia de Severino é a mesma de muitos outros filhos do Norte que desceram para o Sul, em busca de fortuna. E' a tragedia de todos esses pobres desherdados da sorte, que vegetam nos pequenos logarejos até que um conterraneo bem sucedido (são os unicos que voltam, um entre mil) venha tiral-os daquella vida calma, sem grandes perspectivas, com a mentirosa illusão de um novo «El-Dorado». Severino acompanha a Felicio, o amigo que voltou, todo elegante, «contando van-

tagens», e vem parar em Santos, para uma pensão pobre, perto do Caes. Bastam dois mezes para que se capacite da realidade. O dia que começa a nascer, pondo laminas de sol no quarto abafado, será mais um dia inutil. Andará pelos escriptorios, ouvirá o mesmo «aguarde oportunidade» de hontem e, depois perambulará pelos bairros miseraveis, até o corpo pedir repouso. O autor descreve, minuciosamente, a via-sacra de Severino, atraz de um emprego, que antes lhe parecia tão facil de ser conseguido. Revela-se nestas paginas um analysta paciente, um psychologo subtilissimo e profundo, um disseccador de almas nada superficial, como tanto é de habito entre nossos romancistas.

Não sei quem falou na necessidade de uma certa monotonia dentro de um romance que se preze. Monotonia não é bem o termo. Mas a densidade tão procurada por todos obriga a repetição e o autor não póde descurar dos minimos detalhes, e esses factos venham contribuir para uma mais completa illusão da realidade. Essa é a escola de um Thomaz Mann ou um John Galsworthy, de um Sinclair Lewis ou um Jacob Wassermann, de um Ferenc Kormendi ou um Martin du Gard.

O suspiro de allivio que Severino solta ao transpôr o largo portão da Inspectoria, é acompanhado pelo leitor, já plenamente integrado na sua tragedia, completamente interessado pelo seu destino. Acompanha-o no estafante trabalho de martellar cascos de navios («quando pegou do malho, quasi que amunheca»). Vae vê-lo, depois, carrear lama, dia e noite, como foguista de um batelão («puxando fogo, de pulso firme na pá»). Segue-o no duro serviço do carregamento e descarregamento de fartos e bojudos navios, debaixo de um «sol que criava vagalumes nos olhos».

Nesses mistéres todos, Severino vae deixando, aos poucos, a saúde e a alegria, e vê irem-se diluindo todos os sonhos e todas as ambições, tantos dias acalentados. Nem o auxilio á velha mãe, nem mais a esperança de ir buscar, para companhia, a tabarôa querida. Pelo contrario. Uma piedade muda

leva-o, instinctivamente, para Florinda, a filha do dono da pensão. Num curto e simples idyllio (que paginas admiraveis estas!) cáe num casamento inesperado. Depois, os filhos. «Logo dois, minha Nossa Senhora!» O ordenado mal dava para elle e Florinda...

Os serviços extraordinarios, noites e noites, sem tempo para descanso apressam o desfecho. A doença. O trabalho no frigorifico. «Cá fóra um noroeste bravo, sapecendo a pelle, escaldando a cidade e lá dentro uma temperatura de 30 gráus abaixo de zero». O hospital. Por fim, a morte. O autor acompanhou de perto seu personagem. Dá-nos a impressão palpavel, nitida, precisa, de que de facto andou pelos cáes, se sentou entre os trabalhadores e lhes ouviu as queixas, dellas compartilhando como um patricio chegado de pouco e que tudo deseja saber, na curiosidade muito natural dos filhos do mesmo lugar, de irmãos que se encontram longe das suas coisas. Não descurou nem mesmo de alguns detalhes technicos indispensaveis. Estando muito longe da reportagem, fez como que um levantamento topographico da vida daquella gente, atravez de Severino.

E' um livro doloroso, este *Navios Illuminados*. Não fóra o espaço e não me furtaria ao prazer das transcripções. Quantas paginas dignas de anthologia!

A viagem dos dois clandestinos.

O Pato Tonto, entrando pelas casas, tomando moldes para as suas pequenas construcções, deixando a denunciá-lo «um pouco da sua morrinha». O Fênice no catre, inutilizado. O amor desesperado de Pepe, resolvido com uns disparos de revolver. A morte daquelle japezinho, no hospital. O retrato de Martins Fontes, que o Dr. Luciano não consegue occultar, com aquella anecdota do rabinho de porco. E a philosophia dos seus personagens. «E quem dá, meu irmão, parece Deus pelas costas». «Amor no pobre é uma fraqueza». «Suor é lagrima que sae pela testa». «Pobre carregado de familia numa terra como esta, come fogo e arrota brasa». «E o que a lingua suja, sabão não lava, fique certo».

Um morto que não é um grande vivo

Anda por ahi um livro vasado em linguagem escolar e revelando um basbaquismo absoluto deante de Humberto de Campos.

Contesto essa necessidade de se trabalhar um volume inteiro acerca do maranhense academico. Porque a obra de Humberto de Campos — com excepção das *Memorias* — é tipicamente uma obra perecível, superficial, quando muito brilhante e amavel, incapaz de sugerir — ao critico objectivo — qualquer louvor sincero e irrestricto.

Visceralmente *litterato*, — não no bom sentido em que o foram Paulo Setubal ou Carlos de Laet, mas no de graphomania e dilletantismo em que o são Viriato Correia e Benjamin Costallat — e titulo mais justo, para Humberto de Campos, ainda é o de *chronista*, ou seja: o dizedor de coisas faceis, variadas, vivazes, coloridas, aparentemente bellas mas no fundo inconsistentes e sem nenhuma importancia.

Devoto dos grãos de mostarda, erotologista de segunda mão, encheu o Brasil de bacias de Pilatos e outros pombos de Mahomet, — humorismo só apreciado entre alumnos internos de 14 a 17 annos, e no qual frequentemente a originalidade é dama ausente.

Tudo muito real, muito humano. Quando Felicio fala ao irmão, tem padecido que não é brincadeira, tem soffrido mais do que sovaco de aleijado, pensamos que o melhor é parar.

Não adianta estar mutilando o livro com pequenas transcripções. Mesmo porque, se continuarmos, teremos que acabar por transcrever as paginas finaes, da morte de Severino, paginas que podem ser collocadas ao lado das maiores escriptas em portuguez.

O romance brasileiro se enriqueceu sobremaneira com *Navios Iluminados*. No entanto, a critica não se tem manifestado. Explica-se o silencio. O autor não faz parte das «panellinhas». Prefere a modestia de um retiro em Santos ao rumor da Avenida Rio Branco. Mas o seu livro ficará.

EDGARD CAVALHEIRO.

Em *Carvalhos e roseiras*, o sr. Prado Kelly se acotoyella com Guilherme de Hohenzollern, um vago sr. Bulhões tropeça em Lenine, e Ronald de Carvalho se vê em brusca intimidade com Paderewski e Tiradentes...

Os outros livros de critica dão tambem a medida de Humberto de Campos no officio. Homem muito lido, dotado de incrível habilidade em aproveitar suas leituras, Humberto não foi realmente critico. Ficava sempre á margem da obra, distendia o cordel das reminiscencias, contando uma porção de anedotas interessantes acerca do autor ou do assumpto, mas não chegava nunca a um julgamento essencial. Humberto não julgava. Discreteava apenas. Discreteava encantadoramente, estabelecia uma longa conversação com o leitor, dando ás vezes a impressão de haver completamente esquecido o «vient de paraitre» que se propuzera analisar...

Quanto á popularidade de suas columnas jornalisticas, tudo vae á conta de sentimentalismo innocuo. Garçons, engraxates, motorneiros, pequenos funcionarios, todos gostavam de vêr aquelle cidadão illustre — academico e ex-deputado — prestigiar desse geito os aleijados, falar tão bonito sobre a miseria, sobre a luta quotidiana, sobre os problemas miudos. Gostavam e se commoviam, deixando a residencia, cada manhã, com um ou dois lenços sobresalentes afim de garantir o acontecimento lacrimal durante a leitura da chronica de Humberto...

Nenhum merito existe, reconheço, em se atacar um homem desaparecido, pois que elle não pode mais reagir e assim reparar possiveis injustiças. (Aliás, só me sinto realmente á vontade quando elogio os mortos e falo mal dos vivos). Entretanto, as successivas tiragens das collectaneas de Humberto de Campos podem apparentar que sua litteratura merece esse prestigio editorial — impressão absolutamente falsa e prejudicial a uma honesta catalogação dos valores brasileiros.

Poeta sem personalidade, igual da cabeça aos pés a dezenas de outros

devidamente exilados de nossa memoria; chronista inoffensivo, cujos productos, si despachados para Ponta-Porã, morreriam de caduquice muito antes de chegar ao destino; critico amador, que não alcançava o cerne dos livros, não tendo accrescentado definições novas aos autores mais vigorosos e complexos, Humberto de Campos é um morto, sob certos aspectos, irremediavelmente morto.

E — ao contrario de Jackson de Figueiredo, cuja obra adquire um valor crescente e, á medida que os dias passam, apresenta uma significação mais ampla e fecunda, mais larga e viva —, conhecerá um olvido que só não será total e definitivo porque Humberto de Campos escreveu *Memorias* — livro onde ha paginas de melhor emoção, livro puro, bello, immenso, merecedor de todas as homenagens litterarias de que disponho.

NEWTON SAMPAIO.

Sebastião M. Barroso — *O medico nas grandezas e misérias humanas* — Comp. Melhoramentos de S. Paulo — S. Paulo.

«Em Sebastião Barroso reúnem-se varias capacidades — na medicina, na hygiene, no jornalismo, na politica — presididas por fulgida intelligencia, notavel capacidade de observação e de critica». Estas palavras são do grande Miguel Couto e conferem um bello titulo de nobreza intellectual ao autor deste excellent volume *O medico nas grandezas e nas misérias humanas*. Volume repleto de episodios os mais suggestivos sobre a carreira de um clinico, de um amigo do laboratorio, da actividade experimental, da consulta aos mestres silenciosos das bibliothecas. Hygienista que Oswaldo Cruz prezava, deputado capaz de fazer da tribuna uma especie de cathedra de maior resonancia publica, periodista que escreve claro porque começa por pensar claro, ahi temos, sob todos os aspectos, um homem em condições de dignificar a profissão elevada tão alto entre nós por um Torres Homem e um Francisco de Castro. Bem se comprehendem os louvores que a proposito de uma edição anterior deste livro lhe mandou, sem mesmo conhecê-lo de perto, o escriptor Bruno Barbosa, de Santos, juiz e poeta, companheiro querido do inolvidavel Martins Fontes.

Um grande Livro

Os grandes livros, não no formato nem no numero de paginas, mas na somma de conhecimentos que contem, são raros. E mais raros ainda com prazer e patriotismo sadio que somos levados a dizer alguma cousa sobre o livro do prof. Sylvio Fróes Abreu — *A riqueza mineral do Brasil* (Cia. Edi. Nacional — 1937).

O autor é incontestavelmente, um dos technicos competentes que trabalham sinceramente para a grandeza e o progresso de nossa Patria. Os seus trabalhos, já bastante numerosos, falam bem alto e, nessa obra, sente-se a mão experimentada e, ao mesmo tempo, paciente do mestre.

Não se deixa o autor embalar pelas lendas de riquezas sem fim ou pelo illusorio *el-dorado*. Olha os problemas de frente e, com audácia, mostra os erros que entre nós se perpetuaram e indica a solução acertada.

E' o patriota e o cientista que se integram e se completam. Nem a myopia patriotica prejudica o homem de sciencia; nem o cientista tem as suas idéias peadas por falso patriotismo.

Mostra com desassombro a verdadeira situação do Brasil em relação ás riquezas mineraes basicas, para o engrandecimento das Nações.

Estuda o historico dos trabalhos realizados no Brasil, tanto por estrangeiros, como por brasileiros. Nomes illustres não faltam.

E' a politica a responsavel pelo atrazo em que nos achamos. Ella é que elimina homens sinceros e impede o apparecimento de outros. Os cientistas vão escasseando e a cultura livresca substitue a cultura solida e sedimentada. Cada assumpto tem o seu *dono*, por decreto, e não pelo valor pessoal.

E' com tristeza que constatamos esses factos, victimas, em parte, da falta de auxilio a certas repartições e da falta de comprehensão de algumas instituições, como o nosso Museu Nacional.

E' mais uma razão, portanto, que nos faz entoar louvores ao prof. Sylvio Fróes Abreu que conseguiu sobrenadar a esse ambiente e, com vistas largas, e espirito scientifico,

mostrou a todos, ao grande publico, com sinceridade, a verdadeira situação da riqueza mineral do Brasil.

O autor é um technico que se forjou na labuta diaria, no campo, e não em um gabinete confortavel. Prosegue actualmente em suas pesquisas de petroleo com a pertinacia de quem sabe o que faz. Trabalha sem vaidades, almejando apenas o engrandecimento de sua Patria.

E' um livro de boa fé, que merece ser lido de boa fé e meditado por todos os brasileiros.

E', numa palavra — uma obra digna de seu autor.

MOYSÉS GIKOVATE.

J. de Souza Leão Filho — *Frans Post* — Publicação do Estado de Pernambuco.

«Excellent monographia sobre os quadros de um pintor do norte da Europa que tão bem soube ver as coisas do norte do Brasil. A contribuição de Frans Post para o esclarecimento dos costumes pernambucanos era, com effeito, preciosissima, dada a flagrancia e o senso do pittoresco com que os fixou na tela. Mas tornava-se preciso que um amigo da pintura, servido por boa cultura historica, puzesse tudo isso em relevo. E é o que faz idoneamente o sr. J. de Souza Leão Filho, num texto primoroso, que illustrações de extrema belleza enriquecem.

Washington Paullier — *Ciencia, filosofia y laicismo* — Sociedad Amigos del Libro Rioplatense — Montevideo.

Segundo tomo de uma obra em que se verifica ainda uma vez quanto se estão amplificando os horizontes culturais da America. O sr. Washington Paullier, além de não demonstrar nenhum atrazo em relação aos melhores textos europeus, é também dos que ostentam indiscutivel possança de criação quando têm de acrescentar algo aos livros alheios. Um cerebro autonomo e — o que não vale menos — incapaz de omitir as verdades sociaes que vae constatando em suas pesquisas.

Isaac Z. Raizman — *Historia dos israelitas no Brasil* — S. Paulo.

Depoimento em favor dos semitas, escripto por alguém que evidentemente não se envergonha de pertencer á raça de Spinoza. Procurando cavar bem fundo o terreno em que assentam os seus argumentos, o sr. Raizman esforça-se por demonstrar que muitos judeus trabalharam pelo Brasil ainda infante. Vêm á tona grandes nomes da nossa historia e com uma caracterização bastante israelita. O livro é sempre curioso de percorrer-se.

LIVROS A APPARECER

Nosso illustre collaborador Luiz da Camara Cascudo, de quem publicámos em nosso ultimo numero um substancioso artigo sobre Shakespeare, está ultimando um estudo critico e biographico sobre Robert Southey, historiador da vida politica e soical do Brasil, hoje um tanto esquecido entre nós. O Prof. Edgard Prestage, de Londres, a quem o ensaio é dedicado, remetteu ao sr. Camara Cascudo esplendida documentação iconographica e genealogica, que será aproveitada no volume.

Estampamos neste numero do «BOLETIM DE ARIEL» um excerpto do estudo bio-bibliographico que o sr. Hamilton Nogueira está escrevendo sobre Joseph Conrad. Trata-se de uma nova interpretação psychologica e social da obra do grande romancista das aventuras nos mares perdidos do hemispherio austral, romancista de obras duradouras e divulgadissimas no momento, devido ás multiplas traduções que dellas se publicam em todas as linguas e ás repetidas adaptações cinematographicas de seus entrecchos.

A Civilização Brasileira lançará ainda este mez o volume *O Paiz do Pau de Tinta*, do sr. Viriato Correia — collectanea de varios esboços historicos, com episodios de diversas epocas de nossa vida colonial, narrados por quem já creou nome como especialista no assumpto. E' dessa collectanea o capitulo «O Pau Brasil», que inserimos neste numero do BOLETIM DE ARIEL.

Edição ARIEL:

CYRO MARTINS

SEM RUMO

Novella Gaúcha

EM TODAS AS

LIVRARIAS

DO BRASIL

O PAU BRASIL

Foi depois do descobrimento do nosso paiz que a Europa conheceu o pau-brasil?

Não.

Antes que as quilhas cabralinas singrassem as aguas brasileiras, os europeus conheciam não só a palavra «brasil» como o proprio pau-brasil.

E desde quando a Europa conhecia o «pau de tinta» que deu nome ao nosso paiz? O nosso grande Capistrano de Abreu trata do assumpto com abundancia de erudição.

O pau-brasil, ensina elle, não foi conhecido dos europeus antes das Cruzadas, mas, pelo menos em 1140 já o era.

Vinha da Asia em toros de que retirada a casca e o alburno apparecia o amago vermelho, contendo uma materia corante que se empregava na pintura de tecidos e em miniaturas de manuscriptos, principalmente quando se queria dar relevo aos tons roseos.

Na pintura a tinta extrahido do pau-brasil raramente era empregada. A madeira não servia apenas para os misteres da tinturaria, mas tambem para as obras de marcenaria.

Capistrano entra em minucias sobre os varios typos da madeira. Havia o «brasil» domestico, mais apreciado, e o «brasil» selvatico.

Os negociantes distinguiam tres qualidades do producto: o «colombino», importado de Ceylão, na

costa de Malabar, o «ameri», vindo de Lamori, Lamuri ou Lambri, na parte de Sumatra voltada para a India anterior; o «seni», procedente da Indonesia, ou India interior. (O «colombino» nada tinha que ver com Colombo como o «ameri» em nada se ligava a Americo Vespuccio).

Que o pau-brasil era familiar na Europa antes que o nosso paiz fosse conhecido dos europeus não pode haver duvida nenhuma.

Em 19 de Outubro de 14, portanto quasi trinta annos antes da passagem de Cabral por estas plagas, conta Capistrano, el-rei D. Affonso V. prohibiu ás pessoas que tinham privilegio de commerciar com a Guiné negociarem com as tintas do «brasil». El-rei fazia essa prohibição porque resolveu reservar para si aquelle commercio.

A palavra «brasil» não era conhecida na Europa apenas baptizando a madeira vermelha de que a tinturaria se servia. Baptizava tambem uma ilha ou melhor a mais de uma ilha. Denominando uma ilha, o nome figura desde 1351 no atlas de Medicis. Ainda hoje o nome existe nas cartas do almirantado inglez. Lá está «Brasil Rock», 6.ºW da ponta meridional da Irlanda.

Das cartas medievas, ensina Capistrano, algumas dão o nome a uma só ilha, ora em forma de um circulo perfeitamente regular de 1 a 2 (centimetros, ora em forma de meia lua. Outras dão o nome a duas ilhas semi-circulares, separadas por um estreito.

Na carta de Pisigano, de 1367, ha tres ilhas «Brasil», a mais meridional marcada no grupo dos Açores, na latitude do cabo de S. Vicente; a segunda a N. W. do cabo de Finisterra, na latitude da Bretanha; a terceira a W. e não muito longe da costa da Irlanda. Em geral a ilha «Brasil» pode identificar-se com a Terceira, onde existe ainda um monte «Brasil», junto á cidade da Angra.

Konrad Krestchmer, no estudo das cartas medievas encontrou a ilha Brasil graphada das seguintes formas: «Brazi», «Braciri», «Brazil», «Brasiel», «Brasil», «Brazile», «Braziele», «Braziel», «Braeil», «Braçil», «Braçill», «Bersill», «Braxil», «Braxili», «Braxiel», «Braxiili», «Brigilge».

Não foi com o descobrimento do nosso paiz que a Europa conheceu o pau-brasil.

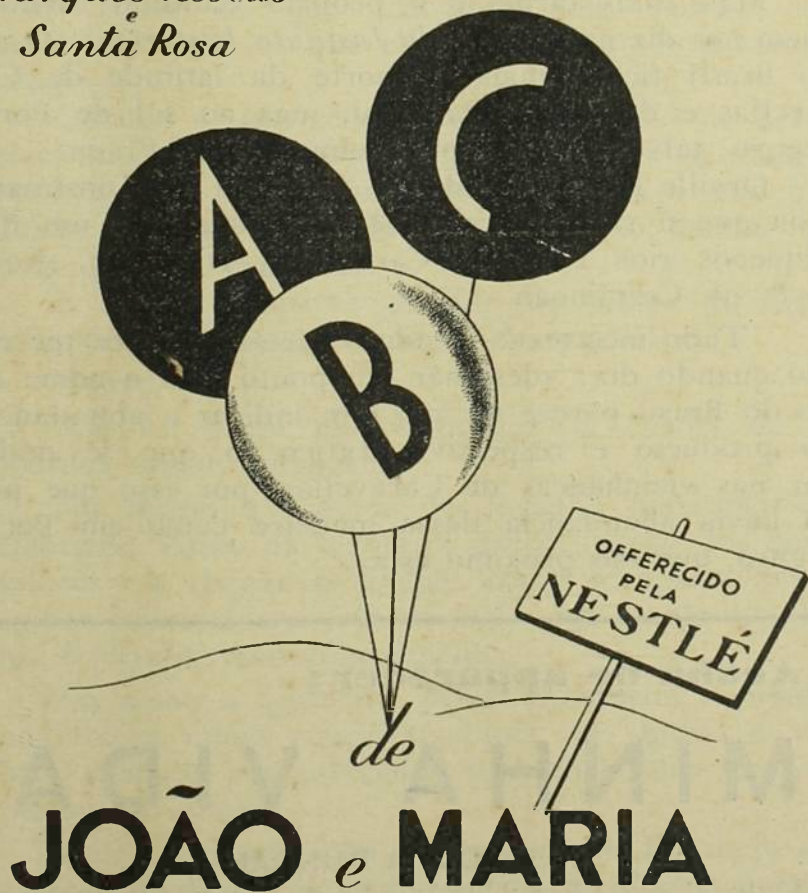
A palavra «brasil» é de uma velhice que remonta a varios seculos anteriores ao nosso descobrimento.

Em 23 de outubro e 20 de novembro de 1863, Joaquim Caetano da Silva fez, no nosso Instituto Historico, duas conferencias interessantissimas sobre questões americanas. Numa dellas tratou eruditamente da velhice do pau-brasil.

No anno de 1085 já havia pau-brasil na Europa. Joaquim Caetano da Silva cita um documento francez em latim barbaro escripto naquelle anno remoto. O documento é da alfandega da villa de Saint-Omer e diz: «Carga muar de Bersil («Kerba Bersil») pagará quatro dinheiros, meia carga dois dinheiros».

Dahi por diante, o pau-brasil não mais desaparece do Velho Continente. No anno de 1160, o ro-

Marques Rebello
Santa Rosa



1ª EDIÇÃO

São attendidos gratuitamente os pedidos feitos á Caixa 760-Rio

mance de Perseval le Galois transladado de prosa em rima por Chrestiens de Troyes, dizia:

*Indiana jaqueta côr de anil,
Camisa e bragas de perfeita alvura,
Compridas meias tintas em «bresil».*

Em 1151 ha um documento genovez em latim barbaro. E' o acto do arcebispo e consules de Genova. Diz o seguinte: «Mandamos que pagueis a Philippe de Lamberto Guezzi cem libras, a quarta parte em dinheiro, a quarta parte em livros, a quarta parte em pimenta, a quarta parte em «Brasil» (in «bra-zilem»).

De 1163 ha outro documento. Esse flamengo em latim barbaro. E' um foral da villa de Niewport, na Belgica actual, e que está registrado sob o n. 325 no cartorio de Flandres n. 1 e que hoje se conserva em Lille. Diz: «De carga muar de Brisil (De Kerba Brisili) quatro dinheiros».

Outro documento é do anno de 1190. E' um papel languedociano, em hebraico. Encontram-se nelle estas palavras: «dizem outros que é o pau de tinta vulgarmente chamado bersil».

O erudito conferencista cita outros documentos interessantes. Um delles é ferrarense e tem a data de 11 de fevereiro de 1194 e está escripto em latim barbaro. E' o acto explicativo de um tratado de paz concluido entre Ferrara e Bolonha, a 10 de março de 1139. Diz o seguinte: «Antigamente ficou entendido que de cada uma das seguintes coisas devem pagar os bolonhezes por carga muar; a saber, de todos os pannos de algodão, de pedra hume, de grã, de «Brasil» (de Brazile).

Outro é de 1208. E' francez e está escripto em latim barbaro como o antecedente. Diz: «Os Senhores de Balneolo... recebem... de um quintal de Brezel («de quintali Brazelli») quatro dinheiros».

Outro ainda é de 19 de agosto de 1243. E' um documento catalão, também traçado em latim barbaro. Os dizeres que nos interessam são estes: «Carga collonha de «Brezil» («faix de brésil») quatro milaresios de prata». Este papel é uma pauta da alfandega de Tamarit, redigida em Barcelona.

Sobem a mais de uma dezena os documentos citados por Joaquim Caetano da Silva.

Por ultimo este, que é catalão, escripto em latim barbaro e que tem a data de 21 de janeiro de 1221. E' uma tarifa da alfandega de Barcelona. Diz: «Carga muar de Brasil («Carrega de Brasill») paga dois soldos, quer de venda, quer de compra, e sete dinheiros e um obolo de passagem».

O RIO BRASIL

Existiu no territorio brasileiro um rio denominado do Brasil? Existiu, pelo menos nos mappas.

De 1502 a 1660, quasi todos os mappas assignalam o rio do Brasil nas vizinhanças de Porto Seguro, justamente na região visitada pela frota de Cabral.

J. C. Gomes Ribeiro, naquella excellente monographia intitulada «Estudo Cartographico», conta-nos dos mappas antigos que assignalam o rio do Brasil. São muitos: o de Cantino em 1502, o de Canerio no

mesmo anno; o de Kunstmann em 1502 a 1504; o de Waldeseemuller em 1507; o de Ruiscir em 1508; ainda o de Waldeseemuller em 1516; o do Visconde de Maiollo em 1519. E mais ainda, o rio Brasil está assignalado no «Ptolomeu» de 1522; na carta de Turim de 1523; no chamado «Globo Dourado» de 1528; no de Olavo Magno de 1539; no de P. Descallers de 1550; no de Diogo Homem de 1558; no de Bartolomeu Velho de 1561; no de Diogo Gutierrez em 1562; no de Lazaro Luiz, de 1563; no de Fernão Vaz Dourado de 1580; no de J. Van Doet em 1585; no de Petrus Plaucus em 1592; no de Cornelis de M. de Mercator de 1595; no de T. de Bry de 1596; no de A. F. Von Langerem de 1596; no de Matias Quadrem e no de B. Langerem, ambos de 1598; no de L. Ulsius e J. B. Vrient, os dois de 1599 e em muitos outros até no de Danker-Dankerts de 1660.

O curioso é que nenhum dos grandes geographos e historiadores do Brasil identificaram o tal rio que tantos cartographos estrangeiros assignalaram. Nem Aires de Casal, nem Gabriel Soares, nem Rocha Pita, nem Acioli, nem Porto Porto Seguro, nem Capistrano, nem Moreira Pinto, etc.

Que rio era a corrente a que os mappas antigos davam o nome de Brasil? A duvida continua até hoje.

Candido Mendes, na introdução do *Direito Mercantil*, do visconde de Cayrú, diz: «Parece que Cristovão Jaques foi quem em 1525 ou no anno seguinte, depois de visitar a costa do Brasil, desde S. Roque até o Cabo Frio, criou ou organizou o estabelecimento (de pau-brasil) de Itamaracá, havendo por certo estado em Cabo Frio (Gechai), em Porto Seguro, onde havia o rio do Brasil, hoje Buranhaem e na bahia de Todos os Santos».

Mas, mais tarde, é o proprio Candido Mendes quem nos diz na *Revista do Instituto Historico*: «O rio do Brasil ficava mais ao norte da latitude de Caravellas e do monte Paschoal, mas ao sul de Porto Seguro; talvez seja o rio denominado do Frade».

Orville Derby, estudando o mappa de Kunstmann acha que o rio do Brasil deve ser qualquer um dos pequenos rios Periripe, Caravellas, Itanhaem, Juru-rucú, ou Craminuan.

Tudo incerteza. Candido Mendes parece ter razão quando diz: «designar um ponto com o nome de rio do Brasil parece ter por fim indicar a abundancia do producto e respectivo trafico, o que se podia dar nas vizinhanças de Caravellas, por isso que por ali havia abundancia dessa madeira como em Porto Seguro, que tão proximo está».

Acaba de apparecer:

MINHA VIDA

de ISADORA DUNCAN

2.^a Edição — Traducção de Gastão Cruls

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA

Os tupys chamavam o pau-brasil de ibirapitanga. No ponto exacto da localização do rio do Brasil, Beaurepaire Rohan, no seu mappa, colloca o rio Pitanga que Moreira Pinto denomina Ipitanga e outros Ibi-pitanga.

Para Gomes Ribeiro, o rio do Brasil, dos mapas antigos, talvez seja o rio Ibi-pitanga.

BRASILEIROS

Desde quando se chamam brasileiros ás criaturas nascidas no Brasil?

A resposta é difficil.

Sabe toda a gente que Ilha de Vera Cruz foi o nome que Cabral deu á nossa terra, em 1500, quando pisou as praias bahianas. Em seguida foi o nome mudado para Terra de Santa Cruz. O nome de Brasil veio mais tarde.

Parece, á primeira vista, que a palavra brasileiro entrou em voga depois que o appellido de Brasil foi dado á nossa terra.

Mas não é exacto.

Ainda o Brasil não se chamava Brasil e já havia «brasileiros».

Como? Chamavam-se brasileiros os indios? Não.

Desde os primeiros dias do nosso descobrimento que se iniciou o trafico do pau-brasil. As nossas costas, como todo o mundo sabe, passaram a ser visitadas pelos piratas não só portuguezes como de outras nacionalidades, que carregavam os seus navios da madeira vermelha — pau de tinta — e iam vendel-a na Europa.

Esses commerciantes de pau-brasil foram, na Europa, immediatamente appellidados de «brasileiros», assim como os que trabalham em minas, chamados mineiros, os que pescam baleias são chamados baleeiros.

Quando o paiz recebeu a denominação de Brasil, seria mais acertado que os filhos da terra se chamassem brasilienses ou brasilienses, mas a expressão brasileiro já tinha foros de cidade e não deixou que outra qualquer viangasse.

E houve tentativas de dar aos filhos do Brasil outra denominação que não a de brasileiros?

Houve.

Não ha quem ignore porque se chama de indios aos nossos selvagens.

No seculo 15, antes da façanha maritima que celebrizou Vasco da Gama, a preocupação dos navegadores era chegar ás Indias, como se chamavam as regiões asiaticas que Marco Polo, no seculo 13, havia descripto maravilhosamente.

Ao pisar a primeira praia americana, Colombo imaginou-se numa região qualquer das Indias e «indios» chamou aos selvagens surprehendidos que encontrou na praia.

Mas a denominação de indios não foi dada aos naturaes do Brasil immediatamente ao descobrimento.

A palavra só era usada nas conquistas dos castelhanos, e não se havia irradiado a ponto de ser conhecida dos portuguezes.

Como então se chamaram primitivamente os nossos selvagens?

Parece que, quando aqui chegaram os jesuitas, não havia ainda uma denominação exacta. Os padres de Loyola, por muito tempo, os chamaram não de brasileiros nem de brasilienses ou brasilienses, mas de «brasís».

A denominação, porém, não vingou.

Nas correspondencias primitivas e nos historia-dores dos primeiros tempos encontra-se o vocabulo «nero» applicado para designar o selvagem do Brasil. Esse vocabulo foi usado por muito tempo, e teve mais voga que aquelle usado pelos jesuitas.

A palavra indio veio-nos, mais tarde, e evidentemente a recebemos dos espanhoes.

Vê-se que a mais remota de todas as denominações é a de brasileiros que se applicava aos negociadores do pau-brasil. Dos traficantes ella passou aos filhos da terra e até hoje não se apagou e, ao que parece, nos acompanhará eternamente.

VIRIATO CORREIA.

(Do livro a apparecer «O Paiz do Pau de Tinta».)

S. Fróes Abreu — *A riqueza mineral do Brasil* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.

Não sabemos de guia mais seguro para o conhecimento dos mineraes do Brasil. A preocupação da synthese, bem explicavel em trabalhos de divulgação como esse, nem uma só vez importou em sacrificar qualquer minucia interessante. O sr. Fróes Abreu, além de estudioso que folheia os livros fundametaes da sciencia com mão diurna e nocturna, é viajante attrahido sempre pelos recantos mais longinquos do Brasil. Muito e muito do que escreve é fructo de constatação pessoal e não arida abstracção de homem de gabinete.

Ministerio das Relações Exteriores — *Annaes do Itamaraty* — Officinas Graphicas do Archivo Nacional — Rio.

Muito bem agiu o ministro Mario de Pimentel Brandão, que é um intellectual finissimo, ao encarregar o sr. Aurelio Porto de anotar esta valiosa publicação. Insere o segundo volume dos *Annaes do Itamaraty* o inicio da correspondencia do conselheiro Antonio Manoel Corrêa da Camara, que nos representou nas zonas do Prata. Mas a verdade é que muitos detalhes das cartas desse primeiro consul do Imperio em Buenos Aires seriam para nós um tanto enigmaticos, não fossem os lucidos commentarios do sr. Aurelio Porto. E' este — folgamos em dizel-o — um pesquisador para quem a historia do Brasil, especialmente nos seus contactos com a Argentina e o Uruguay, não conserva recantos inexplorados.

Felippe d'Oliveira — *Alguns poemas* — Sociedade Felippe d'Oliveira — Rio.

Na *Vida extincta* e na *Lanterna verde* não estavam todos os versos de Felippe d'Oliveira. Ainda restavam trabalhos seus pelos jornaes, pelas revistas, pelos papeis ineditos do morto. Bem inspirada andou, portanto, a Sociedade Felippe d'Oliveira em salvar de um iniquo esquecimento mais estes escriptos do magnifico poeta gaúcho. Pela força de contenção espiritual, o amigo de Alvaro Moreyra era dos que não appõem a assignatura a qualquer producção mediocre. Dahi não haver como desdenhar nenhuma estrophe, nenhum pensamento seu.

Edição Ariel:

VERTIGEM

Romance de GASTÃO CRULS

2.^a Edição

CHRONICA DE TRANSCRIPÇÕES

« PUREZA »

José Lins do Rego, que se celebrou ha uns annos com tres bellos livros que, do menino ao homem feito, descreviam a vida dum «herdeiro de engenho», obras em que predominava uma tendencia subjectiva na construcção romanesca, pareceu depois aspirar á realizacção de obras mais impessoaes, digamos assim, como *Moleque Ricardo* e *Usina*, esta ultima principalmente denotando a preocupação de, para lá da historia das personagens, representar o conflicto de forças a ellas superiores; assim, em *Usina*, a luta da fabrica moderna, e da sua gelada indifferença pelo *material humano*, contra os velhos processos do engenho. Seja qual fôr o valor que se possa dar a estas obras, segundo o ponto de vista que se adopte, o certo é que, litterariamente, indicavam uma decadencia em relação a *Menino de Engenho*, a *Doidinho*, e a *Banguê*. A preocupação de attingir um estylo indifferente, digamos, objectivo, não deixou de marcar essas obras com dedadas de frieza, dando-lhes aquelle aspecto de obras feitas mais com a intelligencia do que com o coração e o *instincto*, que as torna pesadas, de leitura laboriosa. Assim em *Usina*, as primeiras quarenta paginas (das mais bellas de toda a litteratura brasileira de hoje) contrastam nitidamente, pela vivacidade e profundeza, com o resto do livro, no qual, quizesse-o ou não, Lins do Rego se mostra secco, mais memorialista e historiador do que romancista, *trahindo* as suas personagens, e diminuindo-as, pela preocupação de mostrar o esquema dos imperativos economico-sociaes que as determinam.

Com *Pureza*, Lins do Rego, como o nadador que se distende voluptuosamente e, sem movimentos, se deixa levar ao sabor das aguas depois do esforço violento duma corrida — parece ter-se abandonado ao simples prazer de escrever uma historia, a simples historia dum doente do peito que vae curar-se para uma aldeola tranquillã. *Pureza* reata a linha quebrada com *Moleque Ricardo*, linha que é, em meu entender (e tanto quanto se pode julgar uma obra dum «novo», que ainda nos pode offerecer surpresas) a da sua verdadeira vocação. Com este livro, Lins do Rego volta ao romance de figura central, de acção que se tece em funcção duma vida, como volta a utilização da primeira pessoa, tal como nos seus tres primeiros livros. *Pureza* é comtudo differente de qualquer delles, que não tinham propriamente o character, de romances, e principalmente o da confissão. Aqui, por simples que seja a ficção, e a acção reduzida, encontramos de facto ante um romance. E' comtudo um romance que desafiará a pretensão de o enquadrarmos numa categoria definida; aqui, a unica technica é a extrema simplificação de tudo, desde o enredo ao estylo. Como na *Cabocla* de Ribeiro Couto, dir-se-ia que o ambiente exerce sobre as personagens. Pondo de parte as enormes differenças entre os dois livros, o certo é que, também neste, a mulher e a natureza se alliam para curar o cidadão, para lhe curar a alma e o corpo. E

esse ar mais puro que cura os corpos, parece também prolongar-se no estylo, na simplicidade da intriga, na leveza do desenho de todas as figuras. E já que estamos comparando os dois livros, não deixa de ser interessante notar que, emquanto em *Cabocla* é o amor puro duma cabocla que attrae o cidadão, em *Pureza* é a pura sensualidade das duas filhas do chefe da estação que salvam Lourenço do complexo de inferioridade em que o mantivera a sua inefficiencia perante a carne, alliada á doença. *Pureza* vem a ser pois a historia duma descoberta de vida, duma libertação. Mas, obra discreta, não é lá que se encontrarão hymnos á natureza e á carne. Sob este ponto de vista, é de notar que na obra de Lins do Rego não se encontra aquelle *tropicalismo* que á maioria dos romancistas brasileiros parece indispensavel para exprimir situações identicas. Lembre-se, por exemplo, a *Viagem Maravilhosa*, de Graça Aranha. Embora todas as perturções dos sentidos se encontrem largamente representadas nos romances de Lins do Rego, a sua expressão não é rhetorica nem lyrica, mas estritamente limitada á crueza da observação. Em *Pureza*, o papel primacial que é dado ás satisfacções sensuaes não obriga o seu autor a sahir, não direi da indifferença, mas da isenção do analysta.

Talvez seja licito accusar o livro duma certa monotonia. Porventura ganharia sendo mais breve. Com effeito, a personalidade apagada de Lourenço, que não tem outro interesse senão o que lhe empresta a doença e o drama que ella provoca em todo o seu sêr, não é daquellas que *por si*, desaparecido o desequilibrio que lhes deu momentaneamente interesse, possam justificar o lugar de destaque

como figuras centraes dum romance; dahi que o romance não tenha aquella ressonancia que, lida a ultima pagina, deixa em nós a leitura dos que nos apresentam vidas cuja riqueza o romancista não chega a esgotar. Só os futuros romances de Lins do Rego nos poderão dizer se se trata duma insufficiencia passageira — e assim seja, que as grandes qualidades deste romancista bem merecem que venha a criar uma obra de grande folego.

ADOLFO CASAES MONTEIRO.

(Transcripto da «Presença», de Coimbra, numero de Dezembro de 1937).

REVISTA LITTERARIA

PEROLAS... — AGRIPPINO GRIECO
— COMPANHIA BRASIL EDITORA —
RIO DE JANEIRO DE 1937

O sr. Agrippino Grieco nasceu fadado para escrever ao sabor do publico. Com aquella ponta de malicia que tanto fascina gregos e troianos, o illustre critico adquiriu uma reputação de uyrapurú das letras: todos lhe vão atraz do canto. Na mesma hora em que os livreiros expõem suas novas obras, são esgotadas. Isto significa o seguinte: até os passaros bisnaus da litteratura deixam os demais trinados pelos assobios e flautas do escriptor feiticeiro.

Este volume, chamado ironicamente de «Perolas...» representa o que ha de bom, p'ra lá de bom na materia. Milhares de gaffes commettidas pelos escriptores nacionaes e estrangeiros vêm ahi assinaladas, constituindo aliás um verdadeiro allivio para a classe, pois um não se pode rir do outro, tantos senões apparecem, mesmo nos publicistas de penacho, historiadores romancistas, poetas, scientistas, ensaistas, que sei eu? Ninguém escapa.

O proprio sr. Agrippino Grieco, com alta probidade, cita os delle, os dos amigos, e de toda a familia litteraria. Os mais graduados da Peninsula, como, por exemplo, Camillo Castello Branco, mettem-se em lenha. Francezes, mestres, em passar gato por lebre, sobretudo em geographia, são virados pelo avesso.

No fundo, entretanto, «Perolas...» remmarca um livro de consolação collectiva, de perdão geral, que autoriza mesmo as maiores asneiras na litteratura. Se as mais famosas individualidades no romantico conto, no ensaio, no verso, penetram tolices, grapham cincadas, commettem erros, é natural que o bisonho cidadão iniciado na imprensa ou no livro se considere isento do peccado. Ruy não incidiu no erro? Camillo também? Alexandre Dumas? Pois então, lá diz o pichote, não ha nada de novo. Que me atire a primeira pedra, resmungo, quem nunca errou.

«Perolas...» é portanto um tomo paradoxal, visto como na apparencia se mostra iconoclasta, quando, no texto, é realmente de uma clemencia biblica. Em suas paginas ha balde, vassoura, agua

Collecções encadernadas do

BOLETIM DE ARIEL

COM O INDICE DE ARTIGOS E
CITAÇÕES

Temos á venda collecções de
todos os annos

Preço do volume enca-

dernado 40\$000

Pedidos a

ARIEL EDITORA LTDA.

Rua 7 de Setembro, 162-1.º and.

RIO DE JANEIRO

e sabão para lavar todos os erros, todas as manchas, todos os sujos literários do planeta. E', por isso, uma obra cheia de perigos, capaz de trazer pela indiferença, pela mansa maneira de nivelar barbados a glabros, carecas a cabelleiras, uma confusão da nossa morte.

Se entre os classicos, rigorosos que sejam, se encontram exemplos que desculpem as mais celebres calinadas philologicas e grammaticas, neste volume do sr. Agrippino Grieco, archivando tanta sandice, não ha besteira, daqui por diante, em todas as provincias da intelligencia, que se não justifiquem. Elephante passa a ser fera, minhoca, a voador, gallinha a quadrumano, cavallo a jumento, samambaia a sumaúma, menino de cégo a par de França. E ninguem diz nada. E' bico fechado. Lá estão as paginas do «Perolas...» cheias de cousas peores.

Julgo assim essa obra em condições de transformar os mais broncos medalhões, que se têm por bichos cacaús da folha miuda, na flor da cavallaria litteraria. E se os medalhões vão ganhar fogo, confundindo alhos com bugalhos, os medalhinhas, por sua vez, dirão cousas do arco da velha, capazes de parar o vento, apagar o sol, seccar os oceanos e transformar a burrice universal em sabedoria.

Tudo isso deveremos á penna encantada do sr. Agrippino Grieco, que reproduz num meio dissolvente como o nosso trabalhos que nos centros adiantados são apenas elucidativos, em termos de ser vistos sem que o exemplo raie pelo abuso. Que será, meu Deus! daqui para o futuro o sapo cururú, que, segundo os naturalistas, come brasa e ponta accessa de cigarro pensando que está engulindo vagalume? Pelo menos salamandra... Nem é bom pensar todavia na reviravolta que «Perolas...» vae fazer no mundo austero das letras. Na Historia Natural marcará sem duvida profundas reformas. Aguardemos.

RAYMUNDO MORAES.

(Transcripto de O ESTADO DO PARÁ, de 4-11-37).

LETRAS BRASILEIRAS

«HISTÓRIAS DA AMAZONIA»

Como são persistentes, como não perdem nunca o seu encanto limpido e não emmudecem nunca o seu appello tentador, certos longinquos sonhos da nossa inafncia! Ao contrário, muito ao contrário das «aves exiladas» e das «rosas de toucar», evocadas num dos mais bellos e perturbantes poemas do meu querido Julio Brandão, elles não fogem depressa, não murcham apenas despontam, não morrem apenas florescem. Continuam, ida-de em tóra, com o mesmo viço, a mesma seiva, o mesmo perfume, trazendo-nos a mesma sequiosa ansiedade de vel-os emfim realizados, no triumpho e no esplendor das obras perfectas. Nem todos, aliás, são impossiveis, absurdos, chimericos cem por cento. Um pouco de energia, um momento de forte decisão, permittiria dar-lhes corpo, vida, côr, desenho, forma. Mas o destino, o acaso, as circumstancias, tantas vezes

de minimo peso, obrigam-nos a ficar em inerte expectativa. Amanhã — diremos a palavra que nos abrirá as portas magicas do tesouro de Ali-Baba; amanhã — compraremos o bilhete do comboio ou do navio que nos levará ás plagas desejadas; amanhã — tomaremos a attitude que fará vergar ao alcance das nossas mãos o ramo, carregado de pomos, da arvore do amor, da verdade, da sciencia, da gloria. Amanhã, porém, porque estava sol ou chuva, bom ou mau tempo, guardamos para occasião mais propicia a resolução necessaria. Os sonhos quedam-se em nós, frutos doirados dum jardim das Hesperides, que o dragão da preguiça ciosamente defende. O peor é que as horas, as semanas, os mezes, os annos vão passando, e se chega á velhice chorando a vergonha de não ter materializado, ou principiado a materializar, as aspirações mais ardentes da mocidade. É uma espécie de remorso nasce, plange e insiste, que nos acompanha sempre...

Ambicionei, desde menino — por exemplo — contemplar, senão conhecer, o immenso Amazonas, rio-oceano, quasi sete mil kilometros de agua corrente, atravessando montanhas, planicies, florestas enormes e mysteriosas; banhando dois paizes; espumando em cataractas; deslisando entre areias calmas; carreando troncos, lianas e cipós; sustentando corollas gigantescas; e ostentando sobre o dorso azul e vasto, na sua abalada para o mar, flammulas, velas e mastros de canoas e barcos, jangadas lentas, perolas irizadas dos remos gottejantes, o sulco das helices incansaveis, e ilhas flutuantes de verdura immarcessivel. Beijam-no, em plena paizagem do Brasil, cidades ricas e operosas, doces aldeias onde a existencia é pura, jardins, vergeis, portos acolhedores, — todo o hospitaleiro e fraternal esforço do homem tornado civilização, cultura, paz, trabalho, alegria, progresso. As mais lindas arvores, as flores mais pompeantes, os frutos mais gostosos debruçam-se das suas margens. E as aves gorgeiam, trilam, cortam o ar no seu vôo de esmeralda, de berylo, de topazio, na claridade offuscante do Sol. Uma natureza prodiga, uma uberdade constante, um vertiginoso, tumultuoso impeto criador — só vencido, ordenado, harmonizado pela vontade esclarecida e pela intelligencia sem medo. Que mais seria preciso — quando lia, criança, nos livros de viagem e de aventuras, estas evocações de prodigios authenticos, essa descripção de travessias para mim fabulosas — que mais seria preciso para entusiasmar a imaginação, e preparar-me para um dia observar de perto tanta maravilha, tanta novidade, tanta e tão excepcional e torrencial grandeza?

Pois jamais vi o Amazonas — e durante varios lustros não pensei noutra coisa — e, com a juventude fugida, fugiu a esperanza de jamais o ver. Talvez por isso o recente volume do escriptor brasileiro Peregrino Junior — *Histórias da Amazonia* — provocou em mim interesse e curiosidade, raras num velho e perenne leitor de tudo o que se publica e edita, e lhe é dado entender. Não descansei emquanto não terminei a leitura da sua ultima linha — pagina a pagina fascinado pelo mundo novo de sensações, de emoções, de presenças in-

editas que nos oferece. O illustre Agrippino Grieco já notou e accentuou, a proposito doutro livro do sr. Peregrino Junior, esta faculdade excelsa de talar, elle «como poucos hoje, das terras do Norte, fervilhantes de typos curiosos e de scenarios ainda não banalizados pelo carnal cosmopolita... Mostra o que ha de feérico nessas regiões onde ainda vivem o sacy e o curupira e o boto se converte cada vez em entidade lendaria». De facto, Peregrino Junior é um ressuscitador do pittoresco da Amazonia, e — citando de novo o lucido e autorizado Agrippino Grieco — «conta-nos tudo isso como o faria um homem do povo, da propria terra, com os modismos, a dicção e a mimica local». Se até para Agrippino «o exotismo premana dessas narrações» — muito mais o sente e louva o leitor estrangeiro. As *Histórias da Amazonia* valem, sob tal aspecto, quantos Benois e Kessels teem apparecido na litteratura europeia. Transportam-nos, pelo sôrtilegio da sua arte sobria e communicativa, aos ambientes singulares, e não obstante, humanissimos, dealbados ao influxo do curso de agua formidavel. E, em summa, entre os numerosos personagens das *Histórias* — todos inesqueciveis pelo rigor e substileza do traço, todos traduzindo ou indicando uma faceta nitida do character, do feitio ou do temperamento da grei amazonica — o maior, o mais complexo, o mais assiduo, o que mais se impõe á nossa attenção e mais nos deslumbra e prende, é o Amazonas, é o rio irmão do mar. Haurimos a sua pulsação de monstro e de feiticeiro — aqui benefica, ali destruidora e cruel — no estylo rapido e incisivo do sr. Peregrino Junior, na sensibilidade aguda que trepida ou se extasia nas suas curtas novellas, no fremito secreto que as anima. Ellas desenrolam as peripecias, os dramas, as comédias e tragedias da acção dentro da atmosphaera, de qualquer modo epica, do universo — Amazonas. Dahi, sem duvida, a ausencia de mesquinha das figuras que se movem nesse palco de heroes, inspirador de heroismos na paixão, na luta, na tarefa quotidianas. O sr. Peregrino Junior não vae «as apalpadelas pelas almas», não!, e «é real a sua piedade ante os soffredores, os servos da gleba que está longe de julgar simples accidentes de terreno». Merece inteiramente esse louvor do critico. No entanto, são as tradições, os costumes, as superstições, as canções — embora lá surja tambem o fado, que um poveiro então toldando de «romantica melancolia o silencio molhado da bocca-da-noite marajoára» — os acontecimentos e os panoramas da Amazonia o thema essencial da sua obra. Mas a Amazonia é producto directo do seu rio avassalador. Não o domina, não suscita, como succede na Europa ao Sena, ao Tamisa, ao Tamisa, ao Tejo, servos da terra, não seus donos e senhores. Pelo menos, assim creio que o suggere, senão ensina, o autor feliz das *Histórias Amazonicas*. Gostaria eu que as lessem em Portugal, para se comprehender ou admirar melhor uma porventura ignorada expressão da alma, da gente e da vida brasileira.

JOÃO DE BARROS.

(Transcripto de «O Primeiro de Janeiro», do Porto, de 17-8-37).

Musica

CANTO DO FIM E DO PRINCIPIO

Oriane et le Prince de l'Amour é o nome do bailado que Florent Schmitt escreveu sobre libretto de Mme. Claude Seran, e que Serge Lifar acaba de levar á scena em Paris.

Pelo assumpto vê-se que estamos de novo em pleno romantismo. Passa-se na Idade Media, com castellãs, trovadores e tudo. Oriane é a castellã, que preside a uma côrte de amor, uma daquellas cortes que tanto impressionavam Stendhal. Ha um poeta que morre nas mãos de um mercador (nada menos), o qual é rico e leva vantagem em tudo, enquanto a que provocou a tragedia vem desfolhar sobre o pobre diabo uma rosa vermelha. Mas depois Oriane se enfada, e manda passear o mercador. E é ahi que apparece o inevitavel, isto é, o esperado que vem sob forma de um cavalleiro, no caso o Sr. Serge Lifar. No entanto o passado não morre, e no logar onde morreu o poeta apparece uma mancha rubra. Surge em scena uma numerosa companhia e Oriane percebe entre os recém-chegados a Morte, a que se descobre e faz succumbir a castellã.

Os criticos francezes não foram amáveis nem para com a musica, que não se ajusta ao bailado, nem com as dansas do mavioso Lifar, que parece estar decahindo bastante.

Deante de tudo isso ha entretanto um ponto de certa importancia: o assumpto da peça. Pelo que se vê o publico dos paizes mais adeantados já se cansou dos motivos modernistas, obrigando os compositores e dansarinos a voltar atraz, isto é, ao ambiente de contos de fadas, fraccassando por completo as tentativas de fazer pirutear parafusos, dynamos e aeroplanos estylizados.

A Livraria Plon acaba de editar uma obra bastante interessante de Adolphe Boschot: *Musiciens Poètes*.

A escolha dos musicos é que foi arbitraria, pois trata apenas de Bach, Beethoven, Schubert, Liszt e Chopin.

Faltam, evidentemente, muitos nomes a esta lista de compositores que ultrapassaram os dominios da sua arte, para se collocarem sem desdouro entre os maiores poetas da humanidade. Mas as personalidades estudadas nos apparecem com um relevo notavel.

Uma das coisas mais interessantes do livro, como muito bem assignala Léon Daudet, que lo criticou recentemente, é a refutação documentada dos sentimentos democratas, e até mesmo communistas que teem sido attribuidos a Beethoven.

A fita *Cem homens e uma menina*, ha pouco exhibida entre nós, mostra bem a curva descendente de um pseudo-genio. O theatral Stokowsky anda agora recorrendo a processos de publicidade francamente illicitos, como esse de propalar e depois desmentir o seu noivado com Greta Garbo.

Um dia a minha sombra se levantará na floresta.

Serei o roubo de Helena, a Grega.

Os homens se dividirão por minha causa.

Vós vireis marchando accelerados.

Quando me fitardes,

cruzareis por minha causa as vossas espadas frageis.

Os aviões cabecearão nos ares,

as metralhadoras brotarão da Terra como a herva silvestre.

Os canhões desconhecirão o silencio.

As aguas do Oceano mudarão de côr,

porque em cada navio haverá sete batalhas.

Os peixes engulirão tantos marinheiros

que acabarão assumindo formas humanas.

Não haverá mais planicies por minha causa:

a Terra será composta de dois buracos

que serão duas trincheiras.

Haveis de lutar de matar e de morrer, oh! meu Deus, de morrer por minha causa!

Depois, sobrarão um homem e uma mulher que terá dois seios como as outras.

E quando eu os vir,

cada um morto de fome em sua trincheira,

então eu estarei sosinho e feliz!

Ah! neste momento,

o carro de fogo descerá pelos caminhos electricos

e eu irei glorificado para o paiz de minha origem!

GERARDO MELLO-MOURÃO.

Na fita em questão elle contribue, mais que qualquer cantor napolitano, para a desmoralização total da musica. E' pouco provavel que haja no mundo civilizado alguém que ainda se emocione com as caretas e a gesticulação apopletica dos maestros de outrora. Mas não é só por empregar esse recurso inoperante que Stokowsky se desmoraliza.

Permittindo representar tal papel veiu *demonstrar*, na scena da 2.a Rhapsodia de Liszt, que a função do maestro é completamente inutil, visto que a orchestra antes da sua direcção tocava mesmo melhor do que depois. De certo modo achamos que a fita constituiu um triumpho, pois Stokowsky não merecia outro destino.

Mas cabe aqui um commentario, uqe provavelmente irá provocar protestos por parte do meu vizinho de secção, o sr. Aurelio Gomes de Oliveira: o cinema fallado já liquidou o theatro, e agora, pelo caminho em que vae, não será de extranhar que dê o golpe de misericordia na musica, já tão maltratada, aliás, pelo radio.

C. DE S.

Novidade ARIEL

de EDISON LINS

HISTORIA E CRITICA DA POESIA BRASILEIRA

Em todas as livrarias

NOVIDADES DO MEZ

Últimas Edições da Companhia Editora Nacional

TITO LIVIO FERREIRA	Deuxième livre de Français	7\$000
JULIO NOGUEIRA	Programa de Português	10\$000
COUTO MAGALHÃES	Viagem ao Araguaya	8\$000
MENOTTI DEL PICCHIA	As mascaras	4\$000
S. FRÓES ABREU	Riqueza Mineral do Brasil	12\$000
CARLOS COSTA	H. Natural, 5. ^a serie	15\$000
HENRI DE LANTEUIL	3. ^o cours de Grammaire	7\$000
P. C. WREN	Areias Ardentes	5\$000
W. LUIZ	Capitania de S. Paulo	9\$000
D'AURIA	Contabilidade Industrial	15\$000
J. PINTO E SILVA	Meus Deveres, 3. ^o ano	3\$000
JACOMO STAVALE	Exercícios de Matematica, 5. ^o	5\$000

Edições da COMPANHIA EDITORA NACIONAL - Sede: Rua dos Gusmões, 118 - S. Paulo - Filiaes : CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA
Rua 7 de Setembro, 162—Rio de Janeiro—Rua da Imperatriz, 43 Recife-Pernambuco
A venda em todas as Livrarias do Brasil e Portugal

Livraria José Olympio Editora

Telegrammas

OUVIDOR, 110
23-2389

JOLYMPIO

1. MARÇO 13
23-2831

RIO DE JANEIRO

NOVIDADES DE FEVEREIRO

Azevedo Amaral — O ESTADO AUTORITARIO E A REALI- DADE NACIONAL	10\$000
Izadora Duncan — MINHA VIDA — 2. ^a edição	15\$000
Gratia — ACANHAMENTO E TIMIDEZ — (Tradução do prof. Nelson Romero)	8\$000
Luiz Viana Filho — A SABINADA — Collecção de Documentos Brasileiros — N. ^o 8	12\$000
Humberto de Campos — MEMORIAS 10. ^a edição	10\$000

NOVIDADES DE JANEIRO

Antonio de Alcantara Machado — BRASILIO MACHADO Vol. n. ^o 8 da Coleção Documentos Brasileiros)	12\$000
Jose Carlos de Macedo Soares — DISCURSOS (Rumos da Diplo- macia Brasileira)	10\$000

NOVIDADES DE DEZEMBRO

H. G. Wells — PEQUENA HISTORIA DO MUNDO — com 54 illustrações — Vol. cartonado — Trad. de Gustavo Barroso	22\$000
Afonso Arinos de Mello Franco — O INDIO BRASILEIRO E A REVOLUÇÃO FRANCEZA — (N. ^o 7 da Coll. «Documentos Brasileiros»)	20\$000
F. Nitti — A DEMOCRACIA — Trad. do Prof. A. Piccarolo	15\$000
Tasso da Silveira — ESTADO CORPORATIVO	7\$000
Ranulpho Prata — NAVIOS ILLUMINADOS — Romance	7\$000
D. Xiquete — VI, LI, OUVI — (Distribuição)	7\$000

NOVIDADES DE NOVEMBRO

Humberto de Campos — DESTINOS — 5. ^a edição	6\$000
Octavio de Faria — CRISTO E CESAR	12\$000
Alberto Rangel — NO ROLAR DO TEMPO — N. ^o 6 da Col. Doc. Brasileiros)	12\$000
José Amerio de Almeida — A BAGACEIRA — 7. ^a edição	8\$000
Minis. da Educação — AUTOS DE DEVASSA — 6. ^o vol.	5\$000

NOVIDADES

ULTIMAS EDIÇÕES DA CIVILIZAÇÃO
BRASILEIRA S/A

JOSÉ DE ALENCAR

Encarnação

O Tronco do Ipê

HONORE DE BALZAC

Eugenia Grandet

Volumes da Collecção Sip.

Cada vol. 2\$000

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Rua Sete de Setembro, 162

Telephone 22-6773 Rio de Janeiro

Venda directa ou pelo serviço de re-
embolso. Peça instrucções. Envia-se
catalogo gratis.

Discos

DISCOS SELECCIONADOS

Dall'Abaco — Concerto em Si bemol maior — Edwin Fisher e sua Orchestra de Camara — (Victor 14418) — Evaristo Felice Dall'Abaco é um compositor italiano do principio do seculo XVIII que se acha muito injustamente esquecido.

Nasceu em 1675 em Verona, viveu algum tempo em Modena, e de 1704 até 1742, data da sua morte, foi violoncellista e depois director dos concertos de camara da côrte de Munich.

É considerado por criticos respeitaveis como sendo «representante do mais nobre typo da musica de camara italiana, ultrapassando Corelli pela força de expressão».

O pianista Edwin Fischer, que é dos mais notaveis que existem no mundo actualmente, tem tambem a sua orchestra de camara, e concebeu a bellissima idéa de desencavar o classico abandonado.

Este concerto faz parte dos que o compositor escreveu para seis instrumentos (4 violinos, viola, fagote ou violoncello e baixo continuo). É de uma elevação de idéas axtraordinaria, que o colloca num plano de egualdade com as melhores composições do Astro Armonico de Vivaldi. Curioso é que os italianos de hoje, tão preocupados em resuscitar as suas bellas obras do passado, não dêem sufficiente attenção ao disco, sendo a gravação dos setecentescos da peninsula feita quasi sempre pelos estrangeiros.

A execução é optima.

A gravação é boa, mas não das mais notaveis.

Frederico Mompou — Cantos Magicos — Solo de harpa por Micheline Kahn — (Pathé 49) — Mompou é conhecido no mundo musical como um continuador de Debussy que conseguiu ainda achados estupendos na arte de compôr para piano.

Apesar de assim catalogado, sem que isso provoque protestos por parte do proprio autor, não achamos que a produção desse catalão francamente genial tenha muito a ver com a obra do decadente francez. O hespanhol é dotado de uma sinceridade desconcertante, e si não fosse a sua maneira esquisitissima de escrever musica (não usando barras de compasso, com todas as suas consequencias), ninguém se preocuparia em taxal-o como modernista, na accepção pejorativa do termo. Mompou aproveita-se dos temas populares com uma semcerimonia desabusada, não os sobrecarrega de invenções, mas no entanto transmite-lhe a sua personalidade unica. Que exemplo admiravel para os nossos compositores!

Os Cantos Magicos (*Energico, Profundo lento, Misterioso e Calmo*) foram escriptos originalmente para piano, e não constituem a pagina melhor da sua obra, mas guardam todas as caracteristicas que distinguem o autor. Não achámos louvavel a transcripção para harpa, pois as peças são eminentemente pianisticas, e perdem quasi que metade do encanto ao serem executadas em outros instrumentos, por mais aparentados que sejam.

A gravação é boa.

Jacques Ibert — Três Peças Breves: Allegro scherzando, Andante e Final — Para quintetto de sopro (flauta, clarineta, oboe, fagote e trompa) — (Pathé 11) — Assim como os violinistas italianos dos seculos XVII e XVIII crearam a musica italiana dessa epoca, dando-lhe um brilho que nunca mais foi ultrapassado, a abundancia de optimos instrumentistas de sopro na França está fornecendo um impulso novo á musica desse paiz.

Os compositores francezes, dispondo do material admiravel que é a Guarda Republicana, estão tirando o maior proveito dos instrumentos de cobre e de madeira, revivendo com maiores vantagens os tempos em que Mozart, abusando dos recursos rudimentares de que então dispunham os virtuosos, escrevia concertos para fagote, para clarineta, trompa, etc.

Jacques Ibert é dos que tem mais habilidade nesse terreno, e já tem composto no genero peças do mais fino sabor. Conhecendo muito bem o valor e capacidade de cada instrumento, elle dá ao conjunto uma unidade deliciosa. Neste disco não se sabe o que mais apreciar, si a graça da composição, si o acabamento impeccavel da gravação, si o virtuosismo dos executantes, entre os quaes sobressaem o fagotista Dherin e o flautista Delangle.

John Alden Carpenter — Adventures in a Perambulator — Eugenio Ormandy e Orchestra Symphonica de Minneapolis — (Victor 8455/7) — Os americanos não se cansam de compôr. É necessario, não ha duvida, mas ignora-se o possivel resultado desse empreendimento. O que é certo é que o jazz, embora actualmente com muito menos força, constitue o melhor meio de expressão dos yankees.

Nesse genero elles conseguiram muita coisa apreciavel, genial mesmo, para quem gosta. Não é impossivel construir-se obra solida com esse material. Mas fora dahi, as tentativas dos sobrinhos do Tio Sam tem sido lisamente deploraveis.

Este senhor J. A. Carpenter faz parte dos que se obstinam nesta ultima orientação, isto é, a de ignorar o jazz, e pretender fazer musica classica á maneira da Europa. O facto é que ficou celebre com a obra que hoje nos occupa. É bem provavel que o titulo da mesma tenha influido bastante nessa popularidade.

O *perambulator*, com muita gente sabe, é um carrinho de creança. A musica tenta descrever as emoções dum gury que sahisse a passeio nesse vehiculo. A descripção dos quadros nos informa então que elle vê um policia, depois um realço, um lago, alguns cachorros, e depois põe-se a sonhar. Mas a descripção verbal é bem mais interessante que a musical.

Ignoramos, entretanto, si o autor escreveu a partitura para acompanhar algum desenho animado. Si assim foi, achamos que realizou plenamente os seus intuitos. Na orchestra ha de tudo, até xylophone, e parede que Carpenter gosta muito de Saint Saens.

Execução boa e gravação regular.

C. DE S.

GRAVAÇÕES POPULARES

A produção carnavalesca de 1938 não foi menor nem maior que a dos annos passados, e pela qualidade não apresentou grande melhoria. Notou-se mesmo uma grande falta de originalidade. Oitenta por cento das composições são arranjos, adaptações, arremedos, para delicadamente não gastarmos palavras que seriam talvez mais apropriadas, como roubo, plagio, etc...

Passando em revista a produção, seria fastidioso criticar uma por uma. Faremos para as melhores um pequeno commentario e englobaremos as restantes numa unica cathegoria — a cathegoria das lamentaveis.

Merecem attenção na produção Victor:

34.258 — «*A inveja matou Caim*», batucada de Kid Pepe e Antonio Almeida. Cantada por Aracy de Almeida.

34.239 — «*Alegria*» — samba de Assis Valente e Durval Maia. Cantado por Orlando Silva. É uma boa composição de Assis Valente, o rapaz dos altos e baixos. Orlando Silva se esforça para mediocrisar o samba, mas elle resiste bravamente.

34.247 — «*Bate palmas*», samba de Principe Pretinho e B. Guedes. Cantado pela dupla Preto e Branco. Principe Pretinho que foi uma das grandes ultimas revelações apresenta um samba de boa qualidade, cuja interpretação é rica de graça.

34.242 — «*Dono do meu affecto*», marcha de Nassara e E. Frazão. Cantada por Aracy de Almeida.

34.243 — «*Juro*», samba de Milton de Oliveira e Haroldo Lobo. Cantado por Aracy de Almeida. É a estreia dum novo sambista, que evidencia qualidades, mormente em outra composição, «*Quebrei a jura*», um samba excellente tambem cantado por Aracy de Almeida.

34.256 — «*Não pago o bonde*», marcha de J. Cascata e Leonel Azevedo. Cantada por Odette Amaral.

34.242 — «*Nunca pensei*», samba de Nassara e Rubens Soares. Cantado por Aracy de Almeida. É dos melhores apresentados, mas pouco carnavalesco.

34.258 — «*O que tem yá yá*», batucada de Kid Pepe e Germano. Cantada por Aracy de Almeida. A dupla que é famosa pelas suas victorias, tem nesta marcha este anno a sua melhor produção. É cousa definitiva e muito bem cantada por Aracy de Almeida.

34.241 — «*Quem foi que disse*», marcha de Amado Regis e Marcilio Vieira. Cantada por Odette Amaral. Ha que destacar a interpretação da cantora, que está melhorando dia a dia e como tem a voz mais afinada de todas as nossas cantoras, se tiver um pouco de juízo e material para ir longe.

34.243 — «*Só um novo amor*», samba de Max Bulhões. Cantado por J. B. de Carvalho, que faz o possivel para empobrecer-o com o seu vozeirão, mas que o côro, embora esganiçado, de algum modo salva.

34.261 — «*Vacca preta*», marcha de J. B. de Carvalho e Jorge Nobrega. Cantada por J. B. de Carvalho e côro. Embora seja a musica evidentemente me-

diocre, é bastante carnavalesca, acreditando que cairá no gongo do grande publico.

Devemos ainda destacar na produção Victor, a marcha *Vacca Amarella*, de Lamartine Babo, cantada por Aracy de Almeida e o autor; *Na esquina da sorte*, marcha de Lamartine Babo, cantada pelo autor e Aracy de Almeida; e *Beija-flor*, de Nassara, produção esta de uma grande habilidade de composição.

São lamentáveis: «Ali-Baba», marcha de Arlindo Marques e Roberto Roberti; «A mulher que eu mais amava», Antonio Nassara e E. Frazão! «Ando na orgia», samba de Alcebiades Barcellos e Armando Marçal; «Arara», marcha de Assis Valente e Leandro Medeiros; «Até a lua gostou», marcha de Djalma Esteves e Milton de Oliveira; «Até ella», marcha de Ataulpho Alves e J. Pereira; «Belleza Mia», marcha de Kid Pepe e Germano Augusto; «Bola Preta», marcha de Assis Valente; «Coração em leilão», samba de Benedicto Lacerda e Darcy de Oliveira; «Deixa o passado», samba de Assis Valente; «Duas cigarras», marcha de José Maria de Abreu e Francisco Mattoso; «Eu gosto de um certo alguém», samba de Kid Pepe e José de Oliveira; «Foste embora», samba de Djalma Esteves, Carlos de Almeida e R. Rezende; «Ironia», samba de Ataulpho Alves, Mario Nielcem e Alcebiades Barcellos; «Isso não é papel», marcha de Milton de Oliveira e Haroldo Lobo; «Julgou ser feliz», samba de Waldemar Silva e Candido de Vasconcellos; «Jurei mas fracassei», samba de Antonio de Almeida e J. Cascata; «Lágrimas sentidas», samba de Marcilio Vieira e José Alvarenga; «Liberdade», marcha de Benedicto Lacerda e Herivelto Martins; «Maria Sapêca», marcha de Herivelto Martins e Sebastião Rodrigues; «Minha intenção», samba de Assis Valente e Nelson Peterson; «Não beba mais», marcha de Alcebiades Barcellos e Roberto Martins; «Não chores», samba de Leonel Azevêdo e J. Cascata; «Não dou meu braço a torcer», samba de Roberto Martins e Benedicto Lacerda; «Não mando em mim», samba de Ataulpho Alves e Alcebiades Barcellos; «Oh! senhora viúva», marcha de Paulo Barbosa e Oswaldo Santiago; «Palavra de rei», samba de Príncipe Pretinho e Waldemar Crespo; «Palhaço é você», marcha de Kid Pepe e Siqueira Filho; «Pega na criança», marcha de Walfrido Silva e Pedro Caetano; «Pirolí, pirolí...», marcha de Antonio Almeida e Kid Pepe; «Pra gallinha descançar», marcha de Zé Pretinho e Oscar Lavado; «Procurei», samba de Max Bulhões e Milton de Oliveira; «Quadrilha no carnaval», marcha de Paulo Barbosa e Oswaldo Santiago; «Sabe quem é você? Você», marcha de Antonio Almeida e J. Cascata; «Segura o vestido», marcha de Roberto Martins e Benedicto Lacerda; «Sorrir», samba de Armando Marçal e Alcebiades Barcellos; e «Vou mandar prender», samba-batucada de Walfrido Silva e Jayme Brito.

Merecem atenção na produção Odeon:

11.540 — «Quando eu penso na Bahia», samba-jongo de Ary Barroso. Cantado por Carmen Miranda e Sylvio Caldas. Apresenta um certo interesse, é muito bem interpretado por Carmen Miranda, mas é pouco carnavalesco.

11.540 — «Eu dei», marcha de Ary Barroso. Cantada por Carmen Miranda e Sylvio Caldas. É interessante, bem interpretada, mas o sr. Ary Barroso, que positivamente tem a volúpia do microphone faz questão de entrar no disco e atrapalhar um bocadinho.

11.546 — «Seja o que Deus quizer», samba de Vadico e Maria Moraes.

11.547 — «Ando sofrendo», samba de Alcebiades Barcellos e Roberto Martins. Cantado por Francisco Alves. É notável. Interpretação magnífica.

11.547 — «Foi você», samba de Ataulpho Alves e Roberto Martins. Cantado por Francisco Alves. Muito bom. Interpretação excelente.

11.550 — «Couradas em Madrid», marcha de João de Barros e Alberto Ribeiro. Cantada por Almirante. É das melhores cousas apparecidas. Interpretação excelente do veterano cantor das emboladas.

11.553 — «Não chora», samba de Benedicto Lacerda e Darcy de Oliveira. Cantado por Dyrzinha Baptista.

11.553 — «Priquitinho verde», marcha de Nassara e Sá Roris. Cantada por Dyrzinha Baptista. É muito interessante e tem uma interpretação que vae alem da expectativa.

11.555 — «Como as ondas do mar», marcha de Ary Barroso. Cantada por Francisco Alves.

11.555 — «Vão para o Scala de Milão», marcha de Ary Barroso. Cantada por Francisco Alves. Dum grande sabor satyrico, com uma certas novidades de ordem tecnica e uma magnifica interpretação, este disco muito merece.

11.559 — «Vira para cá», marcha de João de Barro e Alberto Ribeiro. Cantada por Carmen Miranda.

11.561 — «Arca de Noé», marcha de Nassara e Sá Roris. Cantada por Almirante. Não tem importancia, mas é carnavalesca e com uma interpretação muito boa.

11.560 — «Pierrot moderno», marcha de J. Cascata e J. Barcellos. Cantada por Almirante. É sem grande importancia, mas engraçada e bem cantada por Almirante.

11.562 — «O cantar do gallo», marcha de Benedicto Lacerda e Darcy de Oliveira. Cantada por Almirante. Tem as suas cousas... como diz o Grieco. E a interpretação de Almirante é muito boa.

11.574 — «Teu sorriso tem», samba de Roberto Martins, e Nilson Baptista. Cantado por Sylvio Caldas. É uma das mais interessantes produções apparecidas. Uma grande simplicidade na composição, uma letra muito feliz, e a interpretação de Sylvio Caldas merece todo applauso.

Merecem destaque ainda na produção Odeon, «Onde vac você Maria?», samba de Benedicto Lacerda e Darcy de Oliveira, cantado por Carmen Miranda; e «Tereré não resolve», samba de Príncipe Pretinho e Rogerio Nascimento.

São lamentáveis: «Não faz mal», samba de Saint-Clair Senna; «A vida é boa», rancheira de Saint Clair Senna; «O melhor beijo», marcha de Jararaca e Vicente Paiva; «Mulungú», batuque de Jararaca e Vicente Paiva; «Guarda essa arma», marcha de Roberto Martins e Ataulpho Alves; «Seu conductor», marcha de Alvarenga e Ranchinho; «Yes! nós temos bananas», marcha de João de Barro e Alberto Ribeiro; «Cabra de sutian», marcha de Jararaca e Vicente Paiva; «Perna cabelluda», marcha de Jararaca e Vicente Paiva; «Ama secca», marcha de Antenogenes Silva e Oswaldo Santiago; «Mulher fatal», marcha de Antenogenes Silva e Oswaldo Santiago; «A cozinha é teu lugar», marcha de Paulo Barbosa e Oswaldo Santiago; «De deó em deó», marcha de Ary Barroso; «Ella sabe e não diz», samba de Ary Barroso; «Dona Geisha», marcha de Paulo Barbosa e Oswaldo Santiago; «No frevo do amor», frevo de Paulo Barbosa e Oswaldo Santiago; «Você faz tudo», marcha de Antonio Almeida; «Bem feito», samba de Antonio Almeida e Léo Cardoso; «Quantas lágrimas», samba de Marcilio Vieira e Alvarenguinha; «Amar é um prazer», samba de Antonio Almeida e José Gonçalves; «Maria Barafunda», marcha de Francisco Mattoso; «A cigana Ilhé enganou», marcha de Ary Barroso e Gomes Filho; «O meu dia ha de chegar», marcha de Ary Barroso e Alcyrr Pires Vermelho; «Você usa e abusa», marcha de Vicente Paiva e Luiz Menezes; «Pra que tanto ciúme», samba de Bucy Moreira e Lucy Martins; «Qual foi o mal que eu te fiz», samba de Getulio Marinho e Olyntho Patricio; «Você perdeu», marcha de Benedicto Lacerda e Darcy de Oliveira; «Na sua casa tem», marcha de André Filho; «Chorrei por teu amor», samba de André Filho; «Você está pra isso?», marcha de Ary Barroso; «Pois sim! Pois não!», samba de Ary Barroso; «Que horas são?», marcha de Alvarenga e Ranchinho; «Binda Veneza», marcha de Sylvio Netto e Plinio Bretas; «Fiquei buco», samba de Oswaldo Silva, A. Saldanha e Waldemar Silva; «Carnaval na minha terra», marcha de Kid Pepe e Aldo Cabral; «Onde é que que eu vou parar», samba de Germano Augusto e Cicero de Almeida; «Perdão Emilia», marcha de André Filho e Antonio Almeida; «Nos calos não me pise», marcha de Paulo Barbosa e Oswaldo Santiago; «Eu sou turista», marcha de Paulo Barbosa e Oswaldo Santiago; «Ratoeira», marcha de Alberto Ribeiro e Andre Filho; «Quem é que não chora», samba de Zé Pretinho e Cesar Brasil; «Esta cidade é um numero», marcha de Miguel Lúso.

CIGARROS

ELMO

TIPO AMERICANO

MAÇO 800 reis

CIA. SOUZA CRUZ

AMOR

Um rectângulo de luz saindo pela porta ia se projectar no chão de terra batida da rua do Curral. Dentro do rectângulo de luz a silhueta de Mariazinha, em pé no batente, punha desenhos de chromo ingenuo na noite. Um clarão de luz clareava os telhados vermelho-escuros das casas abarracadas. Do outro lado vinha uma voz cansada de mulher arrasando lentamente os versos de uma canção velha.

*«Quando eu morrer eu não quero choro,
Eu só quero é satisfação,
Uma grinalda de saudades róxas
E o meu sepulcro no seu coração...»*

A ultima syllaba da estrophe ficou nazalando como um éco, querendo talvez exprimir naquelle esforço o tamanho do coração.

Na esquina appareceu um homem. Um cachorro, senhor unico da rua, saudou-o com um rosnar abafado de quem procura aproveitar de um osso o possivel sabor de uma carne que houvera ali ha alguns dias. Não fez mais nada, o cachorro. Aquelle rosnado era como se fosse o aviso de uma sentinella. O homem parou na esquina e olhou para traz. Depois assustou-se com um barulho qualquer no mamoneiral. Não era nada. O vento, talvez. Depois olhou a rua. Das frestas das paredes mal aprumadas, de taipa, sahiam frepas de uma luz vermelha, de candieiro de pavier. Algumas vozes abafadas. E a rua quieta. Sem viv'alma. A mulher não cantava mais. Vinha agora, lá do fundo, das ultimas casas, o som de um violão.

No meio da rua, no rectângulo de luz que sahia da casa aberta a silhueta de Mariazinha era como um chromo ingenuo; em pé na soleira, hombros recostados na guarnição e braços cruzados sobre o peito. A cabeça voltada para o céu, com os olhos acompanhando frangalhos de nuvens brancas correndo deante da lua.

O homem continuava em pé na esquina. Uma porta escancarou-se gemendo nos gonzos enferrujados. Sahiu um homem.

— Adeus, nega.

— Adeus, bemzinho; vem amanhã?

— Não sei...

O homem da esquina parece que estava esquecido. Accendeu um cigarro, puxou o palitô, pigarreou e sahio a passos curtos estalando os tamancos. Defronte de Mariazinha parou.

— Boa noite, belleza...

Mariazinha estava mesmo olhando os frangalhos de nuvens correndo no céu. Asustou-se.

— Ou... boa noite. Estava tão distraída...

O homem, parado defronte della, arimava as duas mãos numa bengala de marmello.

— Saudade?

— De quem? Quem merecia minha saudade já morreu; era minha mãe...

O silencio ficou ali uns minutos, opprimindo como uma pedra ou como a presença de um defunto. O homem chu-

pava o cigarro, olhava impaciente para os lados. Ella não olhava impaciente para os lados. Ella não olhava mais para o céu; fitava elle. Quem se resolveu, finalmente, foi elle.

— Está sozinha?

Ella primeiro fez que sim com a cabeça; elle não percebeu bem.

— Hein?

Disse isto baixinho como se sentisse derrotado. Ella disse um sim bem baixo, tambem. Mas elle ouviu. Ouviu e criou alma nova.

— Ahn... pensei que estava esperando alguem...

Jogou a ponta de cigarro fora. Movimentou o corpo numa serie de gestos de libertação. Ella arreiou os braços e elle pegou na mão della.

— Está quente, nega...

— E a sua está gelada... você está tremendo? Vige...

Elle quiz rir mas sahio um riso atrapalhado.

— E' que eu estava com medo que você não ligasse conversa de um pé-rapado como eu; depois diz que mão fria é coração quente...

— Será? Então eu estou com o meu gelado...

— Mas vae esquentar; tambem isto é um dizer do povo.

O homem foi chegando mais para perto. Encostou tambem na guarnição e poz um pé no batente.

— Como é seu nome, nega?

— E' feio... Mariazinha...

— Que nada; é bonito como a dona, até.

— Isto é mangação; e você como se chama?

— Manuel.

Ella balançou o corpo. Elle abriu as narinas para aspirar melhor um cheiro de

alecrim do campo que vinha della. Foi quando elle olhou-a melhor. Os seus olhos pararam na pele morena de Mariazinha e desceram pelo contorno subtil do seu corpo. Aquelle vestido de chita de bolinha, nella, até parecia seda. Subiu para o batente. Poz as mãos nos hombros della.

— Você é bem nova...

— Dezoito, Neo...

O bafo morno que sahio com as palavras queimou o rosto delle. Pegou no queixo e balançou-o cariciosamente. Ella alisou o rosto delle.

— Mão grossa...

— Trabalho, nego...

As mãos delle desceram do hombro e correram o corpo até a cintura. Enlaçando-a, puxou-a para si. Quiz beijal-a na bocca e encontrou entre seus labios e os della, a mão. A mãozinha pequena e grossa e a voz della que dizia:

— Aqui na porta não; vamos entrar...

Entraram. A porta gemeu nos gonzos. A restea rectangular de luz desapareceu da rua. O chromo ingenuo de Mariazinha em pé no batente foi sepultado no escuro. O cachorro deu dois latidos surdos. Para a lua talvez.

A casa toda era a sala e um quarto. Na sala, uma mesa, tres cadeiras e, em cima da mesa, um candieiro de pavier e uma moringa. Manuel foi quem fechou a porta; passou a taramela com a mão esquerda; o braço direito estava preso á cintura de Mariazinha. Depois beijou-a. Apertou-a de encontro ao peito e mergulhou o nariz na cabelleira muito negra e muito densa da rapariga.

— Você gosta de alecrim do campo?

— Eu gosto, sim; frasco de cheiro custa tão caro... e alecrim de campo cheira tanto... Quer saber de uma coisa? Você para mim é um galho de alecrim do campo; só tem uma coisa: é que alecrim, alecrim mesmo, é verde escuro e você é morena.

— Sou é preta.

— Que nada. Morena e da boa. Na Bahia, até, morena mesmo é mais queimada do que você.

— Você já esteve na Bahia?

— Ora esta... eu sou embarcado; sou moço da «Marineta»; amanhã até eu vou lá... Vou até Maragogipe.

Mariazinha baixou o rosto. Sentou nos joelhos de Manuel. Pegou na mão delle e beijou...

— Ficou triste?

— Eu? Não. E' assim mesmo a vida. Chega uma pessoa que a gente sympathiza e vae logo embora.

— Está com dor de cotovello, hein? Eu não vou para a guerra, não vou morrer, filha; eu torno a voltar e depois eu fico a noite toda hoje...

— Então? Que horas são?

— Eu não tenho relógio mas lhe digo. Sahiu fora, olhou a lua.

— Dez e meia, Mariazinha.

— Tomara que a noite pare, não?

— E'...

Elle pegou-se de novo para beijal-a. Encheu a concha da mão com o seio della... Um seiozinho minuscuro, rijo: Chegou a bocca ao ouvido della.

COLLECÇÃO ARIEL DE OBRAS PRIMAS

1.º VOLUME

DO AMOR

de STENDHAL

Traducção de
MARQUES REBELLO
e CORRÊA DE SÁ

Preço: 15\$000

— Vamos, meu bem?

Os olhos della se fecharam devagar numa prova de assentimento. E, unidos, passaram para o pequeno quarto. Elle, devagar tirou a roupa de mescla. Ella puxou pela cabeça o vestido de chita de bolinhas brancas. Por dentro da combinação ficaram pulando os dois seios pequenos. Manuel apertou-a de novo.

— Que é isto, Néó?

— Você que é uma beleza... um amor...

E as mãos delle desceram dos golphos da cintura della, contornaram os quadris, harmoniosos, e foram descendo pelas pernas de musculos rijos. Ella estava sentada na cama; elle, com as mãos nos tornozelos della, fala, somente para si.

— Uma santa de bonita... uma lindeza de pelle... nem uma mancha... macia como uma mangaba madura...

— Apague a luz, nego.

Manuel olhou para ella. Depois soprou a candeia.

— Você é novata, não é?

— Não sei... E não pergunte outra vez.

— Tem vergonha?

— Não sei; mas com você é diferente.

— Mas diferente por que?

— Não sei; não estou dizendo? Com você... sei não, mas é diferente; não é bruto como os outros; fala manso, com delicadeza; até parece que é marido bem casado, ou irmão... Sei não, Manuel, mas você é diffente dos outros homens; parece até que é irmão da gente...

— Nega boa...

De madrugada a lua allumiava como se fosse sol. A porta se abriu com «gonzos gemendo. Elle sahiu abraçado com ella.

— Demore mais, nego...

— Não posso; a «Marinetti» vae sahir na maré das cinco e meia...

— Que saudade...

— Eu lhe escrevo... e mando um presente.

— Eu vou espiar a barça sahir...

— Adeus, Mariazinha.

— Adeus.

O homem sahiu assoviando. Da esquina olhou para traz. Deu um adeus com a mão. O vento fresco da madrugada lavava o corpo della. Nos seus olhos muito grandes duas lagrimas enormes mareavam a vista.

— Até a volta, nego. Que Bom Jesus lhe acompanhe...

A's cinco e meia o sol muito vermelho já começava a apparecer por detraz dos leques do coqueiral da Ilha. Defronte do trapiche a «Marinetti» de velas soltas, já ia fazendo marcha rio abaixo em busca da barra.

Quinze dias depois. Na sala, Mariazinha cose uns panos, cantarolando baixinho. Um homem vestido de azulão se enquadra na porta.

— Dona Mariazinha?

— As suas ordens...

Atravessando o batente e passando ás mãos de Mariazinha um pacote, o homem falou:

— Não é que eu sou piloto da «Conceição» e estava de sahida na Bahia para cá quando Manuel, o da «Marinetti» me pediu para trazer esta encomenda

para a senhora... Cheguei indagorinhazinha e aqui estou dando o recado, já...

Havia uma festa de sorrisos na bocca de Mariazinha.

— Muito obrigado... Agradecido.... Não quer sentar um pouco?

— Não senhora... Eu vou ver a minha patrôa, também... Até logo, dona.

— Até logo...

Mariazinha abriu o pacote. Um corte de fazenda, um par de sapatos e uma carta com uns galhos de alecrim do campo.

«Baía, 15 de agosto de 1937.

(Santo Antonio te Guie.)

Minha Nega:

Mariazinha eu pesso a Bom Jesus que esta le incontre em pais. Eu vou bem somentes com saudade. Fasso estas mau trassada linha pra le mandar estas coisa pro seu luxo. Minha Nega eu tou com uma saudade doida. Tomara ja voltar. Quem me dera sê um paçarinho...

Beijo-te ao longe.

Manuel Evangelista dos Santos, seu criado.»

A rapariga amassou a carta nas mãos, de contente.

— Oxentes... Tou chorando de alegria...

E uma voz crystallina, morena, deramou-se da sua alegria para os cantos pobres da casa. E passou para a rua, numa canção sentimental de moça virgem na ansia alegre e insatisfeita do primeiro amor...

OMER MONT'ALEGRE.

« SERTÃO BRAVIO »

Do eminente escriptor luso João de Barros, o Sr. Jayme Sisnando recebeu a seguinte e valiosa opinião sobre *Sertão Bravio*:

Meu Exmo. confrade: — E' um forte e commovente livro o *Sertão Bravio*, cuja leitura me empolgou. Mario, tio Pedro, Joanninha, D. Leocadia, o Coronel são personagens que não esquecem, tão viva e segura é a evocação de sua physionomia espiritual, ou da sua presença physica. Sinceramente o felicito por esse raro dom de contar, pela simplicidade e logica de acção, e pela exacta psychologia de quantos nella interveem, o que tudo mostra bem que o Sr. Jayme Sisnando é um romancista nato. Muito agradeço a penhorada offerta do «Sertão Bravio», e confesso-me — Mto. admirador, certo e dedicado, João de Barros.

Padre Antonio Vieira — *Por Brasil e Portugal* — Com. Editora Nacional —

Acompanhados de commentarios do sr. Pedro Calmon, aqui figuram alguns dos mais bellos sermões do padre Antonio Vieira. Todos em defesa da terra natal do grande jesuita e do paiz que os lusos iam formando na America. Obras primas de eloquencia e de senso politico, trabalhos de um humanista de genio que não foi nunca insensivel aos soffrimentos e ás aspirações do nosso povo.

Ultimas Novidades ARIEL

Cyro Martins
SEM RUMO

Gastão Cruls
VERTIGEM
(2.^a edição)

A. da Silva Mello
PROBLEMAS
DO ENSINO MEDICO
E DE EDUCAÇÃO

José Smplicio
RETRATO
POPULAR DE
UM HOMEM

René-Albert Guzman
CIUME
5.^a edição
12.000 exemplares

Stendhal
DO AMOR
Traducção de
Marques Rebello
e Correia de Sá

Cinema

Os castiões do Imperador (Emperor's Candlesticks) Direcção — George Fitzmaurice — M. G. M. — A espionagem como thema cinematographico tem-nos fornecido os films mais sombrios, mais tremendos para a nossa sensibilidade.

A espionagem é uma dessas missões de guerra em que o dominio de si proprio ha de se exercer em toda a plenitude. Para ser um bom espião é preciso possuir intelligencia e energia invulgaes, saber dissimular com a habilidade de um verdadeiro actor e sobretudo olhar a morte com a mais serena das indifferenças.

O film exhibido pelo Metro é um geito inteiramente diverso de apresentar o assumpto. Nada de tiros, de scenas apavorantes, de coisas da guerra. Ha mais «gags», ha mais scenas espirituosas do que em muitos films comicos.

Desde a scena inicial do baile de mascarar até o final aos pés do Imperador a historia é urdida com habilidade, sem situações forçadas.

Nessa historia duas serias de acontecimentos caminham parallelamente; de um lado a conspiração dos polonezes para libertar um conspirador condemnado por um tribunal russo, de outro, a longa serie de peripecias em que se defrontam William Powell e Luise Rainer.

É claro que todo o nosso interesse se inclina para o nosso espirito distraído pelo desempenho cheio de graça, de cynismo intelligente dos dois admiraveis espiões.

O centro de interesse de todo o film são dois objectos de ordem material: dois candelabros.

A estas duas maravilhas de prata estão ligadas a vida e as emoções de uma porção de criaturas. Os candelabros encerram um esconderijo secreto.

A missão de Volensky (Powell) é fazer chegar ao Imperador a carta dos revolucionarios polacos, que têm como refem o herdeiro do throno e a da condessa Mironova (Luise Rainer) é revelar a identidade de Volensky á policia russa.

Os candelabros, instrumentos de que se serviram os espiões para occultarem as suas mensagens, passam a fronteira, mas são roubados na viagem. A procura dos castiões atravez da Europa é uma pura delicia. Powell e L. Rainer fingem-se amigo, espreitam-se, mentem e acabam em Londres comprando-os em leilão por uma somma absurda.

Ha um engano na entrega dos castiões e desta vez os dois preciosos candelabros inutilizam um longo e bem architectado trabalho de hypocrisia.

Mas não estava na vontade de Fitzmaurice compôr um film desagradavel.

O imperador, cheio de admiração pelo heroismo de Volensky e pela nobreza da condessa Mironova, perdoa-os e os dois seres, aparentemente contrarios, acabam unidos na mais indissolvel das syntheses.

«Passaporte nupcial» (Espionage) — Direcção — Kurt Neumann — M. G. M. — O assumpto é o mesmo de *Os Castiões do Imperador*. Mas o director, ao

envez de inventar uma historia verosimil, possível, procura fazer uma «charge», uma caricatura da espionagem.

Essa feição caricatural só se faz sentir no final, quando os dois espiões, que esperavam seguramente a pena ultima, são apenas multados por não terem nas suas bicyclettas a lanterna trazira. Convem avisar que isto se passou na Suissa.

O início do film é de ordem a manter em alta tensão o espirito do espectador.

O ambiente é o classico da espionagem: agente n.º tal, individuos destacados para diferentes cidades, documentos mysteriosos, passaportes falsos.

A Keneth é confiada importante missão secreta. Deve embarcar em determinado trem. Nesse mesmo trem viajam innumerous outros agentes inclusive o celebre Kronsk.

Ao embarcar Keneth é roubado no seu passaporte. Quando o chefe de trem o exige, o espião vê-se embaraçado.

Mas uma espiã viaja no mesmo carro com um passaporte para casal, Keneth invade-lhe a cabine e força-a a passar por sua esposa.

Em torno desse lance comico gira todo o enredo, que é um desenrolar de perseguições, pancadaria, mysterios, cuja ligação com o thema principal nem sempre se percebe.

A preocupação caricatural, o falso mysterio, a graça forçada, cansam a attenção antes de chegarmos ao fim.

«Passaporte Nupcial» em nada recomenda a direcção de Kurt Neumann.

«Mysterio das Docas» — Direcção de William Clemens — Apezar de bastante sedição o crime como assumpto de films, apezar de nesses films existirem numerosas scenas de stock e um nunca acabar de circunstâncias já vistas e revistas, o film policial ainda consegue prender a attenção dos «fans» mais exigentes.

O conteúdo emocional de um film de «gangsters» é ainda bastante alto.

A presença de um policial intelligente, de um advogado habil, de um criminoso astuto agrada a qualquer espectador.

E essa necessidade de punir, de ver o crime castigado e o bem sempre triumphantes, o verdadeiro culpado sempre «introubles», augmenta a attracção dessa especie de films.

A pessoa do criminoso, do bandido é uma maneira habil de ver realizados e satisfeitos as nossas inclinações inferiores,

res, o nosso instincto sempre latente de destruição.

«Mysterio das Docas», embora muito longe de permittir confronto com os modelos do genero, assiste-se com relativo prazer.

«100 homens e uma menina». Nova Universal — Ha certos films que nos interessam por motivos não cinematographicos.

Em «100 homens e uma menina» não ha novidade alguma do ponto de vista artistico, do ponto de vista technico ou formal propriamente dito.

Em face deste film como de tantos outros do genero estamos quasi inteiramente fóra do cinema.

A proporção de som e de palavras deixa para as imagens uma margem bastante pequena. No andar em que as cousas vão o cinema acabará sendo uma arte para cegos.

Mas o caso de «100 homens e uma menina» é bem differente.

O entrecho é bem encaminhado e desenvolve-se com facilidade.

O desemprego é endemico nos paizes de alto capitalismo.

E essa idéa de formar uma orchestra com musicos desempregados nada tem de vulgar.

Mais admiravel, porém, é, por meio de publicidade, de falsas noticias, de habéis artificios obrigar o maestro Stokowski a reger essa orchestra.

E tudo isso, todo esse milagre é uma manifestação do dynamismo, da coragem, da magnanimidade de uma menina de 15 annos — Patricia Cardwell — que movimenta capitalistas, organiza orchestras, commove Stokowski, para conseguir um «job» para seu pae.

Ha uma passagem do film que revela um profundo sentido de observação e é um bello estudo de reflexo.

Stokowski não quer ouvir os musicos, que lhe invadiram a casa conduzidos pelo diabinho da Patricia Cardwell.

Os musicos atacam uma obra symphonica longa, difficil, em que manifestam excellentes qualidades de instrumentistas.

Os braços do maestro estão cahidos em attitude natural. Mas a onda sonora é mais forte do que a sua energia, do que a sua vontade.

As mãos vão-se agitando, a principio lentamente, depois mais rapidamente, e por fim o grande homem rege a orchestra sem querer, impulsionado pela mola de seus nervos, que não resistem á possante excitação do mundo exterior.

Os motivos não cinematographicos são a voz admiravel de Deanna Durbin, que é tambem uma actora de optimas qualidades para o «écran», e a regencia magistral de Stokowski.

A *Alleluia* de Mozart ganha toda a frescura, todo o viço da mocidade encantadora de Deanna Durbin.

100 homens e uma menina foi seguramente um dos espectadores mais agradaveis desse anno e não houve quem o assistisse sem a mais perfeita alegria.

O velho Menjou ainda consegue ser um bom actor e Mrs. Frost está toda na representação feliz de Alice Brady.

AURELIO GOMES DE OLIVEIRA

CIGARROS

ELMO

TIPO AMERICANO

MAÇO 800 reis

CIA. SOUZA CRUZ

UM INGRATO

O Vieira, que levára toda a vida a remar contra a maré, tinha enfim conseguido arranjar, não sei como, o capital necessário para abrir uma charutaria «manhosa», de uma porta só, na rua dos Ourives.

O negocio ia dando para viver, pois que para viver não eram precisos mundos e fundos. O Vieira morava com a senhora na propria loja, por traz da armação, e d. Maricota cosinhava, lavava e engomava. O casal não tinha filhos.

Pensando na vida, e esperando os freguezes, estava o marido ao balcão e a mulher cuidava, lá dentro, do feijão quotidiano, quando, uma vez, entrou na dharutaria, apressadamente, um velhote bem trajado, que se sentou num banquinho, arquejando, sem poder fallar.

O Vieira accudiu:

— Que tem cavalheiro?... que foi isso?...

O velhote ergueu os olhos e conseguiu dizer:

— Agua!

O Vieira foi buscar um copo d'agua, que o outro bebeu aos goles, reanimando-se aos poucos.

— Mas que foi isso?...

— Não sei... uma coisa que me deu de repente... mas como vê, não é nada... Bastou esse copo d'agua para me pôr bom!

— Não quer tomar outra coisa? Talvez que um pouco d'agua de melissa...

— Não; obrigado.

O velhote demorou-se ainda uns vinte minutos, conversando amistosamente com o Vieira, fazendo-lhe perguntas sobre os seus negocios, a sua familia, a sua vida, enfim. Quando sahiu, apertou com vigor a mão do negociante, e renovou os seus agradecimentos.

Dois dias depois appareceu outra vez na charutaria, sentou-se no banquinho, fez novos protestos de gratidão, e conversou durante meia hora.

Volveu no dia seguinte e foi apresentado a d. Maricota, com quem sympathisou bastante.

Vieira e a mulher ficaram desde então sabendo que o velhote era o commendador Mattos, negociante aposentado, solteiro, sem filhos, vivendo dos seus rendimentos, sem outra occupação que não fosse a cobrança dos alugueis dos seus predios e dos juros das suas apolices. Nesse dia, quando o commendador sahiu, o Vieira disse a d. Maricota:

— Este sujeitinho parece estar disposto a vir aqui á loja todos os dias dar dois dedos de prosa.

— E' uma amizade que não devemos desprezar, respondeu a senhora, que tinha espirito pratico.

— Por que?

— Ora essa! porque podemos encontrar neile um protector...

— Que protector, que nada! Um cacetete, deves dizer! Pois se elle nem ao menos fuma! Não nos compra um vin-tém!...

Entretanto, quando o commendador chegou no dia seguinte, encontrou para sentar-se, uma cadeira, em vez do banquinho da vespera.

Nesse dia estabeleceram-se definitivamente as relações de amizade. Dali por diante o velhote foi infallivel, sempre á

mesma hora, e não tardou que lhe fosse offerecida uma chicara de café, que d- veria, durante cinco annos, constituir um habito inveterado.

Quando elle não apparecia á hora, d. Maricota inquietava-se:

— O commendador não veio! Estará doente? Por que não dás um pulo até lá, Vieira?

Logo que o velhote assomava á porta, o marido bradava:

— Está ahí o commendador, Maricota! Olha esse cafésinho que saia!...

As relações estreitaram-se tanto, que uma vez, queixando-se o Vieira de falta de freguezia, o velhote disse-lhe:

— Pudéra! Você tem uma casa que não inspira confiança! Isto não é uma loja! uma portinha...

— Ora! quantos começaram com uma portinha...

— Já lá vae esse tempo! Hoje uma charutaria deve ter pelo menos duas portas, uma boa armação e um sortimento de primeira ordem, tudo do bom e do melhor.

— Bem sei; mas onde vou buscar dinheiro para tudo isso?

— Não lhe dê cuidado o dinheiro. Arranje casa, e deixe o resto por minha conta.

O Vieira não tardou em ter um armazem de olho. O proprio commendador alugou-o, apresentando-se como fiador. Dentro de um mez a nova loja era inaugurada, sem que nada lhe faltasse, inclusive o bico de gaz para uso dos fumantes.

O casal foi morar no sobrado, por cima da loja. O commendador forneceu dinheiro para a compra de toda a mobilia.

No momento de legalizar a divida, o Vieira perguntou-lhe se queria ser seu socio commanditario.

— Nada! retirei-me do commercio e não quero voltar. Serei simplesmente seu credor. Você vae assignar quinze letras, com o juro do Estado. O pagamento será suave.

E foi. O Vieira resgatou as letras uma por uma, nos prazos respectivos. Fel-o sem o menor esforço, porque a charutaria prosperou admiravelmente.

D. Maricota já se não entregava aos serviços domesticos, e, talvez porque não tivesse agora tanto em que se occupar, um bello dia percebeu que estava grávida.

— Quero ser padrinho da creança! disse o commendador quando soube da novidade.

O excellente homem era já considerado como pessoa da casa, embora, escravidado ao habito, se limitasse a tomar todos os dias o seu cafésinho na loja, sentado na sua cadeira, uma cadeira de braços, que o Vieira encommendara ao Moreira Santos expressamente para o seu protector.

A pontualidade com que foram pagas as quinze letras fez com que augmentasse a amizade do velhote, que collocava acima de tudo a probidade commercial, a honra da firma.

Quando o menino se baptisou, o padrinho presenteou-o com um magnifico enxoval e fez-lhe um seguro de vida.

Dahi por deante raro era o mez em que a creança não recebia um mimo. Vieira e d. Maricota eram tambem constantemente obsequiados.

— Ora commendador! — foi incommodar-se por nossa causa!

— Qual incommodar-me! Vocês são a minha familia! Não tenho mais ninguem neste mundo!

— Abençoado copo d'agua! dizia d. Maricota, sempre que o velhote tinha um novo rasgo de liberalidade.

— Graças áquelle copo d'agua, accrescentava o marido, ainda havemos de ser muito ricos!

Não sabemos de que modo manifestar o seu reconhecimento por tão inverosimil protecção, mandou o Vieira pintar a oleo o retrato do commendador, e pendurou o quadro na sala de visitas.

Mas tudo se acaba. Um dia o commendador deixou de apparecer na loja, que frequentou diariamente durante cinco annos.

O Vieira correu logo á casa delle: encontrou-o seriamente enfermo. Queiz leval-o para o seio da familia, onde seria tratado com desvelo filial, mas o commendador resistiu: queria recolher-se ao hospital de sua ordem. Foi inabalavel. Fizeram-lhe a vontade.

A molestia aggravou-se, e, conquanto nem um momento lhe faltassem os cuidados da sciencia, o doente falleceu 15 dias depois de haver entrado para o hospital.

O Vieira e d. Maricota contavam (escusado é dizer) que elles e o pimpolho fossem os unicos herdeiros. Enganavam-se. O testamento, que só appareceu e foi aberto depois do enterro, contemplava com dez contos de réis o afilhado do morto; o mais era distribuido por hospitaes e asylos. O Vieira nem sequer apanhou a testamentaria.

— Com effeito! esbravejou d. Maricota, — nunca pensei que aquelle typo não nos deixasse ricos! Por que então dizia elle que nós eramos a sua familia? Mal empregados os oitenta mil réis que nos custou a corôa!...

— Tenho até vontade, confessou o Vieira, de desistir dos dez contos que elle deixou ao afilhado! dez contos! Que miseria!...

— Seria melhor não lhe ter deixado nada! Nosso filho não precisa de migalhas!

— A minha vontade era destruir aquelle retrato! vociferou o Vieira.

— Não! obtemperou d. Maricota, — o retrato ha de ser vendido a qualquer dos estabelecimentos que herdaram.

E lançando um olhar indignado para o commendador, que lhe sorria compassivamente na sua téla, a desgraçada accrescentou:

— Este mundo está cheio de ingratos!

ARTHUR AZEVEDO

(Dos «Contos Cariocas»).

— Morreu o critico de arte Arsène Alexandre, que sempre soube conciliar o enthusiasmo pelos velhos mestres da pintura com a hospitaleira acolhida a todos os que mostrassem um talento real nas suas investidas renovadoras. Arsène Alexandre era autor de dois livros, muito prezados pelos artistas, sobre o caricaturista Daumier e o esculptor Barye.

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel pede aos srs. editores ou autores que lhe remetam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais injor-mativa possível.

- A. C. Tavares Bastos — O VALLE DO AMAZONAS — Brasileira — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
 Garibaldi Dantas — EXTREMO ORIENTE — Collecção Viagens — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
 Ivan Ribeiro — ALLELUIA — Poemas — Edição do Autor — Rio.
 Padre Antonio Vieira — POR BRASIL E PORTUGAL — Sermões commentados por Pedro Calmon — Brasileira — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
 Eduardo Victorino — ACTORES E ACTRIZES — A Noite Editora — Rio.
 Roberto Simonsen — A INDUSTRIA EM FACE DA ECONOMIA NACIONAL — São Paulo.
 Nina Rodrigues — AS RAÇAS HUMANAS E A RESPONSABILIDADE PENAL NO BRASIL — Brasileira — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
 Joaquim de Souza Leão Filho — FRANS POST E SEUS QUADROS BRASILEIROS — Edição do Governo de Pernambuco — Rio.
 Afranio Peixoto — ENSINAR A ENSINAR — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
 Gastão Pereira da Silva — PRUDENTE DE MORAES, O PACIFICADOR — Zelio Valverde Editor — Rio.
 Vinício da Veiga — O PRESIDENTE — Romance — Livraria Freitas Bastos — Rio.
 Bueno de Azevedo Filho — ADDENDO A SILVA LEME — Estudos genealogicos — São Paulo.
 S. Fróes Abreu — A RIQUEZA MINERAL DO BRASIL — Brasileira — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
 Felipe d'Oliveira — ALGUNS POEMAS — Sociedade Felipe d'Oliveira — Rio.
 Alvarus de Oliveira — GRITO DO SEXO — Romance — Brasilia Editora — Rio.
 Thomaz Antonio Gonzaga — MARILIA DE DIRCEU E MAIS POESIAS — Prefacio e notas de Rodrigues Lapa — Livraria Sá da Costa Editora — Lisboa.

José Carlos de Macedo Soares — *Discursos* — Livraria José Olympio Editora — Rio.

Encontram-se aqui alguns dos melhores discursos proferidos pelo sr. Macedo Soares. Orações sempre claras e persuasivas, de uma linguagem assejada e avessa a superfluos recamos litterarios. Eloquencia feita toda ella de acção. Cada phrase é uma attitudo de patriota, uma realização brasileira em marcha. Nunca falou o sr. Macedo Soares para se dar a esbanjamentos de rhetorica, mas apenas para encaminhar projectos uteis ao paiz. Seu programma, aqui e no estrangeiro, foi sempre este: servir o Brasil. Releiam-lhe as allocuções aos estudantes de S. Paulo ou a Marconi e vejam como a palavra humana, contrariando o conceito de Talleyrand, tambem serviu para que esse diplomata, esse estadista dissesse muitas vezes a verdade.

Antonio Corrêa d'Oliveira — *Patria nossa, patria vossa* — Edição Brasilusa — Rio.

E' esse presentemente um dos maiores poetas da Lusitania. Reencontram-se nelle a emoção, a graça, a simplicidade dos quatrocentistas e quinhentistas que têm o nome ligado a tantos Cancioneiros immortaes. Falando de nós outros, Antonio Corrêa d'Oliveira diz neste livro coisas encantadoras. E' um portuguez que se fez logo, pelo affecto e pelo enthusiasmo, patricio nosso.

Afranio Peixoto — *Ensinar a ensinar* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.

Bem merecido o successo obtido por este volume em sua primeira edição. Relendo-o agora só podemos rejubilar com o bom gosto dos que o acolheram com applausos, vae para alguns annos. Homem culto e brilhante, que pensa claro, o sr. Afranio Peixoto não se vê na imminencia, como tantos outros, de ser abandonado pelo publico. Seus livros são dos que ficam, mas, para felicidade do autor, não são dos que ficam apenas na estante dos livreiros...

Francisco Morato — *As divisas de S. Paulo e Minas Geraes* — S. Paulo.

Bastante legivel este relatorio de uma commissão de limites que tanto trabalhou para solucionar honradamente um velho litigio de mineiros e paulistas. Sabese que, em casos taes, vêm á baila dezenas de detalhes de historia e geographia e é necessaria muita cultura para

Dr. Alvaro de Lemos Torres — CURRICULUM VITAE — São Paulo.

Pedro Leandro Ipuche — TIERRA CELESTE — Sociedad Amigos del Libro Rioplatense — Montevideo.

Guillermo Francovich — OS IDOLOS DE BACON — Brasilia Editora — Rio.

Simão Ferreira Paes — AS FAMOSAS ARMADAS PORTUGUEZAS — Ministerio da Marinha — Rio.

Isaac Z. Raizman — HISTORIA DOS ISRAELITAS NO BRASIL — São Paulo.

Antonio Corrêa d'Oliveira — PATRIA NOSSA — PATRIA VOSSA — Ed. Brasilusa — Rio.

Luiz Agassiz e Elisabeth Cary Agassiz — VIAGEM AO BRASIL — Brasileira — Companhia Editora Nacional — São Paulo.

ANNAES DO ITAMARATY — Volume II.

Irene Mello — *Destino* — Os Amigos do Livro — Bello Horizonte.

Em admiravel artigo, estampado numa revista de Bello Horizonte, o sr. Mario Mattos accentuou o muito que ha de poesia na prosa da sra. Irene Mello. A autora quiz fazer contos, mas estes acabam quasi sempre convertendo-se em poemas. Certas intenções localistas vão aos poucos cedendo espaço a uma amplitude de emoção humana que não exige excursão a Minas para bem comprehende-la. Corações assim prescindem perfeitamente, para chegar até nós, de qualquer contingente de informação historica ou chorographica. Encbrajar a estreante de agora é, consequentemente, desejar mais uma excellente escriptora para o Brasil de amanhã.

Guillermo Francovich — *Os Idolos de Bacon* — Brasilia Editora — Rio.

Louvavel a iniciativa do brilhante jornalista Pizarro Loureiro ao facilitar-nos a todos a Teitura, em boa traducção vernacula, do livro do illustre pensador boliviano sr. Guillermo Francovich. *Os Idolos de Bacon* são por assim dizer a summa de longas viagens no mundo dos livros, accrescidas de longas meditações solitarias. Fundamente preocupado com os destinos collectivos, o sr. Francovich sente que a vida dos homens é acima de tudo um problema de consciencia. Dahi o ardor com que conduz as suas indagações pela sociedade de hoje, procurando distinguir aquillo que é alma daquillo que é apenas actividade digestiva.

que a exposição final não se despenhe no inutil papelorio burocratico. Pois essa cultura não faltou ao sr. Morato e seus companheiros, sendo especialmente de destacar o merito da argumentação juridica do volume.

Roberto Simonsen — *A industria em face da economia nacional* — S. Paulo.

Deputado classista na Camara Federal, o sr. Roberto Simonsen trabalhou ás direitas. Sem se deleitar na parolagem rhetorica que embasaca os frequentadores das galerias, preferiu a actividade discreta dos pareceres bem elaborados, dos projectos de boa estrutura em que idéas e factos brasileiros se sobrepuzessem a inuteis fantasias importadas de livros europeus. Especialista em questões economicas, procurou elle transmittir aos collegas aquillo que lhe ensinara uma longa experiencia nos reductos dynamicos da Paulicéa.

Garibaldi Dantas — *Extremo Oriente* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.

Temos neste volume uma nova demonstração de que não nos faltam bons jornalistas. O sr. Garibaldi Dantas realizou sem esforço uma attraente reportagem pelas terras do Japão e do que observou por lá sabe offerecer-nos sempre a nota vivaz e suggestiva. Bem andou a Companhia Editora Nacional incorporando as impressões de viagem do sr. Garibaldi a uma das suas collecções mais prestigiosas.

STENDHAL

DO AMOR

Em Edição ARIEL

Preço: 15\$000

JOAQUIM NABUCO

A Civilização Brasileira S. A., continuando a sua iniciativa de editar as «Obras Completas de Joaquim Nabuco», acaba de lançar os seguintes livros do grande escriptor brasileiro:

Pensamentos sôltos — A primeira traducção da famosa obra de Nabuco, publicada inicialmente em francez sob o titulo «Pensées Détachées». Traducção, feita especialmente para a Civilização Brasileira S. A., pela propria filha de Nabuco, a escriptora Carolina Nabuco.

Brochura 10\$000.

Balmaceda — Um dos livros mais procurados do grande pensador brasileiro. Exgottado ha muitos annos, a iniciativa da Civilização Brasileira S.A. foi a realização de um velho desejo de todo o publico da nossa terra.

Brochura 7\$000.

**Outras obras de Joaquim Nabuco,
já apparecidas na mesma série:**

Minha formação — A obra prima, o grande livro de emoção e de pensamento, que nos legou a pena de Nabuco. Encontra-se em suas paginas o famoso trecho em que elle recorda a sua infancia passada no Engenho de Massangana.

Brochura 8\$000.

Encad. simples 15\$000.

Encad. de luxo 18\$000.

Um Estadista do Imperio — O grande livro em que Nabuco estuda toda a vida social e politica do Imperio, traçando a biographia do seu pae, o conselheiro Nabuco de Araujo. E' todo o panorama do Brasil Imperial, agitando-se as figuras de relevo na politica, na litteratura, com todos os sectores da vida nacional daquella época. A vida de um brasileiro illustre contada por seu filho — um dos maiores brasileiros.

Brochura (2 grandes volumes) 50\$000.

Encad. (2 grandes volumes) 80\$000.

Em todas as livrarias e na LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

RUA SETE DE SETEMBRO, 162 — RIO DE JANEIRO

Bibliotheca de Divulgação Scientifica

Dirigida pelo Dr. ARTHUR RAMOS

Vol. I — O NEGRO BRASILEIRO — *Arthur Ramos.*

Livro basico em que vêm estudadas as multiplas questões que interessam ao negro do Brasil. Vol. broch. 10\$

Vol. II — O ANIMISMO FETICHISTA DOS NEGROS BAHIANOS — *Nina Rodrigues*

O iniciador dos estudos negros em nossa terra, grande figura da cultura brasileira do seculo passado, tem, neste livro, uma das suas mais preciosas contribuições. Vol. broch. 8\$

Vol. III — QUESTÕES DE ANTROPOLOGIA BRASILEIRA — *Bastos de Avila.*

Reunião de varios ensaios sobre antropologia representando, algumas pesquisas originaes do autor. Vol. broch. 7\$

Vol. IV — O FOLK-LORE NEGRO DO BRASIL — *Arthur Ramos.*

O illustre africanologista brasileiro estuda, neste livro, mais um angulo do palpitante assunto, o negro como elemento de folclore. Vol. broch. 10\$

Vol. V — ALIMENTAÇÃO E RAÇA — *Josué de Castro.*

Noções simples da alimentação, assunto que interessa, no mais alto gráo, a todos os brasileiros. Vol. broch. 8\$

Vol. VI — HEREDITARIEDADE E EUGENIA — *Otávio Domingues.*

Não ha, em toda serie de problemas biologicos, face mais interessante no que diz respeito á hereditariedade e ao aperfeiçoamento do homem. Este livro os expõe e comenta. Vol. broch. 8\$

Vol. VII — RELIGIÕES NEGRAS — *Edison Carneiro.*

Um estudo de um dos novos e acreditados valores da cultura nacional. — Vol. broch. 7\$

Vol. VIII — VALOR SOCIAL DA ALIMENTAÇÃO — *Ruy Coutinho.*

Estudo enormemente documentado de alguns problemas de alimentação. A questão da carne. Outras questões palpitantes. Vol. broch. 12\$

Vol. IX — NOVOS ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS — *Gilberto Freyre e outros.*

Reunião de novos documentos e importantes contribuições, de caracter literario e científico, levados ao 1.º Congresso Brasileiro do Negro, reunido em Recife. Vol. broch. 12\$

Vol. X — O PORTUGUEZ DO BRASIL — *Renato Mendonça.*

Estudo erudito sobre a importante questões do portuguez falado em nosso paiz. Vol. broch. 12\$

Vol. XI — A ESCRITA PRE-HISTORICA DO BRASIL — *Alfredo Brandão.*

Uma contribuição valiosa a um problema que ultimamente voltou a interessar ao nosso paiz: prehistoria. Vol. broch. 10\$

Vol. XII — AS CULTURAS NEGROS DO NOVO MUNDO — *Arthur Ramos.*

Um livro de grande erudição, onde Arthur Ramos fixa a sua maior contribuição ao estudo do problema do negro em toda a America. Uma obra de grande interesse cultural. Vol. broch. 13\$

Vol. XIII — XANGÔS DO NORDESTE — *Gonçalves Fernandes.*

Mais um livro sobre africanologia, e estudando um dos seus aspectos fundamentais, e mais interessantes. Vol. broch. 8\$

Vol. XIV — NEGROS BANTÚS — *Edison Carneiro.*

E' um ameno documentario, onde o autor reúne valiosas notas sobre ethnografia religiosa e folclore. Vol. broch. 7\$

Em todas as livrarias e na LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

RUA SETE DE SETEMBRO, 162 — RIO DE JANEIRO

Collecção "VIAGENS"

Possua o dominio dos mares, percorra todos os continentes
— na leitura dos livros da Collecção "VIAGENS"

AMERICA — de Monteiro Lobato.

E' o livro de um viajante minucioso que penetrou em todos os segredos da civilização americana. Livro de viagens, é também um repositório de agudas observações sobre a civilização americana. Além disso, um livro com o «humor» de Monteiro Lobato. Monteiro Lobato em New-York, vivendo a sombra dos arranha-céus, observando, escrevendo, sorrindo. Um livro do maior interesse e de um agrado absoluto — 3.^a edição — broch. 6\$000

SHANGAI — de Nelson Tabajara de Oliveira.

Um annotador subtil do Oriente, descrevendo Shangai, a agitação das ruas amarellas, o misterio do Oriente. Shangai, a grande cidade chinesa, está viva e palpitante, nas paginas deste livro de leitura absorvente.
2.^a edição — broch. 6\$000

JAPÃO — de Nelson Tabajara de Oliveira.

Ainda o mesmo autor «reporter» agudo, dono de uma visão perfeita, — em ruas do Oriente. Agora é o Japão, com a sua tenacidade e o seu exotismo, em um volume cheio de encanto, vivacidade, brilho e, principalmente, experiencia. A experiencia de quem viveu varios annos na sociedade Jáponeza — Vol. broch. 6\$000

EUROPA INQUIETA — de René de Castro.

Um passeio por quasi toda a Europa. Aqui, mais o encanto da vida social e a graça inquieta das ruas. Os theatros. Londres, Paris, Vienna, á meia noite. Um livro de jornalista, que percorreu varios paizes e agora apresenta as suas impressões com todas as armas do sucesso. — 6\$000

DINAMARCA — de Lyder Sagen.

Um pulo á proximidade do Pólo. O paiz dos «fjords» é toda uma civilização diferente, mais simples, menos preconceituosa. E, que paisagens possui a Dinamarca!

broch. 6\$000

CHÃO DE FRANÇA — de Ribeiro Couto.

Este livro, do nosso grande poeta, é um admiravel panorama da França. Mas não apenas Paris, com os seus habitos e os seus homens conhecidos. Principalmente a França da provincia, a França do interior, com objectividade e lyrismo, por um escritor dos maiores que possuímos. Este livro obteve recentemente o premio «Interallié», numa das maiores distinções literarias da França. E' um livro de comovida comprehensão e de ternura.
broch. 6\$000

O ROTEIRO DO ORIENTE — de Nelson Tabajara de Oliveira.

Uma viagem do Brasil ao Oriente, com todas as escalas, e os comentarios que todas as escalas sugerem. O exotismo da Africa do Sul. E a Oceania! Quanto exotismo nessas paragens, onde talvez tenham nascido

os primeiros homens. Este é um livro cheio de aspectos variados, mutações, itinerarios novos.

Um livro inimigo do tédio e da monotonia.

broch. 6\$000

DO ARAGUAYA AS INDIAS INGLEZAS — de Josias de Almeida.

O titulo indica a extensão da viagem. E' a travessia de varios oceanos, e a viagem começando no Brasil, lá no interior, entre barrancos de rios enormes, ao som de remadas de indios e de quedas de arvores. Quer assistindo á revoada de periquitos em Marajo; quer presenciando as festas dos bois sagrados da India, o autor prende a nossa atenção em todos os instantes.

broch. 6\$000

A INDIA — de Bruno Vassel.

E agora a India. Aquella terra, uma das mais velhas do mundo, com os seus habitos e costumes desvendados por um conhecedor profundo do seu mysterio. O autor foi demarcador de terras na India, é um espirito arguto e vivo. Agora, recolheu neste livro, escripto por ele em S. Paulo, as suas impressões.

broch. 6\$000

NA EUROPA — de Alfredo Mesquita.

Uma viagem, viva e rapida, pela França, pela Hespanha, pela Hollanda, dos canaes e dos campos de tulipa, pela Inglaterra, pela Europa Central. Todo o panorama da vida moderna na Europa, contado e revelado por uma poderosa visão critica.

broch. 6\$000

VINTE E CINCO GRAUS ABAIXO DE ZERO — de Armando de Aguiar.

Que frio! E' o ineditismo das paysagens geladas, e os costumes tão diversos, e a vida tão outra. As regiões bem proximas do polo, com as sugestões que justificam, descriptas por um jornalista para o qual a lingua portugueza é um instrumento de arte.

broch. 6\$000

AMERICA DO SUL — de Antenor Nascentes.

E a America do Sul, aqui perto de nós, e desconhecida pela a maioria dos brasileiros. Neste livro se faz uma verdadeira reportagem acerca de usos e costumes, paysagens e homens que vivem em nossa America, do outro lado dos Andes, ainda sob o Cruzeiro do Sul.

broch. 6\$000

O JAPÃO QUE EU VI — de Henrique Paulo Bahiana.

Uma viagem ao Japão, por um brasileiro que já amava o Japão antes de partir. Não só impressões pessoas, mas também documentos, attestando todos os aspectos da civilização japoneza.

Os livros da coleção «Viagens», a unica coleção especializada neste assumpto que se edita no Brasil, para o Brasil e Portugal, representa a possibilidade e o encanto das viagens, realizadas á luz da sala de jantar, na cadeira macia onde lemos.

EDIÇÕES DA

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO — RECIFE — BAHIA — PORTO ALEGRE

Collecção "BRASILIANA"

Ultimas publicações na grande bibliotheca de cultura
editada pela COMPANHIA EDITORA NACIONAL

VIAGEM AO BRASIL — Vol. 95.

Luiz Agassiz e Elizabeth Agassiz.

O famoso naturalista francez Luiz Agassiz foi, decerto, um dos mais argutos observadores e viajantes do Brasil do tempo passado. Naquelles tempos em que uma viagem do Rio a S. Paulo assumia caracter de aventura, toca-se o eminente sabio de Nova York para o Brasil, chefiando uma pequena expedição de seis membros efetivos, e alguns vieram a ter consideravel influencia no desenvolvimento da ciencia em nosso paiz.

A viagem de Agassiz, realizada em 1865 estendeu-se por todo o Norte, e até o Rio de Janeiro, interessando-lhe principalmente a bacia amazonica. O repositório de informações etnograficas, sociologicas, geologicas, alem das que dizem respeito á ciencia natural, tornam este livro um precioso volume. Alem disso, numa tradução primorosa de Edgard Sussekind de Mendonça, é uma leitura das mais atrahentes, tão atrahente quanto util.

Broch:

A RIQUEZA MINERAL DO BRASIL — Vol. 102.

S. Fróes de Abreu.

Faltava ás bibliotécas brasileiras um livro como este, do eminente mineralogista S. Fróes de Abreu, em que é estudada, com uma visão panoramica, a riqueza mineral do Brasil. Vivemos a afirmar: somos um paiz de incriveis recursos mineraes. Mas, a verdade é que não se conhece com serena segurança a exata proporção em que apparecem esses thezouros. O desconhecimento será o inaproveitamento.

Este livro, escrito na linguagem amena dos homens simples, livre do exagero technicista de certos homens de ciencia, vem informar ao brasileiro quanto vale a sua terra, pela riqueza universal que dorme no seu subsolo. São mais de vinte capitulos em que, não só se estudam as questões geraes da mineralogia e a ação dos primeiros grandes mineralogistas do paiz, como se dá separadamente, um a um, uma noção sobre as nossas riquezas dos mais diversos mineraes.

Vol. broch.

POR BRASIL E PORTUGAL — Vol. 108.

Padre Antonio Vieira.

Pedro Calmon chama-o «o patriarca dos nossos oradores politicos». De facto elle foi, o culto, o eloquente, o persuasivo, o honesto padre Antonio Vieira. Os seus sermões formam um documento exemplar de eloquencia, de fervôr religioso e de sabedoria. No pulpito, esse jesuita portuguez, de coração brasileiro, era um illuminador da tribuna sagrada, cujos altos privilegios sempre honrou e dignificou.

Agora apparecem os seus sermões, os seus magnificos sermões, são sermões do estadista, do homem de espirito publico que elle foi, sermões anotados e comentados por um dos nossos maiores historiadores.

Vol. broch.

AS RAÇAS HUMANAS E A RESPONSABILIDADE PENAL
NO BRASIL — Vol. 110.

Nina Rodrigues.

Nina Rodrigues, o grande pesquisador brasileiro do seculo passado, iniciador de uma serie de estudos interessantissimos entre nós, tem neste livro a sua obra fundamental. Era um homem voltado para as coisas brasileiras, e ainda aqui esta inclinação do seu espirito se patenteia: «o livre arbitrio relativo nos criminalistas brasileiros», as «raças humanas no codigo penal brasileiro», o «Brasil antropologico e etnico», a «população brasileira no ponto de vista da psicologia criminal: indios e negros», eis alguns dos titulos de capitulos deste livro admiravel, prefaciado por Afranio Peixoto, e já em 3.^a edição.

Vol. broch.

CAPITANIA DE SÃO PAULO

Washington Luis.

A historia da capitania de São Paulo encontrou em Washinton Luiz o seu grande estudioso. O ex-presidente da Republica reuniu em um livro de formato pequeno e nada fatigante, os dados a fisionomia, o caracter da capitania paulista, traçando tambem uma larga paysagem da vida e das principaes familias do tempo — os Campos, os Leme, e outros — o que forma o seu livro, agora publicado em 3.^a edição, um volume de vivo e palpitante interesse.

Vol. broch.

COLEÇÃO «BRASILIANA»

«RETRATO POLIEDRICO DO BRASIL»

Monteiro Lobato.

EDIÇÕES DA

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

São Paulo

— Rio de Janeiro

— Recife

— Bahia

— Porto Alegre

O mais completo Livro de Cosinha



EXMAS. SNRAS.

Ampliae os vossos conhecimentos adquirindo este precioso livro.

Diferente de todos os outros, pela sua forma pratica em descrever os conteúdos das receitas, e a sua manipulação.

Mil trezentas e cincoenta

:: :: receitas diversas :: ::

CLARAS

SIMPLES

EFFICIENTES

Cem diversas receitas para Dieteticos e especiaes pratos nortistas

A arte de cosinhar complexa nas suas variadas formas, foi estudada por D. Maria de Lourdes Costa, professora, diplomada em arte culinaria, que desejando contribuir para engrandecer os conhecimentos das Snras. donas de casa neste «metier», apresenta o livro de cosinha de sua autoria contendo 1354 receitas diversas, experimentadas, para a manipulação do seguinte:

Hors d'oeuvres	Ovos	Bolos
Canapés	Legumes	Tortas
Sandwiches	Massas	Pudings
Môlhos	Licores	Molhos para pudings
Sopas		Cremes
	Refrescos	Molhos para cremes
Peixes	Sundays	
Mariscos	Sorvetes	Docinhos diversos
Crustaceos	Aperitivos	Brôas
	Cooktails	Pães
	Punches	Pãezinhos
Carnes	Toddys	Bolachas
Caças	Egg-Noggs	Rosquinhas
Aves	Fizzes	Etc. Etc. Etc.

ARTE DE CONFEITAR

Sobre este importante trabalho encontra-se no livro A ARTE DE COSINHAR, além das necessarias explicações, diversos desenhos das machinas e ferros para este fim, e suas applicações.

Sobre este util ensinamento que quasi todas as professoras de arte culinaria fazem «grande segredo profissional», D. Maria de Lourdes Costa, descreve em seu livro A ARTE DE COSINHAR, o mais perfeito METHODO DE CONFEITAR, podendo qualquer pessoa em sua casa, fazer doces, biscoitos, etc., saborosos e lindos, iguaes aos das confeitarias de primeira ordem.

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL

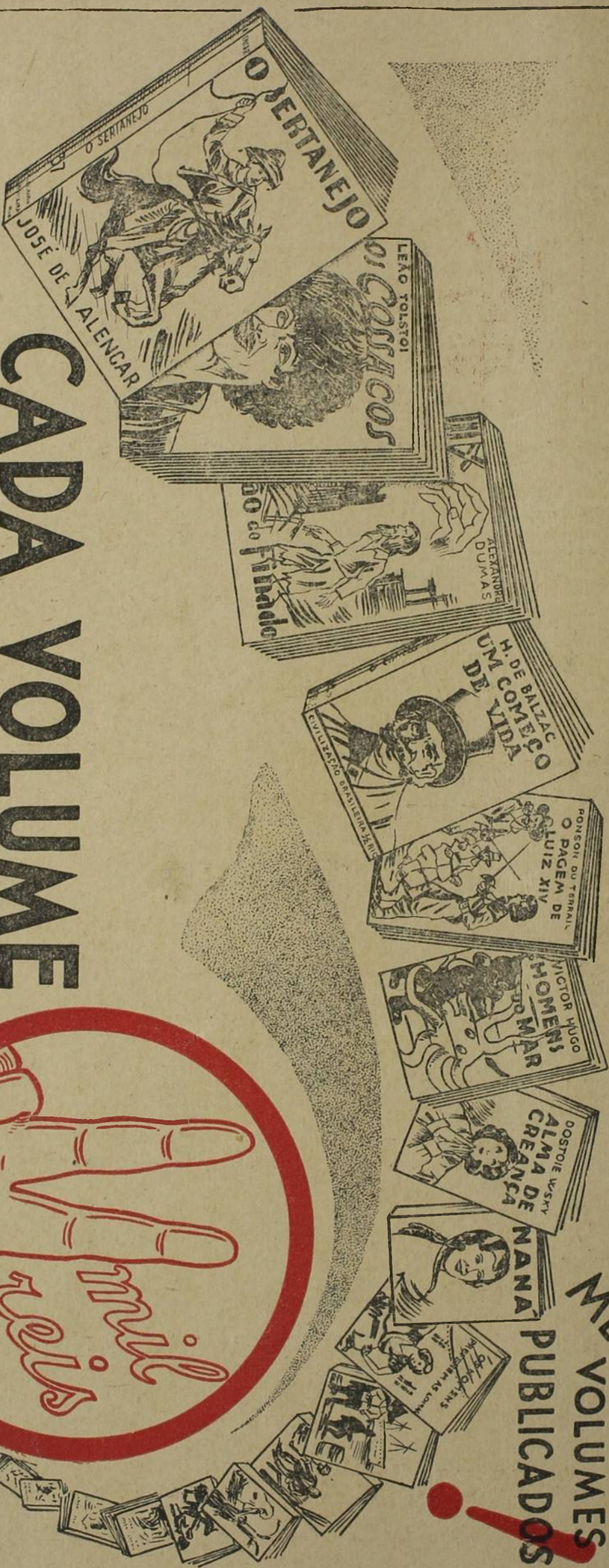
Volume cartonado 12\$000

PEDIDOS A'

CIVILIZAÇÃO BRAZILEIRA S/A

Rua Sete de Setembro n.º 162 — Rio de Janeiro

COLEÇÃO "SIP" MEIO MILHÃO DE VOLUMES PUBLICADOS



CADA VOLUME

EM TODAS AS LIVRARIAS E NA
LIVRARIA CIVILIZAÇÃO - RUA 7 DE SETEMBRO 162-RIO